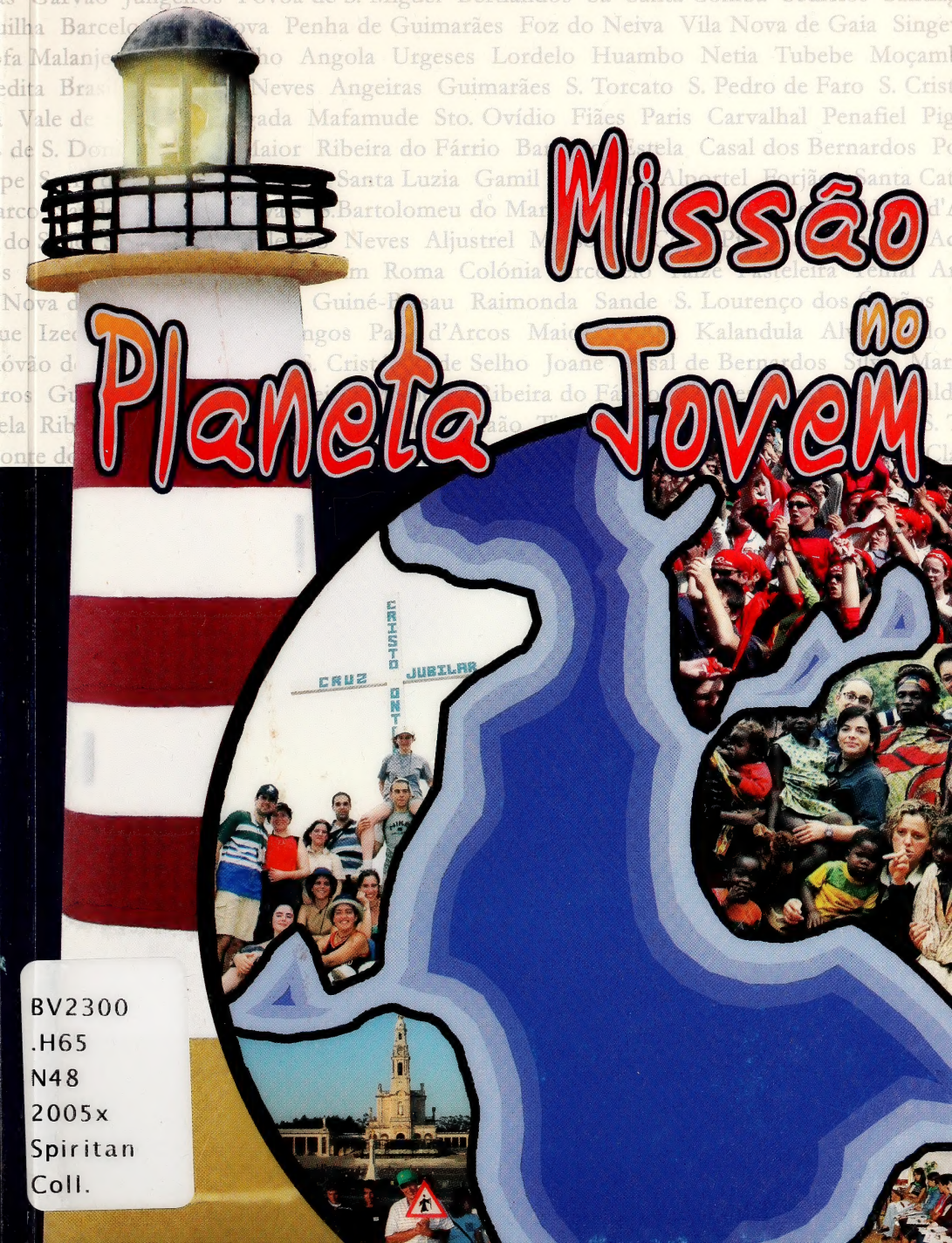
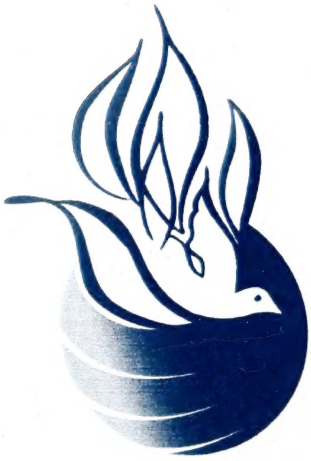
Tony Neves

Missão no Planeta Jovem



BV2300
.H65
N48
2005x
Spiritan
Coll.

SPIRITAN COLLECTION
DUQUESNE UNIVERSITY
The Gumberg Library



Congregation of the Holy Spirit
USA Eastern Province

TONY NEVES

Missão no Planeta Jovem

Prefácio
de
José Manuel Sabença

Missionários do Espírito Santo
Paróquia da Foz do Sousa
Sol Sem Fronteiras
Jovens Sem Fronteiras

BV 2300
.H65
N48
2005X
SPIR
0225009962

Título: Missão no Planeta Jovem

Autores: Tony Neves (coordenador), António Farias, António Silva, Arlindo Amaro, Carolina Silva, Cátia Asseiro, Fátima Monteiro, Faustino Monteiro, Firmino Cachada, Joana Araújo, João David, José Manuel Sabença, Juan Ambrosio, Lúcia Pedrosa, Margarida Querido, Miguel Ribeiro, Patrícia Magalhães, Paula Neto Nogueira, Paula Vicente, Paulo Vaz, Raul Viana, Sandra Colaço, Sandra Simões e Susana Silva.

Prefácio: José Manuel Sabença
Apresentação: Joana Araújo
Edição: Missionários do Espírito Santo, Paróquia da Foz do Sousa, Sol Sem Fronteiras e Jovens Sem Fronteiras.
Capa: Celso Neto Nogueira
Paginação e Revisão: Paula e Celso Neto Nogueira
Impressão e acabamento: Gráfica Povoense
Tiragem: 1500 exemplares
Setembro de 2005

Outras obras do autor:
"A Igreja Angolana e os Meios de Comunicação Social" – 1995
"Doutrina Social da Igreja" – I,II,III – 1995
"Arquidiocese do Huambo" – 1995
"Justiça, Paz e Direitos Humanos" – 1996
"Missão em Angola" – 1997
"Angola. A Igreja Católica pela Paz" – 2001
"Missão em Rescaldo" – 2004
"Crónicas com Missão" – 2005

Depósito legal: 232220/05

Prefácio

Por José Manuel Sabença*

Havia um sábio ancião que passava a vida a fazer fogueiras. Mas, em vez de apanhar um facho de lenha e pegar-lhe o fogo, preferia recorrer a um método muito antigo: fazia fogueiras com sementes. Era um sábio semeador que lançava as sementes à terra. Depois acompanhava-as no seu crescimento, fortalecia as árvores que daí cresciam e esperava que produzissem frutos antes que pudessem ser cortadas e transformar-se em fogo. Chamavam-lhe um louco e num mundo tão veloz e rápido, já ninguém compreendia tanta paciência. Mas o que é certo é que ele conseguia manter as fogueiras bem acesas, todo o tempo. "Uma fogueira de sementes", dizia ele, "nunca mais se apaga". Ela é muito mais duradoira que as labaredas rápidas da fama e do sucesso.

Este livro, coordenado pelo P. Tony Neves, recolhe muitas sementes que têm sido lançadas ao campo da juventude, sobretudo através de semeadores que, ao longo dos anos, têm trabalhado e animado os Jovens Sem Fronteiras. Partindo da espiritualidade dos fundadores da Congregação do Espírito Santo ou da experiência missionária concreta, os colaboradores desta publicação põem assim em destaque aspectos relevantes para a Missão sem fronteiras no planeta jovem. Tal como o semeador presta mais atenção ao terreno e às raízes do que às folhagens e às flores, também aqui é importante realçar que os jovens precisam de enraizar a sua vida em fundamentos sólidos e em terra boa. É particularmente nessa terra bem tratada que Deus pode fazer germinar a semente da vocação apostólica. É na terra do coração juvenil, fortalecida da sua alegria e generosidade, que tal semente vai desabrochar em flores e frutos de uma vida consagrada à Missão sob a forma de

voluntariado missionário, irmão/irmã religiosa, ou padre missionário.

Também os fundadores da Congregação do Espírito Santo, o jovem Cláudio Poullart des Places e o judeu convertido Francisco Libermann, foram terreno fecundo onde Deus fez frutificar a semente da vocação missionária. Mais ainda: tornaram-se semeadores de fogueiras porque foram capazes de incendiar os corações com o fogo do Amor de Deus. Libermann pede-nos mesmo que nos tornemos santos incendiários, capazes de nos deixarmos purificar pelo fogo divino e sermos, no mundo, semeadores do fogo da Esperança.

Que este livro, feito a pensar nos jovens e naqueles que os ajudam a viver a sua fé e a sua alegria, possa ajudar uns e outros a viver e testemunhar a alegria da Missão Sem Fronteiras e fortaleça alguns na sua decisão de se tornarem, por sua vez, semeadores de esperança, evangelizadores, missionários ou missionárias, aqui bem perto de nós ou bem lá mais longe...

Escrevo estas palavras em época de férias missionárias, quando muitos jovens dão boa parte do seu tempo aos outros, ao convívio, à fraternidade em nome de Jesus Cristo. Que esta semente de vida cresça no coração de cada jovem! Que este Cristo seja o Sol deste planeta jovem!

---

* José Manuel Sabença, espiritano, Provincial dos Espiritanos em Portugal. Lançou os JSF em Clamart.

Apresentação

Por Joana Araújo *

Identidade e Missão Sem Fronteiras

"Os desígnios de Deus são insondáveis"... Uma frase que, com toda a certeza, já ouvimos muitas vezes para explicar algum acontecimento cuja razão ou sentido não compreendemos. No entanto, quando olho para estes 22 anos de história JSF percebo que não é bem assim...

Tudo começou com um projecto simples e (porque não dizê-lo?) pouco ambicioso: um grupo de jovens para animar as festas e reuniões da LIAM. Reuniu-se o grupo, os jovens fizeram-se à estrada e o caminho que nos trouxe ao "agora" começou a ser trilhado. Do pequeno grupo inicial surgiram grupos paroquiais. Lisboa, Braga, Porto e, mais tarde, Algarve, Lamego, Setúbal, Leiria-Fátima, Aveiro, Santarém, Beja, Vila Real,... de repente, não eram apenas grupos isolados, mas grupos com algo em comum, que partilhavam ideias e projectos (Movimento?). Fora de Portugal, apareceram grupos em França (Colmart e Clamart), em Cabo Verde, Angola e S. Tomé e Príncipe.

Depois, a vontade de não ser "apenas" missionários nas nossas paróquias, mas de partir em direcção a outras terras, dentro e fora de Portugal. Surgem as férias missionárias no Alentejo e as Pontes, dando força ao lema 'estar perto dos que estão longe sem estar longe dos que estão perto'. Entretanto, o sentimento de que todos partilhavam a mesma missão leva a que os jovens sintam necessidade de se juntarem, de se encontrarem, aprenderem uns com os outros e de, juntos, aprofundarem a espiritualidade missionária e espiritana. Encontros Nacionais, Retiros, Orações...

E quando a história já nos dava alguma maturidade, surgiu a necessidade de uma estrutura institucional que permitisse não só apoiar projectos, mas também construí-los desde a raiz. A ONGD 'Sol Sem Fronteiras' nasce, então, para dar corpo a um desejo de fazer mais. Já lá vão mais de dez anos a construir projectos solidários.

Finalmente, surgem os primeiros a sentirem que esta missão lhes pedia mais do que um mês e que a vida aqui podia esperar...o Reino de Deus é que não! E partem os nossos primeiros voluntários para darem um ou dois anos da sua vida... E um ou outro decide entregar toda a sua vida à Missão...

Quando reflicto sobre a riqueza desta nossa história, não consigo deixar de me maravilhar com a forma como Deus nos guiou por este caminho. Apesar de tudo ter começado com um pequeno projecto, à medida que fomos percorrendo a estrada, Deus deu-nos sinais e aqueles que caminhavam entenderam-nos e concretizaram um sonho que era já do Pai antes de ser nosso. E caminhando, fomos construindo a nossa identidade e a nossa história.

Hoje, sabemos qual o nosso papel e quais o nossos objectivos, mas sabemos também que as etapas que nos esperam podem apresentar-nos novos desafios. E, como aqueles que, ao longo de 20 anos, fizeram a nossa história, Deus vai ajudar-nos a interpretar os seus desígnios e a caminhar pelo caminho da sua Missão.

Olhar o futuro não é ter medo do que ele nos reserva. É saber que ele nos pode pedir mudanças ou nos pode trazer dificuldades e, ainda assim, não duvidar de que é ele, o caminho, que nos faz. Esta não é uma frase batida ou um lugar comum. É uma lição adquirida pela prática, pela nossa própria experiência, já que os JSF são hoje o fruto dos 20 anos de aventuras, desafios, e até dúvidas e problemas.

Depois de comemorarmos 20 anos de história, é altura de nos pormos a caminho e continuarmos a trilhar os próximos 20. Mas só o poderemos fazer se olharmos para trás e, do passado, retirarmos as lições que fazem de nós o que somos. Se

o futuro nos vai pedir mudanças (como nos pediu o passado), temos que o enfrentar sem medo de mudar e com a certeza de que essas alterações não vão afectar a nossa identidade. A única forma de o fazer é reflectindo sobre a nossa história e sobre o trilho que Deus nos fez calcorrear.

Assim nasce este livro.

Um livro que, através de textos escritos ao longo de duas décadas, resume quem somos e nos dá pistas para responder à pergunta "Quem queremos ser?".

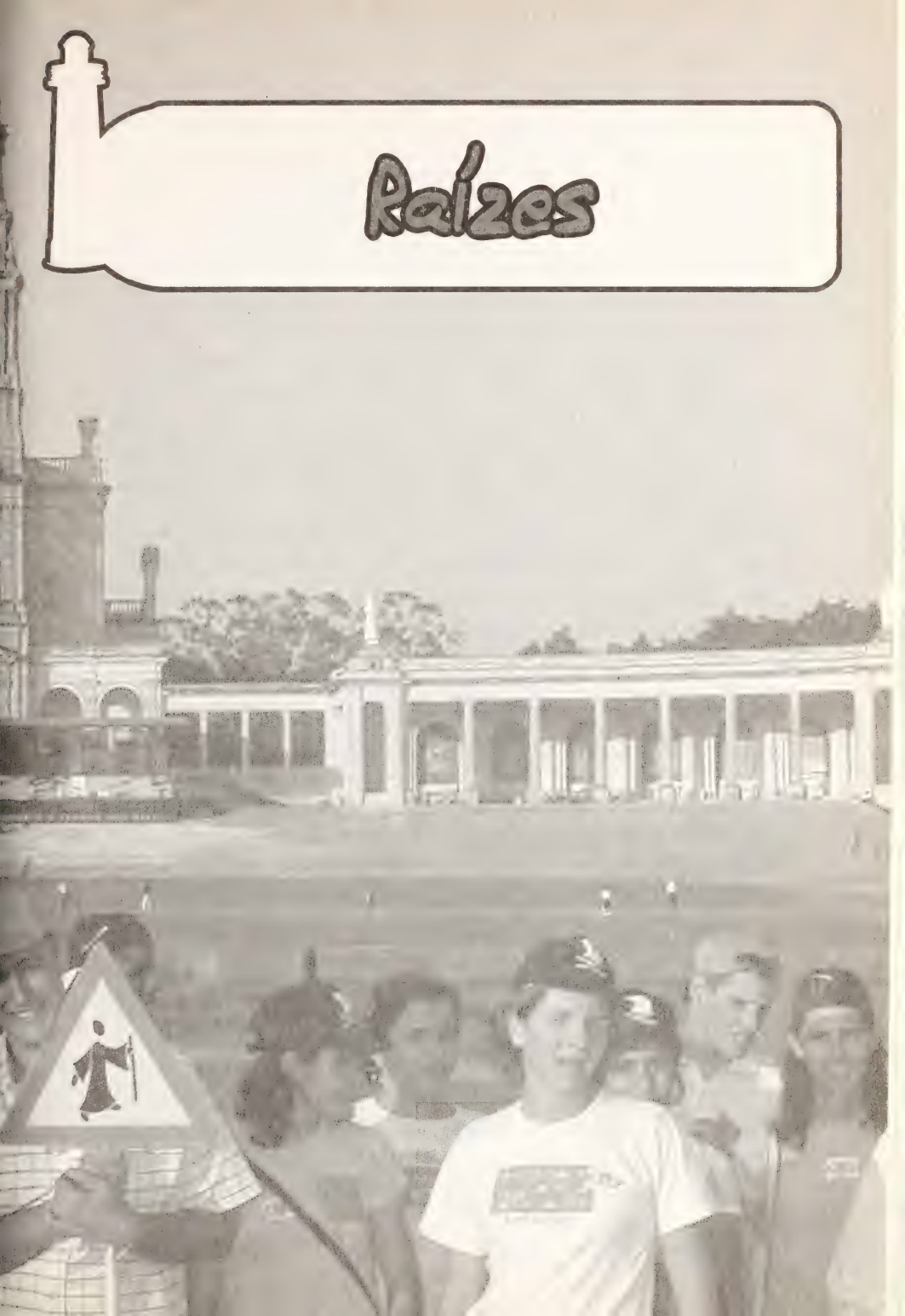
Mesmo não sabendo o que Deus nos reserva, sei, porque olhei para trás, quais os valores que nos vão guiar: a solidariedade vivida no dia-a-dia; o partir constantemente ao encontro dos mais pobres, à semelhança dos fundadores dos Espiritanos, Francisco Libermann e Cláudio Poullart des Places; o fazer da Missão de Cristo a nossa Missão, nos mais pequenos gestos; e tudo isto sempre em comunidade, com a Congregação, a Paróquia e os outros grupos.

Não sei se os desígnios de Deus são sempre tão fáceis de interpretar... mas quanto aos JSF não tenho dúvidas: o Pai só quer que nós caminhemos e que, como leve pena, nos deixemos guiar pelo Seu Espírito, fazendo nossa a Missão de Seu Filho. Ele faz o resto...

---

* Joana Araújo, Presidente dos JSF. Licenciada em Direito.

Raízes



Jovens Sem Fronteiras
20 anos Solidários na Missão

Encontro com a História

Por Tony Neves *

Os jovens sempre estiveram no centro das preocupações da animação missionária espiritana. Quando a Liga Intensificadora da Acção Missionária (LIAM) nasceu, em 1937, apostou muito forte na pastoral juvenil, dando-lhe um cunho missionário. No início dos anos 70, tiveram lugar as então chamadas «caminhadas heróicas», a «Juventude Missionária» e os «Cursos Ad Gentes». Foi este protagonismo dos jovens, em muitas das iniciativas da LIAM, que conduziu à fundação dos Jovens Sem Fronteiras em 1983 pelo P. Firmino Cachada, a quem o Provincial dos Espiritanos confiara a animação missionária dos jovens, a partir de Lisboa. O P. Arlindo Amaro lançou o movimento em Braga, o P. António Farias no Porto e o P. José Manuel Sabença em Clamart, periferia de Paris. Ao longo do tempo, foram surgindo grupos JSF em Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Angola, a partir das «Pontes» coordenadas pelo P. Firmino Cachada. Estes grupos JSF fora de Portugal estão ligados aos Espiritanos que ali trabalham.

Em 1998, os JSF celebraram 15 anos de vida no X Encontro Nacional, realizado na Praia das Maçãs, em Sintra. Foi tempo de recordar o passado, olhar o presente e projectar caminhos de um futuro que está nas raízes. Em pleno Jubileu dos 300 anos dos Espiritanos, os JSF celebraram 20 anos de Missão. O carisma, a espiritualidade e a história são marcos decisivos, pontos de referência obrigatórios.

Encontros Nacionais e Regionais

A Praia das Maçãs (Sintra) acolheu o **X Encontro Nacional**

em 1988. Numa exposição fotográfica, intitulada *Expo87-98 – Mares navegados de Barcelos a Sintra,* mostraram-se imagens dos Encontros de Barcelos (87), Ilha da Azambuja (88,89,91 e 95),Penha-Guimarães (90), Foz do Neiva-Viana do Castelo (92), Colégio do Sardão - V.N. Gaia (96) e Ribeira do Fárrio – Ourém (97). O Seminário do Fraião acolheu o Nacional 99 e o Seminário da Torre d'Aguilha (Cascais) o de 2000. O norte recebeu os JSF para os Nacionais de 2001 (Paróquia de Fiães - Santa Maria da Feira) e de 2002 (Paróquia de Carvalhal – Barcelos). Em contexto de Jubileu, pelos 20 anos do Movimento, o Encontro Nacional 2003 realizou-se no Seminário da Torre d'Aguilha, em Cascais. O Nacional 2004 realizou-se no Mosteiro beneditino de Singeverga, em S. Tirso e o de 2005 realiza-se em S. Cristóvão de Selho, em Guimarães. Com um tema e um lema alusivos ao que de mais importante a Igreja está a viver, estes Nacionais JSF são o único momento do ano em que todos, de norte a sul, se encontram para celebrar, rezar, partilhar, aprofundar conhecimentos e experiências, avaliar, programar e confraternizar.

Os Encontros Regionais apostam mais na formação e, ao longo dos primeiros 20 anos de vida do Movimento, tiveram um papel muito importante para as regiões de Braga, Porto e Lisboa.

Os JSF começaram a participar no Encontro de Coordenadores da Animação Missionária Espiritana (CAME) desde a sua 2ª edição, em 1997. Participam, desde 2004, no Conselho da Animação Missionária da família espiritana.

Retiros

O crescimento interior e a dimensão da Fé nunca poderão ser descurados ou atirados para um segundo lugar. Por isso, as reuniões começam-se e terminam-se a rezar, os grupos organizam vigílias e, nos tempos litúrgicos fortes, criam espaços de oração. A Missão está sempre presente na Palavra de Deus que se lê, nos testemunhos que se chamam ou recordam, nas petições que se fazem, nos compromissos que os membros do grupo têm.

O Retiro deve, contudo, ter lugar cativo na agenda de cada JSF, uma vez por ano. Em geral, é na Quaresma que escuta o convite de Cristo para se ir até ao deserto, até à Fonte, beber espiritualidade, carregar baterias, fazer a experiência de Deus na oração. Nos primeiros 20 anos da história dos JSF, os Retiros, de norte a sul, têm sido dos pratos fortes para enfrentar a caminhada do dia-a-dia.

O **Centro Espírito Santo e Missão (CESM),** criado em 1997, integrou no calendário anual, todos os Retiros dos JSF (Braga, Porto e Lisboa).

Encontros de Animadores

O I Encontro Nacional de Animadores teve lugar em 1990. Nasceu da convicção de que todos(as) quantos são eleitos para coordenar os grupos paroquiais JSF precisam de uma formação especial, numa perspectiva de liderança e dinâmicas de grupos. Eles e elas, mais que os outros, necessitam de conhecer a espiritualidade e o carisma espiritano. Estes Encontros (também estendidos aos Vice-Animadores) têm jogado um papel vital no bom funcionamento dos grupos, durante o ano de pastoral. Aqui se apresentam os programas anuais, se partilham listas, actividades e preocupações. A injecção de confiança e de coragem para enfrentar as dificuldades a surgir durante o ano também tem lugar neste Encontro.

Sintonia com a Igreja local

Os grupos de JSF são paroquiais. A inserção na Igreja local é um ponto de honra, faz parte da essência e do carisma do Movimento. Por isso, todos os jovens se integram e se empenham nas suas comunidades paroquiais. O pároco é sempre o animador espiritual nº1 do Grupo. Ele deve aprovar o programa de actividades e deve acompanhar a sua realização.

A sintonia com a Igreja local está bem patente nos cargos que muitos JSF desempenham a nível da Pastoral da paróquia,

do arciprestado/vigararia e da Diocese. No âmbito nacional, os JSF deram uma colaboração muito grande na execução dos **Fátima Jovem** desde 1994, que tiveram lugar em Fátima. O mesmo compromisso esteve bem patente nos «Fórum Ecuménico Jovem», realizados em Leiria (1999), Lisboa (2000), Vila Nova de Gaia (2001), Coimbra (2002), Aveiro (2003) e Santarém (2004).

Reuniões / Aposta Formativa

A formação integral (humana e cristã) é uma prioridade de todas as vertentes de uma pastoral Juvenil. Os JSF não fogem à regra. Nas reuniões semanais, a formação deve ocupar, pelo menos, dois terços do tempo. Trata-se de educar para os valores humanos, educar para a Fé e, dentro desta, para a dimensão missionária da Igreja. Têm sido orientados muitos cursos ou sessões sobre os mais variados temas, no âmbito dos valores e numa linha de Fé. Nesta mesma linha se pode situar o Seminário sobre Direitos Humanos que teve lugar na Universidade Católica (Lisboa) por ocasião do 10º Aniversário JSF. E muitos Colóquios têm sido organizados por diversos grupos, nas várias regiões do país.

Foi no Encontro Nacional de Animadores, realizado na Torre d'Aguilha, em 2002, que se lançou a Primeira parte do Caderno de Temas para as Reuniões dos Grupos JSF, da autoria da Fátima Monteiro. A 2ª parte foi lançada no Encontro Nacional de Animadores, em Fátima, em 2003.

Férias Missionárias

Em 1988, um grupo de JSF foi até Caió (Guiné-Bissau) para ajudar a construir a Escola Sem Fronteiras. Cabo Verde foi o campo escolhido para a missão seguinte a que se deu o nome **Ponte 92.** S.Tomé e Príncipe acolheria a **Ponte 94,** enquanto os JSF da região Braga foram trabalhar para a Guiné-Bissau. No ano seguinte, houve, em simultâneo, duas experiências: S. Tomé e Cabo Verde **(Ponte 95).** Os JSF da Região Braga

fizeram uma nova experiência de Verão, desta feita em S. Lourenço dos Orgãos (Cabo Verde) para ajudar a construir a Padaria da Solidariedade. A **Ponte 96** foi em Malanje (Angola), a **97** foi no Huambo, a **99** em Caió-Tubebe (Guiné-Bissau). a **2000** em Netia (Moçambique), a **2001** em S. Tomé e a **2002** na Calheta de S. Miguel (Cabo Verde). Em plena celebração dos 20 anos, a Ponte **2003** foi «construída» em Kalandula, Malanje, em Angola. A Missão Católica dos Dembos, Diocese de Luanda, acolheu a Ponte **2004** e **2005** marcou a abertura à América Latina, com a Ponte realizada em S. Cristóvão de Cabo Frio, no Brasil.

A estas experiências missionárias «lá fora», juntaram-se muitas outras «cá dentro». As **Semanas Missionárias** e as **Semanas Comunitárias** congregaram JSF sem actividades organizadas em diversas dioceses. Foi tempo de testemunho, de partilha, de oração, de vida comunitária, em situações tão diversas como são paróquias de Bragança, Viana, Lamego, Leiria, Aveiro ou Beja. O número de JSF que participam nas Semanas Missionárias vai aumentando de ano para ano. Por isso, em **2002, 2003, 2004 e 2005** foram organizadas quatro Semanas no mês de Agosto.

A partir de 2001, os JSF iniciaram a sua participação nos Campos de Trabalho de Aranda del Duero (Espanha), na casa de recuperação de toxicodependentes e integraram-se em todas as iniciativas promovidas pela Equipa Ecuménica Jovem (Fóruns, Campo de Trabalho no Telhal, Peregrinação a Taizé).

No Ano Internacional da Juventude (1985), os JSF realizaram a **I Peregrinação Missionária, a pé, a Fátima.** A II teve lugar em 1987, a III em 1990 e a IV em 1993.

A celebração das **Jornadas Mundiais da Juventude**, com o Papa João Paulo II, levou a Santiago de Compostela, em 1989, dezenas de JSF que foram convidados a trabalhar nas equipas de acolhimento. Foi igualmente forte a participação de JSF de todas as regiões nas Jornadas Mundiais da Juventude que tiveram lugar em Paris (1997), em Roma (2000) e em Colónia (2005). A **2ª Visita que o Papa** fez a Portugal também foi muito participada pelos JSF, sobretudo a celebração no

Estádio do Restelo (Lisboa), o mesmo se diga da 3ª, a Fátima, para beatificar os Pastorinhos, a 13 de Maio de 2000.

Cultura e Missão

A Aula Magna da Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa acolheu os quatro **festivais da Canção Missionária (1986, 87, 88 e 91).** São um marco histórico de que ficaram discos e cassetes para comprovar a qualidade do evento. Em colaboração com a Comissão dos Cinco Séculos de Evangelização e Encontro de Culturas, os JSF empenharam-se na realização do **Festival Cultura e Missão (Junho 1990)** que teve lugar junto à Torre de Belém (Lisboa). Como balanço foi escrito: *"Mais de cinco mil jovens e adolescentes; três concertos de música; entrevistas com missionários; um programa «Despertar ao Vivo» (RR); uma marcha luminosa; passeios de convívio no Tejo; um festival de folclore e culturas de expressão portuguesa; uma Eucaristia solene junto da Torre de Belém".*

Campanhas de Solidariedade

A formação é prioritária para a caminhada de um grupo juvenil. Mas não se pode ficar por aqui, é preciso lançar mãos à obra e fazer o que estiver ao alcance para que a Missão possa ir para a frente. Os apelos que os missionários lançam de situações de fronteiras são um desafio a exigir resposta adequada. Assim, os JSF, em Lisboa, lançaram logo no início o **Fundo de Apoio a Igreja do Terceiro Mundo (FAITM)** que aderiu ao **Serviço Espiritano de Solidariedade.** Em Braga, os JSF também apoiaram diversos projectos missionários, sobretudo na Guiné-Bissau e em Cabo Verde (Padaria da Solidariedade). Para tal, os grupos organizaram festas, quermesses, rifas, feiras de artesanato.... Iniciativas como «jantar africano», «concerto sem fronteiras», «chá missionário», «bacalhau pela missão», «janeiras solidárias», «sarau cultural», «sopa missionária», «teatro pela missão» ... já fazem parte do imaginário sem fronteiras. Uma Missão criativa e solidária.

Sol Sem Fronteiras

Como a sociedade avança e não se pode ficar para trás, era urgente fundar uma Organização Não-Governamental para o Desenvolvimento (ONGD) para ajudar os JSF a ir mais longe no domínio da solidariedade e da cooperação com a Igreja missionária. A **Associação Sol Sem Fronteiras** (Solsef) nasceu, a 1 de Novembro de 1993, para dar aos trabalhos do Movimento (e de outras pessoas que se quisessem associar) uma cobertura jurídica apropriada. Nos princípios de Solsef sublinha-se a sua inspiração cristã e a prioridade que se dá à Igreja missionária, na escolha de projectos de apoio ao desenvolvimento. Pode dizer-se que esta organização é um complemento dos JSF, permitindo-lhes permanecer como Movimento Missionário mas, ao mesmo tempo, partilhar com a sociedade civil e, sobretudo, com outros jovens, os seus ideais de fraternidade, traduzidos na solidariedade e na cooperação.

Solsef aposta na realização de várias campanhas públicas com o objectivo de arranjar meios financeiros para apoiar diversos projectos na área da educação, da saúde e da ajuda humanitária: a Escola Sem Fronteiras de Caió (Guiné-Bissau), Ajuda de Emergência à Guiné-Bissau após a guerra de 1998, Escola Arquidiocesana do Lubango (Angola), o Centro de Apoio à Infância de Ribeira Afonso (S. Tomé e Príncipe). A Campanha Jubilar da Família Espiritana foi a construção e funcionamento de Escolinhas no norte de Moçambique e foi coordenada por Solsef. Na Guiné-Bissau, a Escola de S. José, em Bajob, foi inaugurada em 2002 e a construção do Liceu de Calequisse está praticamente concluída. Em 2003, foi lançado o Projecto da Humpata (Lubango), de apoio à mulher e, em 2005, o Projecto das Meninas de Rua no Huambo.

Ponto alto da celebração do 5º aniversário de **Sol Sem Fronteiras** foi a realização de um Colóquio na Universidade Católica (Lisboa) sobre *«Solidariedade e Direitos Humanos»*. A 8 de Novembro de 2003, Sol Sem Fronteiras celebrou os 10 anos com um colóquio realizado no Colégio Marista de Lisboa.

Voluntariado Missionário

O Voluntariado Missionário Espiritano implica uma missão de, pelo menos, um ano. O Nélson Ramalhoto (JSF – Braga), foi o primeiro JSF a partir em Missão. Trabalhou dois anos no Lubango, sul de Angola. Depois dele, a Margarida Querido e a Sandra Colaço (JSF – Portela) partiram para Malanje, no planalto norte de Angola. O Vitor Barros (JSF – Tires) para Caió, na Guiné Bissau, a Paula Vicente (JSF – Benfica) para Ribeira Afonso, em S. Tomé e o Miguel Ribeiro (JSF – Monte Abraão – Queluz) para Malanje. Os médicos Ivone Gonçalves e Nélson Gaspar (JSF – Agualva) e a analista Isabela Ribeiro (JSF – Guimarães) estiveram dois meses em Ribeira Afonso, S. Tomé. Com os Leigos Para o Desenvolvimento, a Ana Sofia Nunes (JSF – Portela) trabalhou dois anos em Timor, a Rita Monteiro (JSF – Portela) esteve com os Verbitas em Monapo, norte de Moçambique, a Sílvia Ribeiro (JSF – Tires) esteve na Guiné (com a Fundação Evangelização e Culturas),o António Silva (JSF – Tires) na Calheta de S. Miguel (Cabo Verde). Actualmente, o Hugo Rodrigues está em Itoculo (Moçambique) e a Rita Costa em Tubebe (Guiné).

O Voluntariado também se faz aqui em Portugal, numa linha de opção pelos mais pobres. Assim, a título de exemplo, recordo a visita mensal dos JSF de Tires ao estabelecimento Prisional de Tires (Cascais) e o trabalho de apoio escolar e catequético realizado pelos JSF da Portela no Bairro do Prior Velho, um dos mais pobres das periferias de Lisboa.

Nos Encontros Nacionais realizados em paróquias (Fiães da Feira e Carvalhal de Barcelos), os participantes foram ao encontro de instituições que apostam no apoio aos excluídos da nossa sociedade ou participaram em «workshops» sobre situações de exclusão e marginalização social.

Navegando na Net

Os JSF não passam ao lado das novas tecnologias da comunicação. Depois de terem ganho direito de cidadania no

jornal *Acção Missionária* e na revista *Encontro*, foram conquistando intervenções nas Rádios e Televisões, bem como na Agência Ecclesia e muitos títulos da imprensa escrita, sobretudo de inspiração cristã. A «Ponte 2001», em S. Tomé, teve direito a acompanhamento televisivo, o mesmo se diga dos Encontro Nacionais e de Animadores.

Mas, uma das apostas de futuro tem a ver com a internet. Assim, pode-se saber mais sobre o carisma, as iniciativas e os projectos dos Jovens Sem Fronteiras, consultando os sites dos Espiritanos (**www.espiritanos.org**) e de Sol Sem Fronteiras (www. solsef.org). A partir de 2002, foram criados dois grupos de partilha de informações na net, o (**j-s-f@yahoo.groups.com**) e o (**jsf_lisboa@yahoo.groups.com**). Com estas «mailing lists», os Jovens Sem Fronteiras estão mais perto uns dos outros e mais informados, via e-mail.

A celebração dos 20 anos (2003)

A Foz do Arelho (Caldas da Rainha) deu à luz, em 1983, o primeiro grupo paroquial de Jovens Sem Fronteiras. Foi o começo de um sonho que, vinte anos depois, se tornou já realidade do Minho ao Algarve, de Angola a Cabo Verde, de França a S. Tomé e Príncipe. Foi na Foz do Arelho que as 'jovens sem fronteiras' de há 20 anos contaram aos actuais a Missão que lhes corre ainda nas veias. Foi na manhã do dia 5 de Setembro, durante a Eucaristia de Acção de Graças que encheu de festa a Igreja Paroquial. Este momento celebrativo foi apenas um de muitos que se realizaram ao longo de 2003, com relevo particular para o 'Especial JSF – 20 anos' que decorreu de 31 de Agosto a 7 de Setembro.

O testemunho dos 'anciãos'

O dia 31 de Agosto, no Seminário da Torre d'Aguilha (Cascais) foi ponto de encontro para seis dezenas de 'antigos' Jovens Sem Fronteiras. A presença do fundador, o P. Firmino Cachada, actualmente a trabalhar em Bruxelas, foi um bom

pretexto para um encontro com a história, um regresso às raízes, um sã confraternização. A partilha feita pelo Paulo Vaz, primeiro Presidente Nacional, questionou o caminho feito e abriu um debate sobre caminhos a abrir e a palmilhar, rasgando novos compromissos de Missão sem fronteiras. A boa notícia que todos receberam estava impressa: os Estatutos dos JSF foram aprovados pela Conferência Episcopal Portuguesa a 24 de Junho de 2003.

Em Braga, o Encontro com os mais antigos foi na noite do dia 4 de Setembro, no Seminário do Fraião. O Porto escolheria o 28 de Setembro.

Missão nas fronteiras

'Estar perto dos que estão longe sem estar longe dos que estão perto' é uma frase que tem norteado os JSF. Para dar corpo a este ideal, um grupo esteve em Kalandula (Angola) e dois outros estiveram em Alvalade do Sado e Baleizão (Beja) durante o mês de Agosto.

Durante o 'Especial JSF 20 anos', Braga apostou na casa de S. João de Deus (Barcelos) e nas Paróquias de Gominhães (Guimarães) e Carvalhal (Barcelos). O Porto apostou nos idosos das Irmãzinhas dos Pobres, nas crianças da Obra do P. Gil (Feira) e numa Vigília na Paróquia de Ramalde. Lisboa foi até Ermidas do Sado (Beja) ao encontro dos idosos e das crianças.

Na quinta-feira, dia 5, todos os caminhos foram dar à Ribeira do Fárrio (Ourém) onde teve lugar o I Encontro Nacional em contexto paroquial. Depois da celebração da Eucaristia, o grupo rumou até ao Caneiro (Ourém) onde a comunidade local os esperava. Ali almoçaram e dali foram enviados em peregrinação a pé até Fátima.

A presidência do Terço das 21h30 marcou este dia.

De Fátima, os JSF partiram para o Seminário da Torre d'Aguilha, em Cascais, passando pela Foz do Arelho.

201 JSF no Nacional 2003

Foi um record, ultrapassou-se a barreira dos 200! O Seminário da Torre d'Aguilha conseguiu 'acantonar' esta multidão que partilhou experiências, rezou, reflectiu, escutou e divertiu-se muito.

Os JSF foram confrontados com onze workshops sobre a Missão (no masculino e no feminino), a imigração, a solidariedade e o desenvolvimento, o voluntariado, a pastoral prisional, a ajuda humanitária e os direitos humanos, a animação missionária da Igreja em Portugal, o trabalho com deficientes de foro psiquiátrico. Momento alto foi a partilha da jornalista Laurinda Alves, directora da Revista XIS e comentadora na Rádio Renascença. Apelou à confiança em Deus e em si próprios. Referiu o 'mais e melhor' como objectivo de conversão, apostando nos propósitos de vida: 'poucos, pequenos e possíveis' contra os grandes pecados: 'desânimo, desalento e desespero'. Elogiou o papel das minorias, dos remadores contra a maré porque as massas são sempre acríticas.

Na manhã de domingo, o P. José Manuel Sabença, Superior Provincial dos Espiritanos, apontou alguns caminhos de futuro aos JSF. Ligado ao Movimento desde a primeira hora, o P. José Manuel apresentou 20 razões (todas com esquema de email!)... para olhar com confiança o futuro.

Festival da Canção Sem Fronteiras

O momento com mais vibração foi o I Festival da Canção Sem Fronteiras realizado no salão Paroquial de S. Domingos de Rana (Cascais). Foram nove as canções concorrentes. A apresentação, sempre muito animada, esteve a cargo da Marta Ventura e do Carlos Duarte Bastos, da Rádio Renascença, e o júri foi presidido pelo P. Manuel Durães Barbosa, director das Obras Missionárias Pontifícias.

A Canção vencedora foi 'Servir é viver', dos JSF de Braga, que também ganharam o prémio da melhor interpretação. O 2º lugar foi para os JSF de Benfica com a canção 'Sol na Missão' e o 3º

coube aos JSF de Tires que cantaram: 'Brilha o Sol...'. A melhor letra foi para a canção 'Missão é Festa' dos JSF de Benfica.

No intervalo, houve um espaço de dança que galvanizou a sala cheia, proporcionado pelos JSF que fizeram a Ponte em Angola e as semanas missionárias no Alentejo.

O envio em Missão

A Eucaristia de encerramento foi uma Festa da Missão. Ali se juntaram aos 201 JSF muitos dos 'antigos' que participaram no encontro do domingo anterior. No ofertório, cada grupo de campo entregou um símbolo de compromisso. Na acção de graças, coube aos mais velhos agradecer estes vinte anos de Missão sem fronteiras.

Na hora de partir, lia-se nos rostos a alegria de regressar às suas terras de origem onde a Missão continua como urgência. Como dizia o P. José Manuel Sabença: ' Por mil e uma razões, creio poder dizer que JSF não é nem nunca será Jovens Sem Futuro, mas sim Jovens Sempre Forte porque animado, e fortalecido, pela luz de Cristo'.

Jovens Sem Fronteiras, uma história ainda no começo

De 1983 até hoje, apenas se deu um pequeno passo. A história deste Movimento Missionário ainda está no começo, as primeiras páginas só agora estão a ser escritas. Os Estatutos foram aprovados, pela Coordenação Nacional a 6 de Fevereiro de 2000 e pela Conferência Episcopal Portuguesa a 24 de Junho de 2003.

É um projecto de fé, de caminhada em grupo, de missão, de solidariedade... um ramo que entronca numa velha árvore de 300 anos: a Congregação do Espírito Santo, fundada em 1703. Os JSF têm consciência de que o futuro está nas raízes e, por isso, vão continuar a beber da espiritualidade espiritana.

---

* Tony Neves, espiritano, Coordenador Nacional dos JSF, Coordenador de Projectos de Sol Sem Fronteiras, membro do Conselho Nacional de Pastoral Juvenil e da Equipa Ecuménica Jovem.

Era uma vez... os Jovens Sem Fronteiras

Por Firmino Cachada*

Os primeiros passos

A memória não é o meu forte. Sempre gostei de olhar mais para o futuro do que para o passado. Mesmo assim, vou tentar lembrar-me daquilo que foram os primeiros anos dos JSF.

Quando em fins de 1982, acabada a minha licenciatura em sociologia, em Estrasburgo, fui convidado pelo então Provincial, P. Durães, para me envolver na animação missionária da juventude, não imaginava muito bem por onde começar.

Em 31 de Janeiro de 1983, no então Centro de Animação Missionária espiritana do Bairro de Santa Cruz, em Benfica, reuniu-se um pequeno grupo de jovens e alguns menos jovens, que eu conhecia das festas missionárias da LIAM. O pretexto era um aniversário e, ao mesmo tempo, a inauguração "antecipada" (houve quem dissesse "selvagem"...) do Centro. Pode dizer-se que foi aí que tudo começou. A ideia de formar um grupo jovem de animação missionária foi aceite com entusiasmo.

O nome de "Jovens Sem Fronteiras" inspirou-se na existência dos "Médicos Sem Fronteiras", uma organização internacional que eu já conhecia da minha estadia em França.

Pode considerar-se que este foi o grupo fundador dos JSF em Portugal. É justo recordar os nomes: Eduarda Barata (segundo prémio do festival da Canção da RTP) e José Marques, da Damaia, Maria do Carmo, Manuela Vaz e Fernanda do grupo de Maria Imaculada, Lisboa, José Garcia (Mike) e Manuel Bento, de Lisboa, para além de mim próprio. Deram um grande apoio a este grupo o Irmão Custódio e o P. Ernesto Neiva.

O projecto deste grupo inicial incluía a animação das festas missionárias organizadas pela LIAM, mas também iniciativas de animação missionária dos jovens. Foi durante um fim de semana de animação missionária dos jovens do Cartaxo, por exemplo, que o hino JSF foi pela primeira vez "ensaiado".

Um outro fim de semana de animação missionária com jovens da Foz do Arelho e das Caldas da Rainha, em fins de Maio de 1983, havia de deixar sementes que depressa iam germinar e dar uma nova dimensão ao projecto missionário do grupo inicial. Aqui nasceria, com efeito, o primeiro grupo JSF inserido numa igreja local.

Propostas feitas aos jovens

No início, não imaginei que estivesse para nascer um verdadeiro Movimento. Julgo que as coisas foram acontecendo porque tinham que acontecer. Ou, para ser mais correcto, porque o Espírito Santo estava por detrás a empurrar.

O ponto de partida era a vivência, o aprofundamento e o testemunho da Fé pessoal e colectiva em Jesus Cristo. Nada de novo em relação a qualquer projecto de pastoral juvenil.

O que talvez poderia ser um pouco novo - mas também se trata de um valor fundamental do Evangelho que é proposto a qualquer cristão - foi o acento colocado na vivência da fraternidade. Uma fraternidade baseada na Fé, claro está. Por isso mesmo, uma fraternidade sem barreiras nem fronteiras. Aos jovens propunha-se que fossem abertos uns aos outros, que fossem amigos uns dos outros e que estendessem essa amizade, quanto possível, aos jovens de outras latitudes e aos homens de todas as raças e continentes.

No caderno de animação estava escrito: *"O projecto da fraternidade entre os homens deve começar por ser vivido entre os próprios jovens"* e ainda *"Os Jovens Sem Fronteiras consideram seus irmãos todos os outros jovens do mundo"*. Tudo muito simples, afinal.

O problema estava em traduzir isso na prática. Recordo-me que, depois de algumas reuniões de reflexão com o grupo

fundador, um ou outro elemento se mostrou insatisfeito e me disse: - Muito bem, mas a gente quer é coisas práticas! Como é que, na prática, podemos ser irmãos dos jovens ao longe ou ajudar os povos de outras latitudes que precisam da nossa ajuda? Ou seja, como transformar a fraternidade em solidariedade?

Na altura, eu próprio não tinha grande prática nesta área da solidariedade sem fronteiras, nem havia uma estrutura que ajudasse a traduzir no concreto a vontade dos jovens de "amar ao longe". Mas, como quem procura sempre alcança... as oportunidades acabariam por aparecer quase naturalmente.

Caminhos palmilhados

Como já disse, as coisas foram acontecendo um pouco por si mesmas. Bastante depressa, aliás, o que tornava difícil um acompanhamento próximo dos grupos que iam nascendo.

O aparecimento do grupo da Foz do Arelho foi um acontecimento providencial e inspirador. Ainda deve existir nos arquivos dos JSF uma carta escrita a lápis pela Sandra Conde, das Caldas da Rainha, mas ligada aos jovens da Foz do Arelho. Não passavam de meia dúzia de adolescentes, na altura, mas queriam fazer qualquer coisa de útil. E acabariam por fazer muito mais do que imaginavam!

A seguir à Foz do Arelho tudo aconteceu muito depressa: Cartaxo, Vila Franca de Xira, Miratejo, Barreiro, Rio Maior, Restelo, Benfica, Tires, Cacém... e por aí fora. O primeiro encontro inter-regional de grupos e jovens JSF, em 1 de Outubro de 1984, reuniu em Lisboa, na sede da LIAM, uma centena de jovens, originários de 4 continentes e 10 países diferentes! Verdadeiramente "sem fronteiras".

Infelizmente, alguns desses primeiros grupos já desapareceram, a começar pelo grupo fundador, gradualmente reduzido por diversas razões. Mas, entretanto, apareceram outros grupos noutras latitudes, não apenas em Portugal, mas também em França e em vários países lusófonos.

Penso que um dos segredos do sucesso foi a pedagogia

adoptada e o acento colocado, desde o início, naquela frase de João Paulo II aos jovens, em Lisboa, em 1982: *"Jovens, sede evangelizadores dos vossos coetâneos"*. A evangelização dos jovens pelos próprios jovens, ou *"o testemunho passando de mão em mão"* foi, de facto, uma pedagogia pastoral que depressa começou a dar os seus frutos.

O apelo à criatividade e à iniciativa própria foi outra das opções de fundo que levou a que os grupos JSF bem depressa se caracterizassem pelo lema: *"todos diferentes, todos iguais"*. É bem verdade que não foi o Movimento que criou os grupos JSF, mas foram estes que criaram o Movimento.

Projectos concretizados

Seria longo estar a enumerá-los. Os retiros, os encontros, os cursos, as "Pontes", os festivais, as peregrinações, as semanas de animação missionária, os projectos levados a cabo nos países menos desenvolvidos e outro sem número de iniciativas, foram outras tantas actividades em que os JSF mostraram toda a sua generosidade e toda a sua capacidade criativa e participativa.

Se alguma realização eu tivesse que salientar, seria sem dúvida a criação da ONGD "Sol Sem Fronteiras", em 1993, a qual ficou a marcar os 10 anos de existência do Movimento.

20 anos depois, que balanço?

É difícil quantificar e muito menos qualificar todo a riqueza representada pelo Movimento JSF desde o seu nascimento. Nem é a mim que me competiria fazê-lo, pois seria suspeito!

Falando dos 14 anos que estive à frente do Movimento, eu atrever-me-ia, contudo, a salientar 3 aspectos importantes:

1 - Os inúmeros jovens que passaram pelo Movimento e aquilo que eles deram e receberam. Precisaria aqui de várias páginas para escrever os nomes de todos os JSF que eu recordo e que marcaram o Movimento.

2 - O contributo dado pelos grupos JSF à animação das suas

comunidades, das suas Igrejas diocesanas e da Igreja portuguesa em geral.

3 - Toda a solidariedade sem fronteiras vivida ao longo dos 20 anos de existência do Movimento e os milhares de pessoas que, ainda hoje, em diversos países, têm os olhos postos nessa solidariedade.

Com certeza, estes são os aspectos que ainda hoje continuam a ser a riqueza dos JSF, cuja vida, mesmo ao longe, continuo evidentemente a acompanhar de muito perto, através da revista Encontro e do jornal "Acção Missionária"!

---

* Por Firmino Cachada, Espiritano, Fundador dos JSF, actualmente em Bruxelas

Nascimento dos JSF em Braga

Por Arlindo Amaro*

Uma semente lançada no Minho

Os JSF de Braga nasceram dos retiros para jovens, organizados pelos Responsáveis da Animação Missionária dos Espiritanos e das Espiritanas daquela diocese, com o apoio dos Responsáveis do Seminário da Silva.

Depois de alguns retiros neste Seminário e na Casa das Irmãs Espiritanas do Fraião, começaram a realizar-se na Silva encontros mensais para os jovens que haviam participado nos retiros e para outros que mostravam desejo de fazer a mesma experiência.

Nestes encontros, procurava-se dar certa continuidade ao aprofundamento da Fé recebido nos retiros e tentar ligá-los à animação missionária espiritana.

Entretanto, os retiros e os encontros passaram a ter uma nova programação e uma dinâmica de formação contínua. Além disso, o número de jovens envolvidos nesta caminhada ia crescendo de mês para mês. E, ao mesmo tempo, ia-se alargando o espaço geográfico donde provinham esses jovens.

Até que chegou o momento de se sentir a necessidade de dar um nome a este Movimento.

A questão foi posta num dos encontros mensais e, após votação geral, foi escolhido o nome de JSF.

A primeira razão desta escolha foi o facto de já haver em Lisboa um Movimento com esse nome e com semelhantes objectivos de formação cristã e animação missionária.

Este Movimento juvenil foi-se expandindo em várias regiões da Diocese de Braga, atingindo também regiões limítrofes da vizinha diocese de Viana do Castelo.

Este rápido desenvolvimento era devido ao intenso trabalho de animação missionária levado a cabo pelos Espiritanos e Espiritanas, assim como, aos retiros que, entretanto, eram realizados numa colónia de férias da Apúlia, posta à disposição dos Espiritanos, durante todo o ano, excepto no Verão. Mais tarde, estes retiros passaram para a Casa da Legião de Maria, na mesma localidade.

Nos primeiros tempos, os encontros no Seminário da Silva tornaram-se um forte polo de atracção dos jovens de várias regiões da Diocese. Nos dias de encontro, os jovens dirigiam-se para lá, como para uma festa. Uns, a pé; outros, de motorizada, de carro, de comboio e, até, às vezes, de autocarro cedido ou alugado para o efeito.

Quando o Movimento atingiu um número razoável de jovens de zonas distantes de Barcelos, os encontros começaram a fazer-se em diferentes regiões, mas seguindo sempre um programa semelhante e tratando o mesmo tema de formação sistemática e contínua.

Por sua vez, os grupos paroquiais nasceram numa segunda fase, quando algumas paróquias já contavam com um número significativo de jovens com certa formação humana e cristã. Um novo grupo de JSF nascia, no caso desses jovens darem sinais de já viverem unidos na amizade e na Fé e se manifestarem decididos a trabalhar na animação missionária da sua paróquia ou zona.

Porém, os grupos paroquiais continuavam a sua caminhada de formação e convívio, a nível regional. Até porque seria impossível repetir os cursos e outras acções de formação, em cada paróquia. E, também, porque uma das apostas dos JSF era formar leigos capazes de evangelizar e dar animação missionária a paróquias geralmente praticantes de um Cristianismo infantil.

As grandes propostas

A principal proposta foi, como não podia deixar de ser, **aprender Cristo,** a fim de O seguir e colaborar no Seu projecto de salvação.

Esta proposta de base incluía, como já referimos, **uma formação humana e cristã, quanto possível, de forma organizada e contínua,** através de retiros, cursos e estudo de certos temas, a fim de se evangelizar os jovens e prepará-los para virem a ser, um dia, evangelizadores dos seus ambientes, assim como, cristãos conscientes das suas responsabilidades, leigos comprometidos na renovação das suas comunidades e membros da Igreja aptos para exercer tarefas e ministérios nas suas estruturas e organizações.

Parecia-nos que esta formação humana e cristã era **uma condição fundamental e imprescindível** para os jovens poderem, mais tarde ou mais cedo, **colaborar com eficiência na animação missionária da Igreja.** Na verdade, só uma formação profunda os poderia arrancar da situação de infantilidade na Fé, tão característica do ambiente cristão em que a maioria deles vivia.

A proposta fundamental exprimia-se e concretizava-se em outras propostas que se resumiam em três palavras. Os JSF deviam procurar ser jovens **amigos, abertos e audazes.**

Amigos, isto é, jovens que vivem a Fé em Cristo, partilhando uma amizade n'Ele; jovens que tentam viver em comunidade, partilhando o que são, o que têm e o que fazem; jovens que tentam aprofundar laços de amor autêntico no seio dos seus grupos, sem deixar de lançar pontes para novas amizades com outras pessoas e grupos.

Abertos, isto é, jovens que se abrem aos outros jovens, a outras comunidades paroquiais, a outros movimentos juvenis, ao projecto da Missão Espiritana e à Missão universal da Igreja.

No fim do 1º retiro, eram apresentadas as figuras dos Fundadores e a maioria levava consigo um opúsculo com o resumo da Regra Espiritana. Através daquela publicação, chamava-se particular atenção para **a abertura aos pobres e aos mais abandonados,** especial carisma do jovem fundador, Poullart des Places.

Audazes, isto é, jovens corajosos, que aceitam a aventura e o risco de testemunhar a sua Fé, em ambientes que a rejeitam e de afirmá-la sem rodeios, nos meios cristãos que a não

praticam. De modo muito particular, jovens audazes, porque disponíveis para responder aos apelos de Cristo, no sentido de saírem de si mesmos e irem para onde Cristo os chamar, ao perto e ao longe.

Iniciativas concretizadas

Eis algumas iniciativas que mais marcaram os JSF de Braga:

1- **Os retiros** em estilo de formação contínua, sobre os principais temas da Fé e tendo em conta diferentes níveis de caminhada no seio dos grupos. Foi também muito importante a organização de **retiros para adolescentes,** com o tema "A Primavera da Vida". Estes retiros, além de ajudar os adolescentes a encontrar algumas importantes respostas para as suas inquietações, serviam de "aperitivo" e chamamento para futuros retiros de jovens e subsequente entrada nos JSF.

2- Julgamos que foi uma iniciativa digna de registo a realização de **encontros regionais,** como espaço de formação contínua, de encontro fraterno e de convívio, por parte de jovens de diferentes comunidades.

3- Foi com esta base que se tornaram possíveis outras iniciativas que marcaram profundamente uma parte dos JSF, tais como, **festivais missionários** nas paróquias e **férias missionárias,** em Portugal, Guiné e Cabo Verde.

Outra iniciativa da qual quase não se falou, mas que teve muito impacto na vida dum certo número de jovens, foram **as férias na praia de Angeiras,** vividas como experiência de vida comunitária. Aí se chegou a um nível de amizade e partilha cujos frutos ainda hoje permanecem e podem ser notados.

4- A actividade mais marcante dos JSF foi, sem dúvida, **a Páscoa Missionária. Esta celebração pascal era aberta a outros leigos ligados à animação missionária, que a consideravam a melhor experiência espiritual da sua vida. Dela nasceu a Família Missionária. Mas toda a sua organização e animação litúrgica estava e continua a estar a cargo dos JSF. Eles são a alma deste retiro e celebração da Páscoa.**

Que balanço?

Os JSF aí estão: do Norte ao Sul do país e em outras paragens mais longínquas. Pelos frutos se conhece a árvore.

O Movimento ajudou um bom número de jovens a tornarem-se cristãos esclarecidos, conscientes e responsáveis. Ajudou muitos a descobrirem o seu lugar na Igreja e a construírem uma vida mais sólida e feliz, no casamento ou numa vida de especial entrega ao serviço do Reino.

Alguns deles continuam a consagrar-se, com muita dedicação e manifesta alegria, à renovação da Igreja e à Missão espiritana. Muitos deles tornaram-se verdadeiras colunas das suas comunidades paroquiais, servindo-as em diferentes organizações, serviços e ministérios. Em todos ficou certamente um carinho especial pelas Missões.

No que à minha pessoa e missão diz respeito, reconheço que os JSF ajudaram-me a realizar a minha vocação cristã e missionária do jeito que mais gosto.

Faço votos para que a chama missionária que os primeiros JSF acenderam aumente cada vez mais a sua intensidade de luz e calor, nos corações dos JSF de hoje e amanhã.

---

* Arlindo Amaro, espiritano nos EUA, lançou os JSF em Braga.

Inícios dos JSF no Porto

Por António Farias*

Um Retiro nos Carvalhos....

No trabalho da animação missionária na diocese do Porto, no esforço de animar os grupos da LIAM existentes e de criar novos grupos, encontrava frequentemente jovens interessados a empenhar-se neste sector da vida da Igreja. Duas soluções eram possíveis: ou integrá-los nos grupos da LIAM (alguns não queriam e nem me parece a melhor solução), ou então, iniciar algo voltado de modo especial para os jovens. Evidentemente não se pode trabalhar do mesmo modo com adultos e jovens. Embora ambos devam colaborar, o trabalho com jovens exige uma metodologia e conteúdos diferentes para os seus encontros e actividades.

Havia também o contacto com os jovens de Lisboa, nesse tempo animados pelo Pe. Firmino Cachada, e sempre que nos encontrávamos conversávamos sobre a possibilidade de iniciar algo similar na região do Porto. Jovens interessados foram surgindo. Eles já tinham alguma experiência de outros grupos de jovens. Para dar o arranque inicial, organizamos um retiro nos Carvalhos (Gaia) e assim alguns grupos começaram: Fiães (Feira), Mafamude (Gaia), Lordelo (Paredes), Vergada (Porto) ...

Grandes propostas

Estávamos nos começos dos anos 90. Já faz 10 - 12 anos e os começos são sempre nebulosos. Os JSF têm um ideário próprio: as causas justas da humanidade, os problemas da justiça e paz, o Reino de Deus, a animação missionária de suas

comunidades paroquiais para que elas tenham seu "respiro missionário". Enfim, inicialmente houve necessidade de interiorizar todo este ideário, sem cair numa mentalidade assistencialista.

Houve depois todo o trabalho da constituição e organização dos grupos de modo que eles fossem bem acolhidos em suas paróquias e que todos os jovens se sentissem participantes e envolvidos nas actividades. Foi um trabalho lento, mas necessário para a maturação dos JSF na região.

Iniciativas concretizadas

Minha ocupação principal era a animação missionária das paróquias da diocese do Porto, e de modo especial a animação dos grupos da LIAM existentes, e se possível tentar criar novos grupos. Dentro deste trabalho procurei encontrar espaço para os jovens. Não se tomaram iniciativas de grande vulto. Mas foram lançadas as bases para o trabalho com os JSF na região. Dentro de algumas iniciativas que começaram, gostaria de recordar:

Um retiro anual por ocasião da quaresma.

Reuniões periódicas de responsáveis (animadores).

Encontro anual dos JSF na região do Porto.

Organização de visitas de uns grupos aos outros.

Participação dos 10 anos dos JSF no seminário em Lisboa sobre Direitos Humanos.

Participação nas férias missionárias no Alentejo.

Adesão à Associação "Sol Sem Fronteiras".

Que balanço?

Em primeiro lugar, direi que gostei desse trabalho. Senti que os jovens se apaixonam pelas causas justas, são sensíveis ao "humano", aos "pobres" e quando encontram apoio e incentivo se entusiasmam e vão adiante em sua doação e generosidade. Precisam sim, de quem ajude a potencializar e

encaminhar tudo aquilo de que são capazes, pois "os jovens escutam mais os testemunhas que os mestres". Neste sentido, há que prosseguir.

No trabalho de animação dos JSF me parecem essenciais alguns aspectos. Primeiro, colocá-los em contacto com as "feridas" da humanidade; consciência de que como pessoas e cristãos não podemos cruzar os braços, mas partir para a acção. Segundo, ajudar os jovens, através dos meios ao nosso alcance, a fazer a experiência de fé, a experiência do encontro com Cristo. Sem dúvida essa descoberta levará a um compromisso ainda mais profundo e radical. Finalmente, a celebração jubilosa da fé: estar juntos (amizade), trabalhar juntos e juntos celebrar a fé, nos gratifique e nos abra à esperança e à alegria. Se os JSF tiverem em atenção esses aspectos terão um grande futuro pela frente.

---

* António Farias, espiritano no Paraguai, lançou os JSF no Porto.

Um novo olhar

Por Paulo Vaz*

Vou ser claro: acho que os JSF transformaram a minha vida. Não por me terem elevado à dignidade de presidente, mas precisamente pelo contrário: por me terem devolvido a simplicidade. Com efeito, se é por ter sido o primeiro presidente do Movimento que fui convidado a escrever este artigo, a verdade é que o que realmente me faz sentir grato, em toda a história da minha ligação aos JSF, é o facto de ter pertencido a um dos grupos de base, que ajudei a relançar e que ainda hoje se mantém activo. É que os JSF foram, desde o início, uma comunidade de grupos, a mais básica e pedagógica de todas as comunidades, onde os cargos correspondiam efectivamente a serviços e onde cada responsabilidade equivalia não a uma honra, mas a uma entrega. E eu, já participante em muitos grupos de Igreja, habituado a desempenhar todo o tipo de funções e suposto conhecedor de muitas doutrinas e vivências, descobri nos JSF uma forma talvez mais pura de viver a fé: uma oração de mãos dadas, mais do que de mãos postas; uma doutrina de doação, mais do que de prescrições; uma estrutura de comunhão, mais do que de hierarquia. E uma caminhada de implicação, programada a partir de objectivos claros. Foi dentro dessa lógica de partilha, entrega, comunhão e compromisso que aceitei ser animador de um grupo e, mais tarde, presidente do Movimento. Porque essas tarefas não me afirmavam superior, antes me comprometiam a ser igual.

Sopro do Espírito na Igreja

Vou ser claro outra vez: acho que os JSF foram o sopro do Espírito na nossa Igreja. Dito de outra maneira: acho que os

JSF foram um (mais um!) sinal de que a Igreja, mais do que uma simples estrutura humana, é uma comunidade banhada pelo Espírito Santo, única verdade que a assiste e vivifica. Os homens que formam a Igreja e nela participam andam por vezes demasiado embrenhados em raciocínios sociológicos e em lógicas de recursos (humanos e talvez não só...) e esquecem a singela origem de tudo isto: Jesus Cristo, animado pelo Espírito, chamava, ensinava e enviava. Ou seja: congregava os discípulos à sua volta, oferecia-se como exemplo e mandava aos discípulos que se fizesse eco do que tinham visto e ouvido. Foi a simplicidade desta experiência que se viveu nas actividades do nosso Movimento desde o início. Nós juntámo-nos em torno de Jesus Cristo como modelo e do Evangelho como programa de vida, concretizado no ideal missionário, e deixámo-nos encher até transbordarmos. E fizemos isto com a entrega do nosso tempo, da nossa energia, dos nossos talentos e, enfim, de uma parte das nossas vidas. Mais uma vez a exemplo de Cristo: afinal de contas, ele entregou a sua vida inteira. Morreu e ressuscitou. É verdade: ressuscitou! E fica-nos o sinal de que, nesta nossa ténue imitação de entrega em que morremos um pouquinho para nós, também nos sentimos mais vivos e comunicamos vida. Porque o Espírito vivifica. Opera em nós e através de nós.

Profecia nas Paróquias

Vou ser claro mais uma vez: acho que os JSF foram uma profecia e um sinal de contradição nas paróquias que tiveram a coragem e a graça de acolher a formação de um grupo. Foram uma profecia porque, ao agirem como grupos de animação missionária no seio das comunidades paroquiais, alertaram os jovens dos grupos e as próprias comunidades para uma realidade que eles praticamente ignoravam ou da qual, pelo menos, andavam alheados. Creio poder dizer que os JSF contribuíram para devolver a missão à paróquia, no sentido em que, através da reflexão e compromisso dos jovens dos grupos, provocaram uma consciencialização de que as comunidades paroquiais

participam da missão evangelizadora da Igreja e devem assumir-se como retaguarda da Igreja missionária, abrindo os ouvidos para escutar o clamor do povo, qualquer que seja a distância e arregaçando as mangas para a solidariedade, onde e quando for preciso praticá-la. E foram um sinal de contradição porque esta consciencialização levou ao reconhecimento de que as paróquias (incluindo os jovens dos grupos e começando por eles) eram, elas próprias, espaço de missão. Creio poder também dizer que os JSF contribuíram para devolver a paróquia à missão. Com efeito, a fim de se tornarem verdadeiras comunidades evangelizadoras, as paróquias (incluindo os jovens dos grupos e começando por eles) teriam de aceitar ser evangelizadas, de acordo com a mística e a dinâmica de uma Igreja missionária ao ritmo do terceiro milénio.

Atear o Fogo no mundo

Vou ser claro, finalmente: não é por saudosismo ou pessimismo que escrevo quase tudo no passado. É talvez por modéstia ou, se quisermos, por noção das proporções. Sei o que vivi nos JSF e sei quando o vivi. Lembro-me dos rostos que me sorriam quando olhava para o lado e recordo o calor das mãos que apertava nas minhas, ao longo do caminho. Seria desonesto se não mencionasse aqui o nome do padre Firmino que, mais do que um coordenador, foi para mim um líder; mais do que um líder, foi uma referência. Guardo a memória das entregas que realizei e das renúncias que fiz, do mesmo modo que sinto a amargura daquelas que não consegui assumir e convivo com o espaço vazio de tudo o que não fui capaz de fazer. Mas tudo isso é olhar para trás, porque sei que a minha vida disparou noutra direcção e só a espaços, episodicamente, se cruza com o Movimento que me deixou esta língua de fogo a arder cá dentro. Não é isso, afinal de contas, o que importa? Deixar-se inflamar pelo Espírito e atear este fogo no mundo?...

---

* Paulo Vaz, ex-Presidente dos Jovens Sem Fronteiras e de Sol Sem Fronteiras. Licenciado em História.

Beber na Fonte

Por Fátima Monteiro*

"Existe uma Fonte
Ao pé de todos aqueles que morrem de sede"
L. Bloy

O menino viu a estrela e pôs-se a chorar. A estrela perguntou-lhe: «Porque choras?» O menino respondeu: «Estás demasiado longe. Nunca poderei tocar-te!» A estrela replicou-lhe: «Pequeno, se eu não estivesse já no teu coração, não serias capaz de ver-me!»
John Magliola

Jesus chama: «Vem e segue-me».

Sexta-feira, 16 de Dezembro de 1988 – dia de partida. Éramos seis que às 19 horas, daquele dia de chuva, esperavam a boleia que os levaria até Apúlia, lugar onde decorreria um Retiro destinado a jovens. Não sabíamos muito bem o que era, de contrário nunca lá teríamos posto os pés. Cada um procurava algo diferente naquele fim-de-semana que se avizinhava. No entanto, apesar do individualismo das expectativas, havia algo em comum, o chamamento. Sem que soubéssemos, Jesus estava a chamar-nos. A cada um Ele dizia: «Vem e segue-me!»

Nunca tínhamos ouvido falar de JOVENS SEM FRONTEIRAS, nem de Espiritanos. De Jesus sabíamos "umas coisas" que nos ensinaram na catequese e que íamos ouvindo nas Eucaristias, a que não conseguíamos escapar.

Conscientemente, íamos pelo gosto da aventura: *um fim-de-semana?! OK!* No entanto, no nosso coração... Alguém habitava já. Alguém, que hoje, olhando a minha história,

reconheço em cada momento dessa caminhada. Cada instante crítico, cada sim, cada não... estava lá, esperando o meu sim definitivo.

O primeiro impacto foi de assombro: *Credo! São tantos! Duas freiras, um padre... e aquelas? Não são freiras! O que são? Sei lá, hão-de ser qualquer coisa...* (*aquelas* mudariam a minha opção de vida)!

Dessa noite não recordo grande coisa, refiro-me ao tema, claro, do resto sim, lembro-me muito bem... O dia seguinte, no entanto, foi o primeiro dia de JSF para mim.

Tudo começou num Retiro

Assim, posso dizer que tudo começou num Retiro. O primeiro de seis, cujas temáticas me foram introduzindo cada vez mais na compreensão da Fé e na opção fundamental por Jesus Cristo.

Deste primeiro, ficava a inquietação da resposta a dar a este Deus que vem ao meu encontro, deste Deus que me ama e que espera pacientemente que eu me decida a amá-lo.

No segundo, compreendi que a fé não é algo mágico, que uns têm e outros não. Existem razões para acreditar, e eu começava a interiorizá-las. Começava a acreditar e a saber porquê.

Cada Retiro correspondia a um ano de caminhada e reflexão dentro do Movimento que, entretanto, tinha crescido e adoptado o nome de JOVENS SEM FRONTEIRAS. Quando participei no terceiro retiro, caminhava já há três anos dentro do Movimento. Tínhamos começado um curso de formação que visava compreender o amor e a sexualidade à luz da fé. Para além dos encontros paroquiais, que eram semanais e nos quais estudávamos o livro da LIAM, encontrávamo-nos, todos os meses, regionalmente, para reflectirmos sobre o curso. Participara já em duas Celebrações Pascais. Nestes três anos, foi-me dada a conhecer uma realidade de vida que nunca imaginei poder existir. Os laços que se iam formando entre as pessoas eram de tal maneira fortes, que já não podíamos viver sem nos encontrarmos frequentemente, não era preciso um

pretexto, encontrávamo-nos pelo simples desejo de estarmos juntos. As actividades em prol da solidariedade aumentavam cada vez mais, ocupando todo o nosso tempo livre. Assim, quando *acordámos*, estávamos ali, no nosso terceiro Retiro: Conhecer melhor a pessoa de Jesus.

Tempos de decisão

Seguiu-se um Retiro sobre o Espírito Santo. Era o meu quarto ano de Jovens sem Fronteiras. Quatro anos de sins e nãos, de avanços e recuos, de pecado e de virtude... era preciso decidir: ser de Deus ou ser do mundo? «Não te peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal» [Jo 17, 15]. Levou algum tempo, mas finalmente compreendi que o problema não estava à minha volta, mas no meu coração. Inserida no mundo, mas movida pelo Espírito seria Sua testemunha. A mudança tinha de ser interior...

O quinto Retiro, o tema era a Igreja de Jesus Cristo. Realizou-se na casa do Espadanido, para alguns de nós a nossa segunda casa (para outros a primeira, tal era a comunhão). Nesse ano (1993) entrei para a Faculdade de Teologia. A minha decisão de seguir Jesus Cristo, de uma forma mais exclusiva, começava a solidificar-se.

Dez anos depois...

Seguiram-se mais dez anos de caminhada, até hoje. Entre Retiros, Formações (académicas ou não), Actividades, Reuniões... fica-me sempre na memória aquele dia 17 de Dezembro de 1988. Foi o dia em que disse o meu primeiro *sim*, poderia ter dito *não*, seguir com os outros, que estiveram perto da *Fonte* e não quiseram beber. Talvez por isso a minha passagem bíblica preferida seja a da *Samaritana*... Nesse dia, sem que eu percebesse, Jesus interpelava-me: «Se soubesses como te amo, deixarias de viver sem amor...»

Ao longo da minha caminhada, fui passando da euforia das descobertas à serenidade da interiorização. A experiência e a

idade foram acalmando o furor do activismo e dando lugar à contemplação na acção. Muito caminho há para percorrer e, a doce descoberta do recomeçar, cada dia, é a força que me move a continuar e a acreditar que o amanhã será sempre melhor, se Deus está comigo.

---

* Fátima Monteiro, ex-Coordenadora dos JSF da Região Braga. Licenciada em Teologia.

Espiritualidade

Crónica do Jovem marcado pelo seu próprio nome

Por Paulo Vaz

A.

Cristiano poisou a viola e olhou em sua volta. O grupo estava calado, como sempre acontecia depois de um cântico envolvente (não era essa a função do cântico envolvente?) e todos os olhares convergiam na sua direcção. E ele sabia que, como sempre, a partilha que se seguiria seria uma construção alicerçada nas suas palavras sólidas e profundas. Lançou um olhar sobre as notas que tinha escrito numa folha de papel e começou a apresentar o tema da reunião: "A Igreja como Reino de Deus".

Enquanto falava, fazia-se eco de todas as doutrinas que aprendera e todas as vivências que experimentara. Enquanto falava, pincelava de convicção cada palavra que pronunciava. Emquanto falava, lutava para acreditar no que dizia, mas vinha-lhe à memoria a briga que tivera em casa, com os pais, momentos antes de sair para se encontrar com o grupo. Fora por causa do grupo que brigara – por causa do tempo dedicado ao grupo e roubado à família e às outras obrigações da vida – e a conversa tinha começado nessa manhã, à saída da Missa dominical. Estranha Igreja esta, onde parece ser tão difícil assumir o que se anuncia.

Cristiano começava a falar, mas não deixava de sentir, no intimo de si próprio, aquela inquietação não resolvida que trazia sempre consigo, plasmada no seu próprio nome.

B.

Cristiano acabara de se deitar. Estava de costas na cama, olhando o tecto como se tentasse ver o céu através dele.

Muitas vezes se deitava a pensar no seu próprio nome. Os pais, cristãos fervorosos, tinham-lhe dito que desejavam muito que ele honrasse sempre o seu nome, que sempre fosse digno dele e o valorizasse. E Cristiano tentava: era acólito e catequista, animava o grupo de jovens e colaborava nos convívios e festas da Paróquia. Meu Deus, como ele tentava! Toda a gente na Paróquia o admirava, porque ele estava sempre disponível, arranjava sempre tempo para colaborar e fazia tudo sempre bem. Todas as pessoas gostavam muito dele.

Simplesmente, Cristiano não gostava muito das pessoas. Achava-as superficiais e um bocado hipócritas, porque coleccionavam missas e reuniões, porque papagueavam orações cujo sentido ignoravam e porque citavam chavões cujo conteúdo não aplicavam na vida. E ele encontrava-as repetidamente nas mesmas missas e reuniões, fazia coro nas mesmas orações e subscrevia os mesmos chavões. Pior: aceitava-lhes os sorrisos e elogios com que o presenteavam e escorava neles a elevação do seu ego.

Apagou a luz e enroscou-se nos lençóis. E sentiu-se, também ele, superficial e um bocado hipócrita. Por causa do seu nome.

C.

Estava frio naquela noite. Cristiano caminhava apressado. Acabara de se despedir da namorada, com quem tinha ido jantar fora, num restaurante caro (afinal, não é todos os dias que se festejava o aniversário do namoro!...) e agora regressava a casa. Apressado, porque era tarde e estava frio, muito frio mesmo.

Dobrou a esquina e quis desviar o olhar, mas não conseguiu. Nunca conseguiu desviar o olhar, naquela esquina, embora soubesse que isso lhe provocava sempre um baque na consciência. Não conseguiu desviar o olhar e por isso viu-o.

O velho sem abrigo estava sempre ali, junto à porta daquele prédio. Aninhava-se no recanto mais abrigado, para se proteger do frio, enrolava-se nas suas roupas de sempre e estava ali. Cristiano olhou de relance, como se a fogacidade do olhar o tornasse menos implicado na cena. De cabeça baixa, o

homem tinha os olhos fechados e parecia dormir. A seu lado, no chão, um embrulho de papel pardo deixava entrever um naco de pão. E havia o papelão de uma caixa desmontada que cobria o homem. E nada mais.

Cristiano não parou, até porque a cena era familiar. Continuou a caminhar, apressado, porque estava frio, muito frio mesmo. Porém, não estava tranquilo. Não conseguira desviar o olhar e agora não conseguia desenbaraçar-se da imagem do velho sem abrigo, com as roupas de sempre, aninhado no recanto da entrada do prédio, saciado por um naco de pão e coberto pelo papelão de uma caixa desmontada. E sentiu frio, muito frio mesmo. E recordou aquele encontro de reflexão, bem recente, onde se tinha falado da mensagem do Papa para a Quaresma, que abordava justamente a temática dos Sem Abrigo. É tão fácil falar...

As luzes de um candeeiro de rua apagaram-se à sua passagem e Cristiano sentiu que caminhava no escuro. Não havia sinais. O povo hebreu, errante no deserto, fora obsequiado com o maná do céu e a àgua do rochedo, fora conduzido por uma coluna de nuvem e outra de fogo e tivera forças para continuar a acreditar e a caminhar. Mas agora não havia sinais, nada que fizesse crer, por exemplo, àquele velho sem abrigo que a vida é bela e que a humanidade está salva.

Cristiano apressou o passo, porque estava frio, muito frio mesmo. E lembrou-se do seu jantar daquela noite. E suspirou pelo conforto da sua cama.

E continuava a pensar no seu próprio nome....

D.

Sentado na semi-obscuridade da igreja, Cristiano respirava fundo e deixava-se envolver pelo silêncio. Habitualmente procurava sempre aqueles momento de menor movimento para se sentar ali, naquele banco da terceira fila, de olhos fitos no sacrário, exercitando aquelas práticas de descontracção que abrem as portas da contemplação. Tinha aprendido num curso que a oração é, em grande parte, uma técnica e procurava

experimentar tudo o que lhe tinham ensinado. Infelizmente, sem grandes resultados, até agora.

Evidentemente já tivera os seus arrebatamentos, sobretudo em grupo. Já chorara e vira chorar em orações comunitárias, já se sentira embalado até ao estremecimento na recitação ou canto dos salmos, já experimentara um forte consolo intelectual e existencial em encontros de reflexão bíblica. E uma vez, quando estava assim, sentado na semi-obscuridade da Igreja, de olhos fitos no sacrário, já tivera uma inexplicável sensação de calor e presença envolvente, algo como se o ar à sua volta se transformasse em densa nuvem invisivel e o aconchegasse num abraço quente e protector. Mas estava muito longe de saber o que seria uma gratuidade infusa extraordinária, como aquela que fizera Saulo de Tarso cair do cavalo, na estrada de Damasco, como aquela que fizera Francisco de Assis atravessar a noite de Espoleto prostrado em terra. Ignorava também o que seria a oração de quietude, de que fala Teresa de Ávila, ou o estado de oração ininterrupta, que já ouvira definir no tal curso que frequentara.

Sentado na semi-obscuridade da Igreja, Cristiano respirava fundo e deixava-se envolver pelo silêncio. Estava de olhos fitos no sacrário e, dentro dele, crescia, em espiral, o eco da frase de sempre: "*Não sabeis, porventura, que sois templos do Espírito Santo e que não vos pertenceis a vós mesmos?*" (cfr. 1 Cor. 6, 19). Ouvira um padre dizer uma vez, num encontro, que todos os cristãos são "sacrários ambulantes" e recordava-se de como toda a gente achara piada. Mas ele não fora capaz de rir, porque o assunto era sério demais. E, olhando para o sacrário, Cristiano pensava que aquele pequeno cofre não fazia sentido se Jesus Cristo não transbordasse dali para dentro de cada cristão; se não Se tornasse presente em cada cristão da mesma forma que estava ali, da mesma forma misteriosa e plena; se cada cristão não fosse, por sua vez, capaz de O levar a toda a parte. Era esse o sentido da comunhão eucarística, só podia ser esse... Caso contrário, tudo se resumiria a um ritual exterior e folclórico. Caso contrário, a Igreja não seria mais que um clube de amigos (?) que se entretêm com determinadas rotinas...

De repente, Cristiano descobriu que não suportava olhar o sacrário. Fechou os olhos, baixou a cabeça, mas sentiu-se ferozmente interpelado pelo sacrário ambulante em si próprio. Apercebeu-se de que Jesus Cristo ia com ele para toda a parte e isso era um consolo, mas, ao mesmo tempo, uma angústia. Não estavam em causa os lugares por onde ele andava – Cristo é imune a todos os perigos e vícios! – mas sim a postura que ele assumia e a sua incapacidade de transparecer a presença de Cristo. E, novamente, Cristiano lembrou-se do seu nome...

E.

Fome. Sofrimento e morte. Guerra. O drama dos refugiados. Racismo. Intolerâncias várias. Desemprego. O Flagelo da droga. Delinquência. Injustiças diversas. Escândalos da alta roda. Miséria dos simples. E de novo fome. E a guerra outra vez. O calvário da degradação humana, num interminável rosário da exploração das desgraças.

Cristiano levantou-se bruscamente e desligou o televisor. Estava demasiado incomodado para conseguir continuar a ver o telejornal.

Sentou-se novamente e ficou a olhar para o televisor desligado. Aquilo que acabava de ver quase o fazia esquecer o drama de um velho sem abrigo a dormir na soleira de um prédio. Aquilo era a tragédia mais profunda e mais ignóbil, aquilo era a desfiguração do rosto humano à escala planetária, era a expressão da mais gritante desigualdade, a entronização da justiça e a consagração da lei do mais forte. E era insuportável.

Cristiano lembrou-se da profecia do Servo Sofredor, contida no livro de Isaías. Não se tinha ela já concretizado em Jesus Cristo? Não tinha Ele já sofrido tudo, de uma vez e para sempre? Não tinha Ele já consumado a Libertação?... Então porque é que ainda era necessário assistir ao espectáculo de homens sofredores, acorrentados à vontade de outros homens, estes por sua vez acorrentados à mediocridade, à mesquinhez e à maldade?...

Cristiano olhava para o televisor desligado e pensava que, se ele fosse Deus, resolvia tudo precisamente daquela forma: com um simples carregar no botão. Porque parecia não valer a pena

e, nesse caso seria melhor desligar. E, nesse momento, voltou a lembrar-se da história dos sacrários ambulantes e reconheceu que era isso que, muitas vezes, os homens "obrigavam" Deus a fazer: carregar no botão. Como se não houvesse esperança...

E suspirou, incomodado com o seu próprio nome...

F.

O convite para o retiro foi recebido por Cristiano com uma certa naturalidade. Todos os anos a proposta surgia, mais ou menos na mesma altura. Porém, desta vez, Cristiano surpreendeu-se ao ver crescer dentro de si próprio uma inusitada expectativa, como se aquele retiro fosse uma oportunidade única e criada a pensar precisamente nele próprio.

Evidentemente, já tinha feito retiros. De tal maneira que até já era costume serem-lhe confiadas algumas responsabilidades na sua orientação. Criticava severamente aqueles que faziam do retiro mais um encontro de amigos e não cessava de apregoar a necessidade do silêncio e da escuta. Das últimas vezes cometera mesmo o erro de aparecer erguido no pedestal da sua veterania, como se a sua função fosse mais ensinar aos novatos as virtudes do deserto do que alimentar-se a si próprio nesse deserto. Cometera o erro de se considerar um guia do deserto, do deserto que ele afinal desconhecia.

E agora, o guia parecia ter perdido a bússola e era por isso que sentia crescer dentro de si próprio uma inusitada expectativa. Precisava do retiro. Precisava do silêncio e do deserto. Precisava de mergulhar no mistério de si próprio e esquadrinhá-lo mais uma vez, para sacudir a poeira das superficialidades e ver de novo claramente os contornos da sua essência profunda. Para sentir a dor do compromisso de transformação do mundo, para além das anestesias do banal quotidiano. Para se encontrar com Deus, o único Deus, o Deus de Jesus Cristo, o ser Deus.

E talvez assim conseguisse (re)descobrir a verdade do seu próprio nome...

O Retiro como Deserto

Por Paulo Vaz

I - Deserto, porquê?

1. Vens da escola ou do trabalho, chegas a casa e, instintivamente, ligas o televisor. Não te sentas na sala para assistir a nenhum programa, pois tens outras coisas para fazer, mas precisas da televisão ligada, precisas de ouvir aquele som e sentir aquela vibração. "É uma espécie de companhia", dizes para ti próprio, porque a solidão assusta-te.

2. Estás no café e os minutos escorrem. Não estás a fazer nada de especial, a bica já se esgotou há muito e a conversa com os amigos que se sentam ao redor da mesa também já está gasta. Ficas entretido a olhar para toda a gente, gente que entra e que sai, que se demora ou que desaparece apressadamente. É um corrupio interminável, um filme sem conteúdo onde cada rosto tem uma história que nada te diz. Pelo meio do fumo, sorris para os amigos que se sentam ao redor da mesa, ouves as conversas repisadas, falas disto e daquilo. Deixas-te ficar assim, porque te consola esta ténue sensação de que estás acompanhado. Porque a solidão assusta-te.

3. Caminhas pela rua de mãos nos bolsos. Para te sentires acompanhado, ligas o *walkman* e ouves o teu grupo preferido. Se algum conhecido te interpelar, provavelmente não ouvirás, porque a música nos teus ouvidos abafa qualquer som. Vais na rua sozinho e não estás para ninguém. Mas também não estás para ti próprio, porque a música nos teus ouvidos não deixa. Nem tu queres que deixe, porque a solidão assusta-te.

4. Queres continuar a fugir, mas não consegues. Estás sempre aí. Para lá de todos os televisores, de todos os corrupios de café, de todos os *walkmans* com o som do teu grupo preferido em altos berros, acabas sempre por estar aí diante de ti próprio. Mais tarde ou mais cedo, acabas por ter de te encontrar contigo. Tu a sós com o teu mistério. Tu a sós com as tuas alegrias e tristezas, os teus êxitos e fracassos, as tuas certezas e dúvidas, as tuas consolações e angústias. Tu.

E Deus, porque, afinal de contas, acreditas que Ele te criou, que te ama e que vive em ti. Ele faz parte do teu mistério e tu fazes parte do mistério que Ele também é.

Talvez seja por isso que a solidão te assusta. Porque nela tu chocas com o teu mistério, nela tu chocas com Deus que não sabes quem é nem o que quer de ti. Ou, se calhar, até sabes e é isso que te assusta...

5. Tens que arriscar. Tens de te dar uma chance. Por muito que os televisores, os corrupios de café e os *walkmans* com o som do teu grupo preferido em altos berros te gritem o contrário, tu tens de te dar a chance de desvendar um pouquinho a ponta do mistério, para tentares alcançar um equilíbrio onde te sintas mais feliz e onde até os televisores, os corrupios de café e os *walkmans* com o som do teu grupo preferido em altos berros façam sentido. Mas não para fugir.

II - Deserto é oração

6. "Jesus, *logo que despediu as multidões, após a multiplicação dos pães, subiu a um monte para rezar na solidão*" (cfr. Mt. 14, 23). Esse exemplo de Jesus é paradigmático: não era na agitação das multidões que Ele encontrava o espaço e o ambiente propícios para a oração. Os momentos de profunda comunhão e intimidade com o Pai, encontrava-os na solidão do monte.

Se o próprio Jesus buscava estes espaços de deserto para a oração, também tu, que queres ser cada vez mais cristão, (ou seja, "imitador de Cristo" ou, melhor ainda, "outro Cristo"),

não podes incorrer na soberba de desdenhar a importância do deserto.

7. Por outro lado, a primeira referência que o Evangelho nos faz desta busca da solidão por parte de Jesus é após o Baptismo no Jordão: "*Cheio do Espírito Santo, Jesus retirou-Se do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto*" (Lc. 4, 1). Este facto não nos deve passar despercebido: é o Espírito Santo que impele Jesus para a oração, o que significa que, para procurar a oração no deserto, Jesus era já profundamente habitado pelo Espírito.

8. Também tu, desde o Baptismo, és habitado pelo Espírito, que te impele para o deserto, que te empurra para a oração. Se não sentes este apelo, não é porque não exista, mas é porque tu não consegues reconhecê-lo. Estás distraído com múltiplos ruídos e interferências, dentro e fora de ti, e não captas o apelo do silêncio. Mas, no dia em que te calares e te abstraíres um pouco do ruído exterior, ouvirás certamente esse apelo incessante que vem do mais profundo do teu ser.

9. Se não sentes vontade de fazer um retiro, é porque o deserto não faz sentido para ti. E se o deserto não faz sentido para ti, é porque não rezas o suficiente para precisares do deserto para rezar mais. Por isso, a "receita" é simples: reza! Reza na Igreja, reza no teu grupo, reza sozinho onde quer que estejas, aproveita os teus tempos "mortos" para rezar. Pouco a pouco, descobrirás que todos esses tempos se tornam bem vivos e acharás que eles são muito poucos para dar resposta à tua ânsia de oração. Então, o deserto começará a fazer sentido para ti. Então, sentirás verdadeiramente vontade de fazer um retiro.

10. Entretanto, talvez aconteça que, apesar de não teres esta fome de oração, sintas curiosidade em fazer um retiro. Não deves menosprezar esse impulso, porque, além da curiosidade ser um sinal de inteligência e abertura de espírito, ela é, muitas vezes, a "arma secreta" de que o Espírito Santo se serve para te

chamar para o deserto. Percorre os Evangelhos e repara como tanta gente (inclusivamente alguns dos apóstolos, como André e Bartolomeu) começou por seguir Jesus movidos pela mais humana das curiosidades...

11. Porém, se já sentes vontade de fazer um retiro, não te impacientes ao veres que há elementos no teu grupo que encolhem os ombros perante essa proposta. O apelo que tu já és capaz de ouvir também existe dentro deles e também eles estão a seguir os avanços e recuos da sua própria caminhada. Não deves pressioná-los, nem insistir com demasiada força. Deves manter vivo o convite, na máxima simplicidade. E deves, sobretudo, rezar por eles e com eles, para que os seus corações se abram cada vez mais.

III - Deserto é presença de Deus

12. *"Quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê no segredo, te dará a recompensa"* (Mt. 6,6).

Quando fazes um retiro, é porque buscas o silêncio do deserto para orar. Mas a oração mais importante deste deserto não será nunca a das palavras ou das fórmulas. A oração mais importante é a do encontro com Deus. É essa a grande lição dos Padres do Deserto, nos primeiros séculos do Cristianismo: eles não procuravam simplesmente isolar-se do mundo, eles buscavam a solidão onde Deus habita, eles ansiavam pela presença de Deus, sonhavam com esse encontro em segredo, onde pudessem ver Deus face a face, como Moisés.

13. E como, mais tarde, tantos outros contemplativos: Francisco de Assis, Teresa de Ávila, Isabel da Trindade, Teresa de Calcutá, para citar apenas alguns... todos eles sabiam que eram seres incompletos e frágeis, todos eles tinham consciência de que o Deus de Jesus Cristo, Alfa e Ómega, era o princípio e o fim das suas existências, a origem e o destino

das suas vidas. Sabiam que, se falhassem esse encontro com Deus, nunca aprenderiam a conhecer-se a si próprios verdadeiramente, nunca desvendariam o seu próprio mistério, nunca compreenderiam a sua razão de estar ali.

Será que és assim tão diferente deles?...

14. Se calhar já fizeste um retiro e não sentiste nada de especial. Partiste para esse deserto de dois ou três dias com uma grande expectativa, integraste-te no grupo, viveste intensamente os momentos de reflexão, de celebração, de convívio... e regressaste com a sensação de teres passado ao lado desse grande encontro. Disseste depois que, se Deus estava lá, tu não "sentiste" nada...

Se calhar nunca fizeste um retiro, mas ouviste o testemunho daqueles que o fizeram e não ficaste particularmente entusiasmado. E raciocinaste: se os outros não encontram nada, porque é que hei-de acreditar que comigo será diferente?...

15. Mete na tua cabeça de uma vez por todas: Deus é desconcertante! A Sua lógica é diferente da nossa e o Seu ritmo também. Nós cronometramos todas as coisas, medimos a duração dos acontecimentos entre as causas e as consequências. E temos pressa, porque estamos conscientes da fugacidade da nossa vida. Mas com Deus é diferente.

Ele está fora do tempo, por isso não mede durações. Ele é Eterno, por isso não tem pressa. Ele **é**. Ele é Javé, Aquele que é, que está presente, que ama e que liberta. E nós só faremos verdadeiramente a experiência da Sua presença quando também formos capazes de sair do tempo, quando escaparmos à prisão dos nossos dias e das nossas noites, quando também nós conseguimos deixar de ser isto e aquilo agora, antes ou depois, para simplesmente **sermos**, tal como Deus **é**. "*Sede, pois, perfeitos, como é perfeito vosso Pai celeste*" (Mt. 5, 48).

16. Por isso, um retiro nunca será um encontro completo ou definitivo, mas sim uma pequena experiência de aproximação. Uma experiência que é absolutamente necessário fazer, porque

será aí, nesse retiro, nessa atmosfera de deserto, que tu te colocarás diante de Deus face a face e diante de ti próprio como um espelho. Na solidão e no silêncio. Em segredo.

Depois... ninguém saberá dizer-te o que acontecerá. O muito, o pouco ou o quase nada que experimentarás, ficará no teu segredo.

Mas Deus, que vê no segredo, decerto te dará a recompensa.

IV - Deserto é envio

17. Se, depois de tudo isto, já te decidiste a fazer um (ou mais um) retiro, peço-te agora: Não te entusiasmes em excesso. Não ergas demasiados castelos no ar, nem cries em ti próprio expectativas exageradas. Lembra-te de que Deus é desconcertante. Ele não Se revelará diante dos teus olhos na medida da grandeza das tuas ideias, mas sim na medida da abertura do teu coração. Por isso, vai para o retiro, mas não esperes muito nem pouco, não faças planos nem previsões nem propósitos antecipados. Vai, abre o coração e fica atento.

18. Peço-te outra coisa: não atribuas demasiada importância ao retiro. Isto poderá parecer-te agora contraditório, mas é verdade: o teu retiro serão dois ou três dias num ano. Sobram trezentos e sessenta e dois ou trezentos e sessenta e três dias do mesmo ano. E, em cada um desses dias, Deus chama-te a viver com a mesma intensidade e não te pede menos empenho do que durante o retiro. Por isso, não tens o direito de fazer do retiro uma alienação.

19. Foi por essa razão que Jesus não deixou Simão Pedro construir três tendas no Monte Tabor (cfr. Mt. 17, 1-8). Não contemplarás uma Transfiguração no teu retiro (quem te dera!) mas, mesmo que o conseguisses, não te seria permitido permanecer aí. Terás sempre de regressar ao teu dia-a-dia complicado e é lógico que assim seja, pois é por causa do teu dia-a-dia complicado que o retiro existe. E foi por causa do teu dia-a-dia complicado que tu procuraste o deserto.

20. Em suma: não buscaste o deserto para fugires do mundo, mas sim para te distanciares um pouco a fim de, diante de Deus e de ti próprio, redefinires a tua posição e a tua acção nesse mesmo mundo. Por outras palavras: o teu retiro não é um esconderijo cobarde para quem se declara vencido pelas dificuldades da vida. Pelo contrário, é o terreiro aberto da coragem de quem quer descobrir o seu lugar no mundo, de quem sabe que tem um papel a cumprir na construção do Reino de Deus.

21. Neste sentido, o retiro é também, e sê-lo-á sempre, um espaço de descoberta vocacional e de compromisso missionário. Porque, à medida que te aproximares de Deus mais e mais, no silêncio do deserto, mais e mais verás e experimentarás que Ele é Amor, Justiça, Paz e Vida. E, quanto mais fortemente o descobrires, quanto mais intensamente o experimentares, mais firmemente quererás prolongar essa experiência no teu dia-a-dia e mais energicamente quererás testemunhá-la, exprimi-la, partilhá-la a todos os níveis da tua vida e da tua acção.

22. E, se verdadeiramente te deixares conduzir pelo Espírito de Deus, que é Amor, Justiça, Paz e Vida, Ele te guiará ao encontro dos mais pobres.

23. E saberás que não estás só.

A Herança de Libermann

Com a força do Espírito

Por Patrícia Magalhães*

Muitos Jovens Sem Fronteiras participam nos retiros da Quaresma. A figura do P. Libermann é central e a Missão uma presença constante.

O P. Francisco Libermann nasceu em 1802, na Alsácia, numa família judia de Saverne.

Depois da sua conversão foi desprezado pela família, cortado das suas raízes culturais e afectivas. Já aluno do seminário, será marginalizado por causa da epilepsia (considerada uma maldição de Deus, fechava-lhe as portas do sacerdócio)

Foi a partir da situação por ele próprio vivida, que compreendeu mais facilmente a situação dos escravos negros do Haiti ou dos recém-libertos de Bourbon, de que lhes falavam os seus companheiros de seminário Tisserant (população do Haiti e S. Domingos) e Le Vavasseur (evangelização dos escravos da ilha Bourbon).

A missão segundo Libermann

A missão é um processo englobante de todos os valores da pessoa. Antes de baptizar, importa promover a pessoa até motivar a sua conversão.

A escola tinha um papel importante: o futuro da missão estava na escola. Seriam as escolas que formariam os catequistas, os professores, os chefes de oficina, os mestres de artes e ofícios e os futuros padres. Na escola, entrava o trabalho agrícola e a aprendizagem das artes e profissões.

O trabalho era a outra alavanca da missão.

Nas cartas de Libermann transpira a preocupação constante pela dignificação dos africanos.

A sua iniciativa missionária coincidiu em muitas partes com a libertação jurídica e social dos escravos - a dignificação da pessoa implica trabalho livre, instrução e família livremente constituída (em regra, os escravos, mesmo tendo filhos, não podiam casar).

O arranque das missões em África partiu quase sempre da libertação de jovens e adolescentes que vieram viver para a missão, e deles sairiam os primeiros catequistas e as famílias cristãs.

Foi com este modelo de missão que Libermann se tornou um dos pioneiros da missão moderna. Todo o seu plano tinha como objectivo a formação de uma igreja local onde se incluiam os ministérios ordenados e os leigos, o desenvolvimento humano e a promoção da vida cristã.

Esta visão não apareceu feita de um momento para o outro. Foi um percurso que Libermann foi descobrindo e clarificando ao longo dos 10 anos que viveu como superior dos espiritanos.

A hora de Deus e os sinais dos tempos

Para Libermann, os acontecimentos eram sinais por onde Deus lhe falava. Ele passará praticamente toda a sua vida a procurar ler esses sinais – chama-lhes "momentos de Deus".

Todos os passos da sua vida e todas as suas opções de fundo não foi ele que os programou.

Para ele, todas as grandes provações da sua vida foram sinais de Deus: a doença, o abandono de alguns dos seus companheiros, o sacrifício dos seus primeiros missionários.

Era preciso por-se à escuta e esperar a resposta. Os grandes passos da sua vida foram mais atitudes de acolher do que escolher. Por isso a sua devoção a Maria: Maria não foi uma mulher de acção, mas de acolhimento e de paixão.

---

* Patrícia Magalhães, Vice-Presidente dos JSF. Licenciada em Direito.

A Paz de Deus e o Deus da Paz

Por Fátima Monteiro

Visitar-nos-á o sol que nasce lá no alto,
para iluminar os que vivem nas trevas,
para guiar os nossos passos, pelo caminho da paz.

No atribulado mundo de hoje, como podemos encontrar a verdadeira e completa paz de Deus? Procurando o Deus da paz, eis o verdadeiro segredo!

Infelizmente vivemos num mundo em que impera uma terrível contradição: queremos a paz, mas preparamo-nos para a guerra. Desde que começamos a ter consciência de tudo o que nos rodeia, a violência, a guerra, os conflitos armados, a morte... tudo isto convive connosco. Torna-se arrepiante pensar que no século que há pouco findou morreram mais de cem milhões de pessoas pelo uso das armas e não houve um só único dia de paz no nosso planeta. Isto pode dar-nos uma ideia da distância que nos separa da paz e da convivência pacífica. Para nós, este clima de violência, que por vezes nos parece longínquo, de uma forma inadvertida impregna-se na nossa vida diária, nas nossas formas de actuar, nas nossas concepções sobre a lamentável situação do mundo e das vias de possível solução. «É impossível um mundo em paz!», chegamos a pensar, sem reparar na quantidade de violência que geramos, cada um de nós, diariamente.

Não podemos entender por paz apenas a ausência de guerra. Falta paz sempre que a vida humana é violentada, quando o ser humano extingue espécies animais, quando o equilíbrio da natureza é ameaçado. Não há paz quando há miséria, fome, desemprego e violência, quer em casa, quer nas ruas, quando há falta de direitos e respeito... a paz verdadeira é fruto do amor

e da justiça. Ao mesmo tempo que é dom de Deus, é conquista. Paz é resultado da verdade, da justiça, do amor e da liberdade de e entre todos.

Assim, os quatro pilares sobre os quais se deve apoiar a paz são a *verdade*, a *justiça*, o *amor* e a *liberdade* como ensinou o Papa João XXIII na Encíclica *Pacem in terris*.

Para sermos construtores de paz é preciso, acima de tudo, viver na verdade. Uma verdade que vem do assumir a minha realidade humana e o meu chamamento a seguir Jesus na Sua opção de não ser *morno*, de sempre optar pelo «sim, sim» ou «não, não», de ter a coragem de assumir as opções e suas consequências, de lutar pelas convicções que são enraizadas no Seu exemplo de vida.

À verdade junta-se a justiça, juntamente com o respeito pela dignidade de cada pessoa. Um exercício muito eficaz para se descobrir a falta de dignidade, a humilhação, a exclusão da pessoa é colocar-se no lugar do outro. Dignidade humana é algo que toda a pessoa tem, pelo simples facto de ser pessoa. Não é algo que podemos «dar» ou «não dar» a alguém, é algo que temos de reconhecer. Dignidade requer igualdade, partilha, perdão e valorização de toda a criação.

Sabemos, porém, que sem amor sincero e desinteressado, a própria justiça não poderá assegurar a paz no mundo. Se o amor que é sinal distintivo dos discípulos de Cristo, que se traduz em gestos de serviço gratuito e desinteressado, em palavras de compreensão e de perdão, a onda pacificadora do amor alarga-se e estende-se até interessar toda a comunidade humana. É, então, mais fácil compreender também o quarto pilar da paz, e esse é a liberdade, o reconhecimento dos direitos das pessoas e dos povos e o livre dom de si, no cumprimento responsável dos deveres que competem a cada um, no próprio estado de vida em que se encontra.

A paz não tem de ser um sonho... pode ser uma realidade, pelo menos no restrito «mundo» que nos cerca, se nos deixarmos ser instrumentos da Sua PAZ...

Que eu seja um instrumento da TUA PAZ!

O comboio da descoberta

Por Faustino Monteiro*

"Desce do comboio e vem ajudar-nos". Esta frase, numa sociedade globalizada e sem fronteiras, bem que podia simbolizar o grito de todos aqueles que vivem nas periferias da humanidade e que não conseguem apanhar o comboio do desenvolvimento. É necessário amplificar a voz destas pessoas que sobrevivem no dia a dia sobre os escombros da guerra, da fome e de outras formas de violência, como a iliteracia ou a falta de cuidados de saúde. Essa voz, apesar de ouvida, não é escutada pelas poucas pessoas que têm direito a sentar-se no comboio do desenvolvimento. A maior parte das pessoas deste comboio, apesar de estar ao corrente desta realidade (o comboio do desenvolvimento tem todas as mordomias como TV Cabo, Internet, etc.), há muito que deixou de escutar essas vozes, pois pensam que é uma inevitabilidade: "coitaditos!", dizem uns, "que trabalhem!" dizem outros. A permanência neste comboio é exigente e quem não cumpre as exigências está sujeito a levar um pontapé no traseiro, e é vê-lo rebolar por aí abaixo...

Descer do comboio egoísta

Ser missionário é ter a capacidade de descer deste comboio egoísta e conformista, talvez num apeadeiro onde não há memória de ele alguma vez ter parado. Provavelmente por falta de passageiros com bilhete válido. É que neste comboio não entra qualquer um. Provavelmente existirá alguma resistência por parte do maquinista ou de alguns passageiros (principalmente os da classe VIP) em parar em certas estações. Talvez por terem receio que este seja tomado de assalto ou,

então, não vá algum vírus entrar em algum compartimento e afectar o conforto reinante. Se o maquinista não parar, talvez tenhamos de saltar do comboio em andamento o que causará, seguramente, alguns ferimentos. No entanto, a recuperação é rápida, pois a alegria de termos dado esse primeiro passo ajuda a curar as mazelas da incompreensão, do isolamento e das dificuldades.

Cada cristão é chamado a sair num desses apeadeiros, seguindo aquilo para que se sente mais vocacionado. O importante é sair neste comboio, porque se não sairmos nunca mais chegaremos...

O comboio da solidariedade

Desde que estou nos Jovens Sem Fronteiras, descobri um outro comboio: "o comboio da solidariedade", que me tem levado a viagens que eu não ousaria. O maquinista, um tal de Espírito Santo, nunca nos diz previamente onde é que é o destino... Um dos apeadeiros, a que este comboio me levou, tem por nome Estabelecimento Prisional de Tires, onde os JSF de Tires (o grupo a que pertenço) têm um trabalho pastoral de animação há vários anos. Este trabalho tem-me despertado para o problema da solidão (e não se pense que este problema é apenas destas pessoas). No entanto, a esperança visível nos olhos destas mulheres aquando da nossa presença, e que muitas vezes deixam escapar uma pequena lágrima, tem-me ajudado a entender o verdadeiro sentido de 'dar a liberdade aos cativos'. É que há muita gente presa que está em liberdade e muitas outras que estão em liberdade mas estão cativas...

Durante muitos anos, no mês de Agosto, o comboio da solidariedade levou-me a uma região um pouco árida, com muita gente de idade e pouca em número: o Alentejo. Ao tentar despertar para o sentido da vida e da fé, eu e os meus companheiros aprofundámos a oração, o testemunho de vida, a importância da presença e da vida comunitária.

Comboio na Ponte

Há um certo tempo, este comboio levou-me a mim e a mais oito jovens numa longa ponte, a um lugar que só conhecia pela televisão e pelos jornais e infelizmente pelos piores motivos: o Huambo, Angola. Há quem diga que o comboio do desenvolvimento também passa por lá, mas só quem tem determinados produtos é que tem direito a entrar nele. Nesta estação, onde estive cinco semanas, encontrei gente simples e pobre, vítimas de uma guerra sem sentido que deixou muitas mazelas. Casas destruídas e estradas intransitáveis é o cenário normal desta estação. No entanto, o povo acolhe muito bem a todos os que vêm por bem. Têm um coração de grande fraternidade e partilha. Como esquecer a magnífica recepção na Missão do Vale do Queve, onde reservaram o único banco da Igreja (os outros foram roubados durante a guerra!) para os visitantes. No Huambo, eu e os meus colegas ajudámos na formação e no acompanhamento e presença junto dos meninos de rua, mutilados de guerra, doentes, etc.

É assim este comboio. Aparece quando menos se espera. Quem sabe se um dia o Comboio do Desenvolvimento deixa de ser tão egoísta e muda de rumo e estratégia transformando-se também ele num comboio da solidariedade?

Quem sabe...

---

* Faustino Monteiro, ex-Presidente dos JSF, vice-presidente de Sol Sem Fronteiras. Licenciado em Engenharia Informática.

Maria, Mãe Sem Fronteiras

Por Patrícia Magalhães

Neste mês de Maio comemora-se o Dia da Mãe.

É, para mim, um mês com significados muito especiais: é o mês em que eu nasci, é o mês em que, consequentemente, a minha mãe foi mãe e é o mês dedicado a Maria, a mãe das mães.

Além disso, é ainda o mês escolhido pelo Secretariado Nacional da Pastoral Juvenil para fazer os jovens de todo o Portugal peregrinar até junto de sua mãe, no Fátima Jovem.

É muito difícil escrever sobre o Dia da Mãe, sem cair nas palavras habituais que vemos em vários postais que compramos para oferecer às nossas mães neste dia.

De qualquer forma, tudo o que se escreve só é banal se nos deixarmos invadir por essa banalidade. A nós, jovens e filhos, cabe-nos ser testemunhas vivas do amor maternal, pois o verdadeiro amor nunca é banal. Toda a mensagem que Jesus Cristo nos deixou se resume ao Amor e passados mais de dois mil anos não se tornou banal...

O coração das Mães

Todos sabemos que muito ou quase tudo o que somos devemos às nossas mães.

Sendo este um espaço dedicado aos jovens, não poderia fingir que não sei que é precisamente na idade jovem que o conflito de geração com os pais é mais latente.

Mas também sei e todos sabemos que são sempre eles e, em especial as mães que, quando precisamos de alguma coisa, sabem sempre como, onde e quando, não é verdade?!

Elas falam com o coração, com o amor que podemos sentir sempre onde quer que estejamos.

E mais: o amor de mãe nunca espera recompensa...

As mães alegram-se quando estamos alegres e sofrem connosco as nossas dores muitas vezes em silêncio.

Elas são o exemplo de quem foi para elas também um exemplo: Maria.

Maria, a Mãe presente

Se, ao mesmo tempo, parece fácil escrever sobre Maria, é muito difícil compreender o verdadeiro alcance daquilo que foi a sua vida e a sua Missão de Mãe de Jesus e da Igreja.

Maria, desde o encontro com o anjo, pronunciou sempre o "Faça-se segundo a vontade de Deus". Toda a sua vida estará marcada por uma extrema dedicação a Deus, na pessoa do seu Filho, e toda a vida de Jesus em Nazaré estará marcada pela pessoa de Maria.

Maria não aceitou ser mãe de Jesus para O dominar ou mandar n'Ele, mas para se submeter a Ele como discípula, sem deixar de ser Mãe.

Maria não andou com Jesus a pregar nem a curar doentes. Ela foi mais afecto do que razão, mais presença do que influência.

Maria esteve sempre presente solidária com a dor de seu Filho e esteve presente na hora em que Jesus não fez nada, a não ser sofrer pregado numa cruz como um malfeitor.

Nesse momento, Maria sofreu por todas as pessoas, as dores da maternidade.

Ao discípulo amado, onde se revêem todos os discípulos que Jesus ama, todos os homens e mulheres de todos os tempos e todos nós, jovens, Jesus entrega sua mãe, como prova do seu amor infinito por toda a humanidade: «Mulher, eis aí o teu filho». «Filho, eis aí a tua mãe».

Maria, segundo Mel Gibson

Fui ver o filme "A Paixão de Cristo", no cinema, na Semana Santa com o meu grupo de JSF do Barreiro.

Muito já se escreveu sobre este filme e muita controvérsia gerou. Apesar de tudo, como em geral no cinema, prefiro o "livro".

Mas, a personagem de Maria tocou-me profundamente naquele filme... não só pela simplicidade e por saber guardar as coisas em silêncio, mas principalmente pela força e coragem que ela, enquanto mãe e sempre confiante em Deus, transmitiu a Jesus.

Durante a sua caminhada para o calvário, Jesus encontra sua mãe por algumas vezes e procura nos olhos dela o que precisa - fé e esperança. Maria e Jesus não falam, apenas se olham, mas Jesus Cristo ao vê-la, recupera as sua forças carregando com ele a cruz do Mundo.

Maria foi a ponte entre Deus (Pai) e Deus (Filho). Foi como se, através dela, Deus (Pai) comunicasse a Deus (Filho) que o caminho tinha de ser seguido até ao fim.

E Maria esteve lá até ao fim... mesmo quando outros não estiveram...

Ouvi na Semana Santa o meu pároco António Sobral (paróquia de Santa Maria – Barreiro) dizer por algumas vezes: "Pensemos como terá sido a Sexta-Feira Santa de Maria depois de acompanhar o seu Filho ao longo daquele sofrimento e de ele expirar". E estas palavras ficaram a ressoar até hoje...

Ninguém poderá medir o sofrimento desta Mãe... nem de qualquer mãe que vê o seu filho em sofrimento e sofre em silêncio com ele.

Por isso, comecei por dizer que escrever sobre as mães ou sobre Maria é muito difícil.

Maria do SIM

Para nós, Maria é modelo de amor, dedicação, serenidade, fé e confiança em Deus.

Maria foi missionária por vocação. No momento da Anunciação, ao dar o seu SIM ao projecto de Deus, o Espírito

Santo fez dela a primeira missionária: o seu coração será o berço da Missão.

E como missionários que somos neste mundo, é no seu exemplo que poderemos percorrer os caminhos ao lado do pequeno, do pobre, acreditando como Maria na força libertadora do amor de Deus mais forte que a própria Morte. Caminhos esses que, aliás, Maria percorreu e nos deixou de uma forma bela com o Magnificat.

A nossa resposta deverá ser a dela: "Faça-se em Mim a tua vontade" e o caminho a percorrer tem um nome: "SIM". Dizer sim a Deus que nos disse qual a Sua vontade com as atitudes e palavras do Filho de Maria. Dizer sim ao amor, à verdade, à justiça, ao perdão, à paz, à alegria, ao acolhimento à disponibilidade, ao silêncio, à fé, à esperança, à humildade, à mansidão, à fortaleza, à contemplação, à simplicidade, à confiança, ao serviço.... dos outros nos caminhos da missão!

CRUZ

Pontes

Ponte 2000 em Moçambique

Apostar forte nas escolinhas

Por Tony Neves

Saímos de Lisboa e aterrámos na Beira. Dali fomos até Maputo, voltámos a fazer escala na Beira e acabámos de 'voar' em Nampula. Ali nos acolheu toda a comunidade de Netia: os padres Pedro Fernandes, Alberto Tchindemba e Damasceno Reis e o diácono Pilali. Com eles iríamos partilhar o dia a dia durante um mês. Dois jeeps conseguiram aguentar com catorze pessoas mais as bagagens e fizeram-se à estrada, rumo à Missão de Netia, situada em Natete. Chegámos já era noite. Era quinta-feira.

Netia fica, mais ou menos, a meio caminho entre Nampula e Nacala. No coração do mato, sem electricidade nem telefone. Assim começou a Ponte 2000, realizada por 10 Jovens Sem Fronteiras e organizada pela ONGD 'Sol Sem Fronteiras'.

Experiência de Imersão

O primeiro fim-de-semana foi de imersão pastoral. O "mergulho" consistiu na participação nas Eucaristias, acompanhando os padres às comunidades do interior. Deu para ver como a guerra passou por ali, como a pobreza ainda é muita, como as picadas são terríveis mas, sobretudo, como as comunidades vivem a sua Fé. A opção de criar comunidades ministeriais (isto é, organizadas de maneira a que funcionem sem a presença habitual do padre) foi uma "estratégia ganhadora" por parte da Igreja.

Houve muito calor humano, muito batuque e muita dança na recepção aos jovens "mucunhas" (brancos) que chegavam de Portugal. No regresso à Missão, todos vinham tão "partidos" (com tanto salto na picada!) como felizes com a experiência

que acabavam de fazer. A "Ponte 2000" prometia. O povo "macua" mostrava, desde o primeiro dia, uma simpatia e uma hospitalidade tão "sem fronteiras" como o nome do grupo.

Cursos de Formação

O esquema de formação foi montado a partir da realidade concreta das comunidades. Os Cursos de Formação foram realizados em Netia e Djipui, os centros das duas Paróquias confiadas aos espiritanos. Os 10 JSF dividiram-se em três equipas: uma orientou os cursos aos responsáveis ("ministros") da Saúde e aos Alfabetizadores; a segunda trabalhou com os anciãos, os líderes dos Jovens e os Catequistas; a terceira encarregou-se dos professores e responsáveis da "Justiça e Paz". Os participantes foram escolhidos "a dedo" (25 de 116 comunidades), todos os cursos terminaram com uma celebração solene de entrega de "diploma de participação" e, feitas as avaliações, o balanço foi muito positivo.

As Irmãs Combonianas dirigem o Lar Feminino onde residem as adolescentes que estão na Escola de Natete. Havia um encontro de formação, uma hora por dia, sobre "formação humana", "formação cristã", "educação para a arte" e "Inglês".

Os nossos "engenheiros" quiseram ainda valorizar as estruturas físicas da Missão, electrificando a residência de Djipui e melhorando a de Netia. Depois de 29 dias às escuras, houve luz eléctrica na hora do adeus.

Apostar nas Escolinhas

A Família Missionária Espiritana decidiu lançar uma campanha jubilar conjunta. A ONGD "Sol Sem Fronteiras" coordena a realização do projecto da construção de três Escolinhas. Já há fundos para a construção dos edifícios e, no dia 14 de Agosto, houve grande festa na aldeia de Napwuia. Ninguém ficou em casa. O largo defronte das actuais escolinhas de pau a pique e capim encheu-se de gente para a

cerimónia da benção e lançamento da primeira pedra da nova Escolinha. Não faltaram os cânticos, as danças e os discursos de ocasião. Depois de explicada a razão de tal investimento, assinou-se o documento que seria posto num tijolo, a tal primeira pedra, solenemente enterrada diante de toda a gente.

Foi um momento grande nesta "Ponte", A aposta na educação e na saúde vá continuar a ser decisiva para o presente e o futuro deste povo que a guerra martirizou.

Depois das Escolinhas, virão os furos artesianos, fundamentais numa terra onde a seca e a falta de água potável vão fazendo vítimas.

Mais do que fazer, Ser

A "Ponte 2000" foi um projecto de acção, mas não só. Os missionários que acolheram os JSF disseram, desde o princípio, que os missionários valem mais pelo que são do que por aquilo que fazem. A acção deve brotar de dentro e traduzir o que se é. Por isso, no programa do mês estavam contemplados dois dias de Retiro no Mosteiro Mater Dei, um convento de vida contemplativa. Longe de tudo e de todos, nas montanhas de Nampula, houve tempo e espaço para uma viagem ao interior de cada um, para reforço das razões profundas que levaram os jovens a Moçambique.

O dia 13 foi de celebração jubilar na catedral de Nacala, cidade portuária à beira-Índico plantada e sede da Diocese a que Netia pertence. Presidiu D. Germano Grachane, participaram muitos padres, irmãs e leigos numa Eucaristia muito animada.

A vida de comunidade é essencial para os missionários. O grupo JSF quis fazer caminho com os padres, o diácono e as Irmãs e, todos os dias, havia oração da manhã e Eucaristia.

Património da humanidade

A Ilha de Moçambique é património da humanidade. Bem o merece tanta beleza. A visita que o grupo ali fez foi um

encontro com a história. Depois de ser capital de Moçambique, continuou a ser uma referência turística e histórica, lugar de visita obrigatória. Na Fortaleza (muito degradada), encontra-se a capela mais antiga de toda a costa oriental de África e uma capela memorial a S. Francisco Xavier que por ali passou, a caminho do Oriente. Pode ver-se, ao largo, a Ilha de Goa onde foi celebrada a primeira Missa em terras do oceano Indico.

Mar de se ver o fundo, águas calmas e quentes... em suma, irresistíveis. "Fernão Veloso", "Cabaceira", "Chocas"... são nomes de praias que nada devem às das Caraíbas e Pacífico tão apregoadas pelas agências de viagens. O grupo ali foi dois dias para fazer uma pequena experiência de paraíso.

Nampula é a grande capital do norte de Moçambique, uma cidade grande, com muita vida e alguma insegurança. Impôs-se a visita à Universidade Católica, guiada pelo P. Arlindo Pinto, Comboniano, professor e capelão.

Balanço Final

Na avaliação foi dada "nota mais" a esta Ponte 2000. No dia da partida, decretou-se um recomeço. De facto, era grande a vontade de voltar e, sobretudo, de intensificar em Portugal o compromisso missionário "sem fronteiras".

Ponte 2001 em S. Tomé e Príncipe

Um Amanhã Saudável

Por Patrícia Magalhães

Quinze Jovens Sem Fronteiras realizaram em S. Tomé, durante o mês de Agosto, a Ponte 2001. Foi uma experiência de missão, um encontro de culturas, uma partilha de fé. Este projecto missionário em tempo de férias teve por lema "Um amanhã saudável" e apostou na formação de jovens, no acompanhamento de crianças e em diversas iniciativas na área da Saúde.

Ao serviço da Saúde e da Educação

Desde há já algum tempo que desejava fazer uma experiência missionária em África. Pois bem, este ano, finalmente, tudo se proporcionou nesse sentido.

Resumir agora nalgumas linhas tudo o que presenciei, vivi e senti neste mês de Agosto é uma "missão impossível", pois não há palavras que descrevam toda uma série de emoções e memórias que ficaram guardadas para sempre no meu coração. "Um Amanhã Saudável" foi o lema que nos levou a partir rumo a S. Tomé e Príncipe. A saúde foi uma aposta muito importante, que só no terreno se compreende verdadeiramente. As doenças de todo o género assolam aquela população. Não fosse o facto de, felizmente e apesar de muita miséria que se vê, ninguém morrer de fome em S. Tomé (pois a terra ainda dá o que comer), diria, à primeira vista, que as barrigas inchadas, não só das crianças mas de toda a população, seriam o espelho da desnutrição, que tanto estamos habituados a ver pelas imagens que nos chegam através da comunicação social. Só então nos apercebemos que o "inchaço" não é mais do que as tão conhecidas lombrigas e afins que, como parasitas

que são, vivem à custa do próprio corpo daquela gente. E claro está, a malária também não dá tréguas a ninguém!

Por isso, é com alguma perplexidade que vemos o país com uma fauna e flora apreciáveis e sítios completamente paradisíacos que tudo têm para oferecer, mas com muito pouco turismo, o que é fruto do receio de todas essas doenças, por vezes incontroláveis, ainda que se tomem todos os cuidados.

O Centro de Ribeira Afonso

O grupo que integrei era composto por oito pessoas e ficou instalado no Centro Social de Apoio à Infância, em Ribeira Afonso.

Foi com muita emoção que olhámos pela primeira vez para o C.S.A.I. em pleno funcionamento. Depois de verificarmos que tanta gente dependia dele, só pude dar como muito bem empregue cada pequeno ou grande esforço que se fez nas campanhas realizadas em Portugal para a sua construção e em que os Jovens Sem Fronteiras tiveram um importante papel. Por outro lado, agora fica a vontade de continuar a fazer mais e melhor para a manutenção e desenvolvimento do Centro.

Quanto ao trabalho que o grupo se propôs fazer em Ribeira Afonso foi o mais diversificado possível. Desde logo, havia dois grupos bem distintos. O da saúde, com o trabalho no laboratório e consultório do Centro e as consultas nas roças, integrava a Cristina, a Inês, a Isabela e a Sandra. O grupo da educação integrava a Ana, a Hélia, a Paula e eu. Por vezes, os dois grupos trabalhavam conjuntamente, o que foi muito enriquecedor.

O grupo no qual me integrei - educação – preenchia as manhãs com o trabalho com as crianças na escola primária de Ribeira Afonso e no jardim de infância do C.S.A.I. O contacto com as crianças foi uma experiência verdadeiramente aliciante e muito marcante. A agressividade inicial cedo deu lugar à brincadeira e meiguice. Elas precisam de muito pouco para dar muito! – esta foi a lição que trouxe de lá.

De tarde, tínhamos desde a formação de adultos à catequese, da promoção da mulher à formação de agentes de contacto (pessoas responsáveis por fazer a ligação entre as roças e o C.S.A.I.), e até um pequeno curso de monitores, os quais foram uma ajuda preciosa nas actividades na escola primária.

Vêm-me agora à memória vários episódios passados em todas essas actividades de formação e, claro está, o orgulho que senti quando as crianças, que diariamente frequentaram a catequese naquele mês, fizeram o seu baptismo e a primeira comunhão. Uma alegria imensa e difícil de explicar me invadiu nesse dia.

Voltar e fazer mais...

Fica muita coisa de uma experiência como esta: a imagem das roças que em tempos foram, certamente, o ex libris e o sustento daquele país (dá vontade de pôr tudo de pé outra vez), fica o testemunho de fé e perseverança de muitos missionários e muitas missionárias que tudo dão, fica a afabilidade de um povo muito simpático e acolhedor, as caras de muita gente que conheci, a sua simplicidade e amizade, a beleza natural daquela ilha, o ritmo das celebrações, o cheiro característico que paira no ar, os momentos de oração e brincadeira com a comunidade e a vida em grupo. Tudo isto é algo que não se conta, nem se explica. Vive-se!

Também a sensação inevitável de que um mês é muito pouco tempo, que muito ficou por fazer, que no trabalho é que está realmente o ganho e que o sorriso de uma criança vale tudo!

Fica acima de tudo uma grande vontade de voltar e fazer mais...muito mais!, porque o que fiz não foi nada e o que dei nada foi diante do que recebi!

Ponte 2001 em S. Tomé e Príncipe
Um Amanhã Saudável II

Por Paula Neto Nogueira*

A Missão dos pequenos gestos

30 de Julho de 2001, Segunda-feira, o começo de um sonho de menina, partir e entregar-me sem medida, resposta ao chamamento constante e sem cessar de Deus, ter coragem de fazer-me ao largo e ser feliz! No coração, levava a esperança e a alegria de partilhar, brincar, aprender, ensinar...crescer na fé. No pensamento pairava a incerteza do desconhecido, do além tão próximo, dos irmãos que ansiava conhecer, a sede de viver e de deixar a minha barca e seguir Jesus. Na alma, a certeza que Deus está sempre comigo, a confiança de avançar no meu caminho porque sei que Ele está presente.

31 de Julho de 2001

Terça-feira, o concretizar de um sonho de adolescente, estar em terras de missão, agora também "as minhas terras". A Minha Missão era dar-me sem limites a São Tomé e Príncipe. Recepção calorosa no aeroporto repleto de pessoas de muitas cores, nacionalidades e culturas; cumprimento de irmãos que nos receberam de braços abertos. Embora sem nos conhecerem, sabiam que vivíamos o mesmo mandamento – Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.

1 de Agosto a 27 de Agosto de 2001

O efectivar do projecto Ponte 2001 entre Portugal e São Tomé e Príncipe, cujo lema era ambicioso, urgente e actual "Um Amanhã Saudável". Foram dias totalmente preenchidos

de muito amor, carinho e amizade! As visitas a entidades oficiais e casas religiosas, que nos receberam com simpatia, disponibilidade e alento. O encontro inaugural das actividades com os Jovens Sem Fronteiras locais tão verdadeiro, colorido e animado.

Finalmente...o início do curso "Cidadania Saudável" no Seminário Diocesano de São Tomé e em Santana, o qual consistia em leccionar a cerca de 120 jovens dos 14 aos 28 anos disciplinas de Matemática, Português, Pastoral Juvenil, Educação Cívica e Ambiental e Direitos Humanos. Eu, como membro do grupo de 7 pessoas que ficámos na cidade de São Tomé, dei aulas de Matemática e Finanças, não foi uma primeira experiência de ensino, mas foi sem dúvida a experiência mais exigente, aliciante, divertida...aquela em que me senti mais realizada e útil aos outros, alunos amigos sedentos de aprender que me mostraram que para vencer basta termos dentro de nós a vontade de querer amar!

Mas como não fomos para estar parados...à tarde tínhamos actividades de tempos livres no âmbito do projecto "Construir o Futuro" com as crianças São Tomenses, inicialmente 30 a 40 meninos que se multiplicaram em cerca de 160 crianças. As actividades foram muito variadas, desde temas relacionados como ser criança, o estar em grupo e o viver amanhã num ambiente de amizade e igualdade, até canções, jogos, brincadeiras e...um fantástico passeio pela cidade de São Tomé! As crianças mostraram-me que para sermos e fazermos os outros felizes, são precisos apenas pequenos gestos de amor!

Os poucos tempos livres que tínhamos em grupo eram preenchidos com encontros com Jovens Sem Fronteiras, passeios pela praia e pelo país, participação nas Eucaristias, orações e, muita...muita amizade.

28 de Agosto de 2001

Terça-feira, data do regresso a Portugal. Angústia, desalento e lágrimas por não poder ficar; alegria e lágrimas por saber que tinha cumprido aquela missão que Deus me tinha proposto;

ânsia de voltar em breve para um projecto mais duradouro.

No coração trazia os "meus meninos" – jovens e crianças, em especial "o meu filhote" Guiwalter e a minha afilhada Maria, os amigos Padre António, Padre Mendonça e irmã Angelina, todos aqueles que tinha conhecido e que me tinham amado como sou!

No coração vinha a esperança de uma nova Missão, o desejo que as limitações da vida não me impedissem de florescer!

No coração, no pensamento e na alma as melhores lembranças que nenhuma fotografia conseguiu captar, a certeza de que aquele país de tantos contrastes é também a minha casa além fronteiras, que as pessoas Sãotomenses são também a minha família!

Enfim... a confiança no Amor de Deus e na força do Espírito Santo, porque tudo de bonito o que vivi e senti em São Tomé e me vai no coração é impossível de traduzir em meras palavras! A certeza de fazer da missão a minha vida!

---

* Paula Neto Nogueira, JSF de Tires.
Licenciada em Administração e Gestão de Empresas.

Ponte 2002 em Cabo Verde
Crescer Responsável

Testemunhos

A Calheta de S. Miguel, em Santiago, acolheu 15 Jovens Sem Fronteiras de Portugal que ali realizaram, no mês de Agosto, o Projecto "Ponte 2002- Crescer Responsável". A organização coube à ONGD "Sol Sem Fronteiras", aos JSF de Portugal, à Paróquia e Secretariado de Pastoral Juvenil da Calheta e à Escola P. Moniz.

Do Programa constaram diversos cursos e actividades: "Cidadania Responsável" (Curso destinado a jovens), "Informática 1 e 2", "Espiritualidade Missionária", "Formação Musical", "Primeiros Socorros", "Pedagogia Educacional" (para Professores) e dois ATL para crianças e adolescentes. A Equipa de Saúde deslocou-se a povoações do interior para sessões sobre noções básicas de higiene e saúde reprodutiva. A pastoral tomou conta dos fins de semana.

Neste espaço, damos a voz a alguns dos jovens que participaram nesta "Ponte 2002".

Dez anos depois de ter conhecido Cabo Verde e de ter feito a primeira 'Ponte', fui encontrar, de novo, a alegria de um povo em festa, a persistência dos que semeiam sempre ainda que a chuva não queira aparecer, a hospitalidade de quem acolhe um familiar que espera há muito, a simplicidade de quem vive do que é essencial e a fé de uma Igreja jovem e peregrina.

Sandra Simões

As crianças foram, sem dúvida, as que mais me marcaram.

Olhar os seus rostos sorridentes, sempre à espera de um gesto de carinho, de uma palavra amiga ou de um simples

convite para a brincadeira provou-me que as crianças são o melhor do mundo.

António Silva

Desejo que nos corações caibam sempre os ideais que nos levaram a ir em "Ponte", que partilhámos e procurámos viver, no nosso grupo e com a Calheta, e que estes sejam abençoados pela chuva do Amor de Deus. Se assim for, acredito que as "plantas" que daí nascerem servirão de alimento, sombra e beleza, para muitos!!!

Beatriz Morgado

De Cabo Verde trago uma 'sôdade' imensa da cultura deste povo, para quem qualquer coisa é motivo para cantares, batuques, palmas e dança.

Aprendi que um missionário faz aquilo que é preciso, o que pode significar fazer um pouco de tudo. Isso despertou em mim uma grande vontade de aprender cada vez mais coisas - saber mais para servir melhor.

Marta Garrido

Uma terra sedenta de chuva, mas com muita fé e com muita esperança. Cada rosto tinha uma expressão de alegria e vontade de lutar, de mudar algo no seu país. Por toda a vila, crianças a sorrir cheias de energia que nos fazem esquecer tudo o resto e somente ter vontade de estar com elas...

Um trabalho que nos faz crescer e muda algo dentro de nós. Sentimo-nos mais próximos de um povo que está longe, mas ao mesmo tempo perto, dentro do nosso coração.

Mizé Magalhães

Lembro-me da Irmã Filomena, quando fomos a um encontro de jovens de S. Domingos, pedir: "Tragam chuva", como se

encarasse a nossa ida como uma dádiva para todos.

É impossível agora não fechar os olhos e ver-me naquelas terras, ver aqueles rostos, ouvir aquelas músicas, sem dúvida ficou a "sodade", mas também o desejo de lá voltar, para poder entregar-me novamente àquele povo.

Catarina Ribeiro

Da Calheta de S. Miguel, trago gravada a imagem de um povo humilde e muito acolhedor, trago a vozita das crianças que chamavam por mim... Trago a alegria do P. Sousa, das Irmãs e de toda a equipa de jovens que proporcionou, no terreno, a realização desta Ponte 2002.

Neste momento, recordando uma experiência inesquecível, somente acrescentarei que poderá tratar-se do início de uma longa caminhada ao serviço do Amor... ao serviço da Missão.

Rita Costa

Considero esta Ponte uma experiência rica, pois fizemos um bocadinho de tudo. Conhecemos a Ilha de Santiago, trabalhámos com adultos, jovens e crianças e participámos em celebrações e festas em locais e contextos variados.

Lisa Silva

Fazer esta 'Ponte' foi voltar a acreditar que ainda há 'guentis' que não vive só para ser mais que os outros. O acolhimento do P. Sousa e do Secretariado da Juventude da Calheta, os miminhos das Irmãs, o sorriso sempre aberto das crianças do Jardim de Infância, o respeito dos Professores do Curso de Pedagogia, a tristeza e o orgulho nos olhos de todos (comunidade paroquial e nós, JSF) na Eucaristia de Encerramento... são memórias únicas que não se vão apagar!

Ana Luísa Ferreira

Não poderei esquecer a simplicidade, o carinho, a amizade de um povo que todos os dias subia ao alto dos montes para semear a terra, em lugares que dificilmente podemos imaginar, esperando e desesperando pela água da chuva que teimou em não cair. São lições de coragem e de vida que nunca esquecerei.

Desta experiência ficam também as amizades conquistadas nas aulas, à mesa, na oração, na brincadeira, na partilha.

Para trás, deixo a certeza de que vivi momentos únicos. Fica também a saudade, mas acima de tudo, fica a certeza de que nada nos separará... do amor de Deus.

Celso Nogueira

Esta Missão continua a realizar-se, crescendo todos os dias dentro de mim. Este sentir fundamenta-se numa filosofia de vida cristã que revolucionou o meu espírito ao abrir o meu coração, sem fronteiras, a testemunhos de vida que, pela sua simples presença, me transmitiram o verdadeiro espírito e sentido da expressão 'ser missionário'.

Nesta linha, gostaria de fazer a minha caminhada a nível pessoal, espiritual, profissional, familiar, isto é, fazer da minha vida, uma missão de realização constante.

Paula Moreira

O que mais me marcou nesta experiência missionária foi o testemunho de fé e vivência dessa fé que pudemos dar.

Adorei também a oportunidade de trabalhar com as crianças. Foi uma experiência que me marcou profundamente, pela sua alegria, simplicidade e gratuidade nas relações.

De realçar o modo extremamente acolhedor como nos receberam e acompanharam e todo o empenho da comunidade local no apoio ao projecto.

João Paulo

Esta experiência em Cabo Verde foi muito positiva porque, em vez de uma "Ponte", consegui várias "Pontes".

A primeira, com esta gente simples, alegre, generosa e acolhedora.

A segunda com a cultura e os costumes deste povo, onde a festa, as danças e o batuque não podem faltar.

A terceira com a Igreja local que caminha com muita força, fé, esperança e juventude.

A entrega à Missão diz-me que não basta só "fazer pontes", mas é preciso continuar a percorre-las!

E isto será feito a partir de hoje!

João Cláudio

No final desta "Ponte", sinto que todos nós deixámos no rosto daquele povo um sinal de esperança para um futuro melhor. Aprendi o verdadeiro sentido do que é amar e ser amado, e principalmente aprendi que não posso cruzar os braços e ficar indiferente à realidade deste povo irmão.

Uma coisa tenho a certeza: quero fazer da missão a minha vida!...

Sandra Eusébio

Ponte 2003 em Angola

Reconstruir na Esperança

Por Faustino Monteiro

Oito Jovens Sem Fronteiras de Portugal, coordenados pelo P. Raul Viana, realizaram, em Kalandula (Malange) o projecto "Ponte 2003" com o lema "Reconstruir na Esperança". Foi uma experiência única que proporcionou um espaço de encontro e formação que envolveu catequistas, professores, mães, crianças, jovens e militares. As áreas de saúde, educação, direitos humanos e pastoral foram as privilegiadas. Saliento aqui a forma como fomos recebidos pelas populações nas aldeias e os desafios que se lançam hoje a Angola no que diz respeito à reconstrução das estruturas e cimentação da paz.

Memórias das visitas às aldeias

As visitas às aldeias são experiências únicas de contacto com um povo simples e acolhedor. A chegada do padre e das irmãs é sempre motivo de festa e alegria. Numa aldeia onde já não se celebrava missa há muito tempo, uma senhora faz uma bonita oração em Kimbundu: agradecia a presença do padre e dos jovens e dizia que as ofertas eram poucas pois não tinham muito mais para oferecer (alguns estavam a regressar novamente à aldeia de onde tinham saído por causa da guerra), mas o que ofereciam era de coração. No final da eucaristia foram buscar "as poucas coisas que tinham para oferecer": grandes abacaxis, um belo cacho de bananas, mandioca, feijão, três galinhas, etc. Do pouco que tinham ofereceram o melhor!

"Oh Ngana ndolo, ndolo Tambula, Oh! Ngana", este cântico de ofertório em Kikongo (língua que se fala mais a norte) recorda-me uma visita a uma ponte destruída na aldeia

de Santa Maria. A viagem numa camioneta de caixa aberta com cerca de 40 pessoas (crianças, jovens e menos jovens!) a cantar, penetrando na densa mata, dava-nos a sensação de um mundo diferente, onde pessoas surgiam do meio do nada com trouxas na cabeça, pequenas aldeias de casas da cor da terra cobertas de capim surgiam como por milagre à beira da estrada, crianças a acenar e a correr atrás do camião, um ou outro vestígio da guerra, pequenas lavras com mandioca, café, feijão, etc. Parámos numa aldeia, cumprimentámos o soba (chefe tradicional), um grande tocador de marimba (instrumento musical feito de cabaças), as crianças olhavam com curiosidade os forasteiros, algumas fugiam. Retomámos o caminho, levando cana-de-açúcar e mandioca que rapidamente foi partilhada por todos. Um mundo diferente. Nem melhor nem pior, comparando com este a que estamos habituados. Mas diferente. Diferente e bonito e a respirar liberdade. Uma das coisas que ficam destas experiências é isso mesmo: um olhar diferente, mais contemplativo, mais apaixonado por este mundo tão diversificado.

É tempo de reconstruir o Futuro

Depois de muitos anos de guerra civil: milhares de mutilados, órfãos, crianças abandonadas, famílias destroçadas, gerações de indivíduos que conheceram pouco mais para além da triste realidade da guerra, estruturas físicas destruídas (pontes, escolas, hospitais, etc.), minas semeando a morte e o terror. Feridas ainda abertas, porque a guerra dificilmente se esquece. Apesar de tudo isto, respira-se a Paz e a certeza que a guerra não mais voltará. É tempo de começar a reconstruir o futuro na esperança de que melhores dias virão.

Dos missionários e da população em geral fica um apelo: precisamos de voluntários, quer sejam da área da educação, saúde, construção ou o que for. Trabalho não falta e existem óptimas condições para uma boa adaptação.

Sinal de futuro é, sem dúvida, a maternidade que está prestes a ser inaugurada que o grupo da "ponte" ajudou a montar e a

baptizar com o nome *"Maternidade Libermann"*. A ideia da construção da maternidade foi fruto de um triste acaso: o atropelo mortal de uma criança. Esse triste episódio foi transformado em apoio ao nascimento de muitas crianças!

Num ano em que os Espiritanos, o movimento JSF e a associação SOLSEF comemoram 300, 20 e 10 anos de existência, a realização da Ponte 2003 em Angola significou também esta vontade de estar na linha da frente com aqueles que anseiam por um futuro de paz, esperança e prosperidade. Esta experiência foi o pouco, pequeno e possível contributo. E o seu, caro leitor, qual será?

Ponte 2004 em S. Tomé e Príncipe

Vida Saudável

Por Paula Vicente* e Cátia Asseiro**

O Centro Social de Apoio à Infância (CSAI), em Ribeira Afonso, acolheu a Ponte 2004, com o lema "Vida Saudável".

No período da manhã, realizou-se o ATL, no CSAI. As crianças começavam a chegar ao Centro às 8 horas da manhã, sempre alegres e com vontade de aprender algo de novo. Eu e a Luísa coordenámos o ATL, onde fizemos pintura, desenhos, canções, explicações e muita diversão.

De manhã, a enfermeira do CSAI, ia às Roças com a Patrícia e a Cátia. Nessas visitas, davam formação à comunidade de cada Roça: falavam às pessoas do cuidado a ter com a higiene, o registo das crianças, as doenças sexualmente transmissíveis, a alimentação, a vacinação e os direitos humanos.

Durante as tardes, tínhamos formação para a comunidade de Ribeira Afonso, para os Agentes de Contacto, Promoção para a Família, Promoção da Mulher e Formação para os Jovens. O que eu trouxe desta Ponte foi a convicção de que na vida de um cristão, só uma tristeza existe, a tristeza de não saber amar.

*Paula Vicente, JSF Benfica, Secretária de Sol Sem Fronteiras.
Ex-voluntária em S. Tomé.

Partilhar a vida das pessoas

Quando me senti chamada a participar numa experiência missionária, nunca pensei que pudesse ser uma experiência tão singular em que recebi muito mais do que dei. Apesar da preparação, a realidade e as pessoas surpreendem-nos sempre.

Assim, senti-me desde o início desafiada a dar o meu melhor, por respeito àquelas pessoas. O mais gratificante de todo o trabalho era o interesse demonstrado pelas pessoas em saber mais e o empenho em melhorar as suas condições de vida. Sentia-me imensamente feliz quando as pessoas passavam e nos cumprimentavam pelo nosso nome, quando as crianças nos vinham oferecer cocos ou simplesmente quando nos perguntavam como estamos.

Enquanto nos preparamos para a "ponte", sonhamos com grandes objectivos e grandes resultados, mas a verdade é que, num mês, tudo o que se possa fazer é muito pouco. Mas compreendi que, por muito que possamos ter feito, o mais importante para estas pessoas foi a nossa presença. O facto de termos participado em pleno na vida da comunidade fez-nos viver um mês único nas nossas vidas, em que nos sentimos parte daquele povo tão acolhedor e tão rico pelo que é e não pelo que tem.

Como já referi, foi uma experiência muito curta, mas que me faz ter a certeza de que vale a pena partir e me alicia para outras experiências mais longas.

**Cátia Asseiro – JSF Braga
Licenciada em Serviço Social

Ponte 2004 em Angola
Dar um Rosto à Esperança

Por Lúcia Pedrosa*

A Missão Católica dos Dembos, Luanda, cujo superior é o P. Domingos Mota, acolheu a "Ponte 2004", coordenada pelo P. João David.

O primeiro dia da Ponte foi ao domingo. Tudo começou na Missão com a celebração da Eucaristia – uma celebração de boas-vindas, onde fomos apresentados à comunidade, juntamente com o programa das actividades. Fomos incluídos na procissão solene de entrada. As portas estavam abertas de par em par, a Igreja repleta.

Quando a Eucaristia terminou, já todos fora da Igreja, os jovens continuavam a cantar e a dançar e nós misturámo-nos e dançámos com um povo em festa.

Partimos para outra Eucaristia, agora em Quibaxe, pois é assim que P. Mota passa os domingos, de comunidade em comunidade... Seguimo-lo como "senhores visitantes", aproveitando o final das Eucaristias como uma excelente oportunidade de contacto com a população. Ainda em Quibaxe, fomos ao actual hospital que, neste momento, funciona em tendas. Seguimos para uma aldeia vizinha – Caxixe. As crianças acolheram-nos com gritos de alegria, as mães confiavam-nos os seus filhos e um catequista convidava-nos a tomar um copo de marufo(vinho de palma)... Entrámos, uma simplicidade marcante, um só quadro – o calendário da Acção Missionária, com Maria, uma mulher que segura uma criança... sim, o "retrato" provavelmente mais repetido por terras de África.

Visitámos a capela, uma construção um pouco mais comprida que o resto das casas da aldeia com uma cruz de madeira por cima da porta.

À noite, após o jantar, fizemos "oração em grupo" e, depois,

o "ponto da situação" onde avaliámos o dia passado e preparámos o dia seguinte, marcado pelo início do curso de formação dos professores.

Projectos de trabalho

O nosso trabalho apostou em três áreas específicas: saúde, educação e pastoral, sendo estas as grandes linhas orientadoras do nosso projecto e trabalho.

Educação

A formação aos professores do ensino básico e secundário foi repartida por diferentes áreas, a pedido dos mesmos, tais como: Matemática, Português, Pedagogia, Física, Química, Direitos Humanos e Noções Básicas de Saúde.

Na cidade de Quibaxe (a 6 km da Missão), tínhamos 32 alunos, enquanto que na de Bula Atumba eram 37 alunos (esta cidade ficava a 45 km da missão, mas de jipe demorávamos 2 horas - por isso, só trabalhávamos aqui ao fim de semana).

Criação da biblioteca

Sentindo os pedidos contínuos de material pedagógico e analisando o material que tínhamos, decidimos criar uma biblioteca levando à fomentação da leitura, disponibilizando os recursos que tínhamos e incentivando a partilha organizada.

Criação da escola de informática

Com o material informático que levámos, montámos uma escola. Os formandos foram 12, pois os interessados eram muitos... mas a única energia eléctrica era a de um gerador já desgastado pelo tempo... e o mesmo só ficava ligado meio dia.

Curso Bíblico

Uma vez que a área da missão é muito extensa e o P. Mota está sozinho, são muitas vezes os catequistas que tomam as rédeas da comunidade em termos religiosos, celebração da Palavra, entre outras tarefas. Torna-se assim premente a formação dos catequistas e foram quase cem os que puderam sair mais enriquecidos e esclarecidos do curso bíblico.

Saúde

Na área de saúde, trabalhámos directamente com a população: em problemas da condição respiratória, na desinfecção de feridas e aplicação de pensos. Mas também trabalhámos na formação dos técnicos de saúde – enfermeiros de Quibaxe e Bula Atumba (tivemos alunos que, para poder frequentar as nossas formações, faziam 112 km a pé, em cada fim de semana).

Levámos medicamentos e material de primeiros socorros que separámos em grandes kits para diferentes regiões e, depois, organizámos por categorias de fármacos o dispensário do centro de saúde da Missão.

ATL

As crianças nunca faltaram às actividades dos tempos livres. Havia sempre entre 50 e 100.

As actividades iam desde jogos com bolas, cordas, a pinturas de cara, panos, folhas... desde a construção de brinquedos em latas, à subida de mamoeiros. Fundamental era despertar, conviver, e, no final das actividades, sempre era distribuído um lanche. Tivemos o dia do palhaço e o dia de concurso dos carros de lata, dias sem dúvida especiais para as crianças.

---

* Lúcia Pedrosa, JSF Sta. Eufémia - Leiria. Licenciada em Fisioterapia.

Ponte 2005 no Brasil

Educação e Saúde ao Serviço da Justiça

Por Tony Neves

Os Jovens Sem Fronteiras (JSF) realizaram, em Agosto, a sua "Ponte 2005" em S. Cristóvão de Cabo Frio, a 150 kms do Rio de Janeiro. Foram quinze, representando grupos do Minho ao Algarve. "Educação e Saúde ao serviço da Justiça" foi o lema deste projecto missionário em que os JSF abriram uma frente na América Latina.

A experiência missionária investiu em áreas decisivas para as populações locais: a Saúde, a Educação, o apoio à Infância e aos Jovens, os Direitos Humanos, a Comunicação, a recuperação escolar, a Música e, claro está, a Pastoral.

A Ponte 2005 foi um espaço de partilha. Os participantes deram o seu melhor, mas também aprenderam muito com um povo pobre, mas com muita fé e muita alegria de viver. S. Cristóvão é uma paróquia de periferia com alguns bairros favelados e, por isso mesmo, com problemas sociais graves.

Investir na Saúde

A equipa de saúde, com uma enfermeira e uma psicóloga a comandar, investiu na formação dos agentes de pastoral da saúde e da pastoral da criança. Teve oportunidade de fazer acções de formação numa Escola de Surdos e de trabalhar com as crianças da Escola dos Santos Anjos Custódios, que acolhe alunos de uma bairro favelado. Fez ainda rastreios de tensão arterial e de diabetes em comunidades pobres. Foi conhecer de perto o trabalho que a Prefeitura está a realizar com os sem abrigo.

A área da Educação

Os JSF lançaram um curso de formação, na Igreja Matriz e na comunidade do Jardim Esperança, que abrangeu diversas áreas: música, comunicação social, teatro, saúde, direitos humanos e recuperação escolar em Matemática, Física e Química. A adesão foi muito boa. Houve ainda duas participações, por ocasião da Semana do Excepcional, em actividades de animação e celebração com crianças e jovens "Especiais".

Apoio à infância

As crianças foram um dos alvos preferenciais deste Projecto Ponte. As manhãs e as tardes dos JSF foram passadas na Escola dos Santos Anjos Custódios em Actividades dos Tempos Livres. O investimento foi para a Música, o Teatro, o Desporto e os Trabalhos de artesanato. A equipa da Saúde trabalhou com a pastoral da criança apoiando a pesagem e todo o trabalho de acompanhamento aos pais.

Comunicação social

Os media ajudam a amplificar notícias, ideias e ideais. Assim, os JSF apostaram forte nos meios de comunicação social locais e estiveram presentes em três longos programas de televisão ("Directo ao assunto", "Todos somos missionários" e "Comunidade em acção") e duas entrevistas de uma hora na Rádio Avé Maria. Além disso, realizaram um mini-curso de comunicação social na Matriz e no Jardim Esperança.

A Pastoral

Foi uma aposta ganha. A Ponte começou logo com a participação no VII Encontro Paroquial de Jovens, realizado no Jardim Esperança. Depois, o grupo assumiu a animação das Eucaristias da Semana na Igreja Matriz e participou no canto

das Missas de Domingo com o coro paroquial. A Semana da Família também envolveu os JSF que organizaram, de segunda a sexta, as celebrações e reflexões no Jardim Esperança e na Matriz. Houve uma sessão sobre "Catequese e Missão" no Encontro Vicarial de Catequistas. "Crisma e Missão" foi um dos temas de formação do grupo que se prepara para o Sacramento da Confirmação. Tiveram ainda lugar, na Matriz, dois encontros com as crianças da Catequese. Nos fins de semana, os JSF participaram em diversas Eucaristias nas comunidades que pertencem à Paróquia. O grupo de jovens da Matriz convidou duas vezes os JSF a participar na sua reunião.

Missão cumprida?

Um mês é sempre pouco demais para uma Missão desta envergadura. Mas, na hora do balanço, todos pareciam estar felizes: os que acolheram e os que chegaram de longe. As três festas de despedida (Matriz, Santos Anjos e Jardim Esperança) foram de muita comoção e provaram o quanto a Ponte tinha unido as pessoas.

Esta Ponte foi marcada por dois acontecimentos: as Jornadas Mundiais da Juventude, com Bento XVI, em Colónia e o assassinato do Irmão Roger em Taizé. Foram horas de comunhão na alegria e na dor.

Numa das celebrações, no Jardim Esperança, um dos JSF disse que tinha saudades da família. O líder da comunidade definiu bem o ambiente que se vivia: "Vocês podem ter saudades da vossa família, mas aqui a vossa família somos nós".

Missão Aqui

Encontro Nacional 2001
Fiães - Sta. Maria da Feira

Os Jovens Sem Fronteiras (JSF) realizaram o XIII Encontro Nacional em Fiães - Santa Maria da Feira, de 4 a 7 de Setembro de 2001. Vindos do Minho ao Algarve, os cerca de 180 JSF apostaram no lema "Uma Cultura de Serviço". Foi um tempo forte de encontro, de reflexão, de oração, de partilha e de cultura.

O Voluntariado, neste 2001 a ele dedicado, teve lugar de realce nas duas conferências (proferidas pelo Dr. João Souto (Manos Unidas - Madrid) e pelo P. Raul Viana) e nas experiências de imersão social, realizadas em Instituições de apoio a crianças, idosos e toxicodependentes em recuperação e reabilitação.

Mensagem Final

"JSF, Por uma Cultura de Serviço", foi o tema que congregou cerca de 180 jovens de 25 grupos JSF, de Norte a Sul do País.

O episódio evangélico da multiplicação dos pães serviu de mote para apresentar a necessidade de viver um verdadeiro espírito de serviço. Da mesma forma que Jesus Cristo, naquele tempo, disse aos seus discípulos: "Dai-lhes vós mesmos de comer", hoje, ele também nos dirige essas palavras. O problema das "fomes" do nosso tempo é um problema nosso, de todos! Para isso, é necessário cultivar um espírito de serviço que passa por: implicar-se com os outros, enfrentar os problemas, cooperar, procurar o bem comum. Em suma, ser peritos em humanidade. Tal, no entanto, não será possível se não tivermos a capacidade de ir ao encontro do "próximo",

porque: só servimos a quem nos é próximo, só nos aproximamos de quem nos comove, só nos implicamos quando sentimos, só sentimos quando estamos próximos e só estamos próximos quando servimos.

Como desafios, há que valorizar o capital humano através da educação e da formação e estar permanentemente à escuta do nosso tempo, porque quem escuta é aquele que ama.

O Ano Internacional do Voluntariado que vivemos presentemente é uma oportunidade de valorizar e aprofundar esta dimensão que vai emergindo cada vez mais nas nossas sociedades.

A necessidade de definir o voluntariado e o enquadramento respectivo na sociedade é importante. De uma forma geral, é um exercício de autonomia individual, de cidadania e solidariedade para com os últimos. Provém de um processo de sensibilização e consciencialização de um mundo bastante desigualitário onde imperam situações de injustiça, marginalização, pobreza extrema, etc.

A compaixão, no verdadeiro sentido da palavra, leva-nos ao reconhecimento do direito que todos temos em ter uma vida digna, o que conduz a um compromisso efectivo pela procura da dignidade humana, mobilizando-nos na construção de um mundo mais fraterno.

Todos damos graças a Deus, por o voluntariado atingir e envolver todas as classes sociais, ateus e crentes, cristãos e não cristãos, isto é: todos os homens de boa vontade.

"A Igreja do sec. XXI ou é pobre e missionária, ou então não servirá para nada", este lema, leva a que nós JSF, em comunhão com a Igreja em geral e as nossas comunidades paroquiais em particular, tenhamos de viver um verdadeiro espírito de pobreza e missão. Pôr-se a caminho à descoberta dos pobres do nosso tempo é uma obrigação! Há que dizer presente, aqui estou!

A vitalidade do Movimento passa por aprofundarmos as raízes que nos caracterizam: o aprofundamento da espiritualidade missionária e espiritana ficou simbolizada na celebração em que se recordou os frutos missionários que as terras entre

Douro e Vouga têm gerado. Os testemunhos das experiências missionárias deste ano, em cinco locais diferentes, dois deles fora do país, mostra que queremos falar mais por aquilo que fazemos, do que por aquilo que dizemos ser. A inserção paroquial ficou patente na partilha das actividades de grupo e na participação e acolhimento de D. António Taipa, bispo auxiliar do Porto, do P. José Campos, o pároco, e de toda a comunidade de Fiães.

Sentimos que os caminhos a percorrer são muitos e variados: os caminhos de Jericó, em busca do homem caído, os caminhos de Emaús, ao encontro do homem desiludido, os caminhos de Atenas, em busca do saber e da pergunta do sentido da vida e os caminhos de Roma, ponto de partida para todas as culturas. Saibamos escutar a voz do Espírito que nos vai apontando outros caminhos que nem sequer ousaríamos imaginar alguma vez percorrer.

Encontro Nacional 2002

Carvalhal - Barcelos

Por Tony Neves

A Paróquia de Carvalhal, mesmo às portas de Barcelos, acolheu os 220 Jovens Sem Fronteiras (JSF) que ali realizaram o XIV Encontro Nacional, de 4 a 6 de Outubro. O tema mobilizador foi 'Ao Encontro dos Pobres', em sintonia com Cláudio Poullart des Places, o fundador dos Espiritanos há 300 anos.

Estiveram presentes 25 grupos de JSF, do Minho ao Algarve que se apresentaram, de uma forma muita criativa, escolhendo e explicando um símbolo.

Os pobres do nosso tempo

O Diácono Tiago Barbosa desenvolveu o tema do Encontro e salientou, na figura de Cláudio Poullart des Places, a sua radical opção pelos mais pobres.

As pobrezas de hoje desfilaram diante dos jovens nos workshop's. Instituições que ousam combater as novas e velhas formas de pobreza apresentaram-se em Carvalhal para falar do que vão fazendo: toxicodependência, álcool, fome, crianças com problemas, deficientes físicos e mentais, problemáticas laborais, imigração, marginalidade, conflitos por resolver. Especialistas no combate a estes dramas dos tempos que correm partilharam as suas experiências e convidaram a compromissos em favor dos pobres do nosso tempo.

Partilha criativa

A partilha entre os JSF ocupou a manhã de domingo. Houve tempo e espaço para se testemunhar a riqueza da Ponte em

Cabo Verde, das Jornadas Espiritanas Jovens a França, das quatro Semanas Missionárias no Alentejo, da Peregrinação Ecuménica a Taizé. A Margarida Querido e o Vitor Barros, por seu lado, contaram a sua experiência de Leigos Missionários em Angola e na Guiné-Bissau. Houve também um espaço para se falar dos projectos da ONGD 'Sol Sem Fronteiras'.

A festa das Celebrações

As celebrações foram tempo forte neste Nacional. Duas delas, a Vigília de Sábado e a Eucaristia de Encerramento, foram abertas à comunidade paroquial e familiares dos JSF. A Vigília, presidida pelo jovem P. Hugo Ventura, que já partiu para a Amazónia, começou com uma procissão de luz, desde o cruzeiro da aldeia até ao salão paroquial que se encheu por completo.

D. Antonino Dias, Bispo Auxiliar de Braga, presidiu à Eucaristia de Encerramento. Foi uma festa jovem onde não faltaram as danças, os cânticos e os símbolos das liturgias africanas. Na sua homilia, D. Antonino apelou ao sentido missionário e à necessidade de lutar contra todas as formas de pobreza e elogiou a dimensão paroquial dos grupos JSF. Demonstrou a urgência de pedir que os pobres encontrem quem vá ao seu encontro. Valorizou a importância de uma cultura de fé a par de uma espiritualidade sólida. Pediu aos jovens que fossem mesmo sem fronteiras, eliminando as que estão amontoadas em nós.

Os deslocados do Moxico

O P. Manuel e a comunidade de Carvalhal deram um apoio incondicional a este evento. Para dar maior visibilidade à dimensão solidária da Igreja, todos se associaram numa campanha para apoiar os deslocados de guerra no Moxico, no leste de Angola.

Encontro Nacional 2003
Torre d'Aguilha - Cascais

Por José Manuel Sabença

Há dias vi um cartaz publicitário que dizia: "Matosinhos: um passado com futuro". Não sei de quantos anos é o passado desta cidade, mas sei de quantos anos é o passado dos JSF: 20. Que idade bonita para um jovem e que bela idade para uma jovem. Por isso que bela e bonita idade para os JSF onde jovens e jovens, rapazes e raparigas, se vão dando as mãos para construir a fraternidade sem barreiras e sem fronteiras. Era assim que se cantava há 20 anos, é assim que ainda se canta hoje.

20 anos JSF: tem um passado com futuro para o bem da Missão.

20 anos JSF: 20 razões para olhar com confiança o futuro, 20 razões para ... 20 velas... JSF20@jovens.com

1. JSF20@jovens.com fé

JSF também poderia querer dizer jovem sem fé, mas não quer dizer, nem pode ser. É a fé que, mesmo sem ser necessário dizê-lo, está na base da vida e missão de um grupo JSF e por isso mesmo de cada Jovem. A fé é um dos pilares onde foi crescendo este edifício e que permitirá colocar mais pisos por cima dos 20 que já tem.

2. JSF20@jovens.com Igreja

Um JSF é um jovem que vive em grupo. É como passarinho de bando que não sabe crescer sem os outros, mas que pode também contar com eles quando algo não vai bem. A vida de grupo realiza-se em Igreja, a comunidade cristã que, animada pela força do Espírito, é chamada a uma comunhão ainda mais

alargada. O futuro está numa comunhão ainda maior com outras comunidades e grupos cristãos, ao ritmo do Espírito.

3. JSF20@jovens.com a Missão

A Missão da Igreja é a Missão que Cristo lhe confia para ir levando ao mundo ferido e cansado a Mensagem da Boa Nova e a Esperança da libertação. Os JSF estão empenhados e enterrados até à cabeça nesta Missão. Por ela são capazes de dar-se sem medida... ontem como hoje...

4. JSF20@jovens.com os pobres de mais longe

Entre os pobres de mais longe há os que não conhecem o Evangelho e todas as vítimas da guerra e da fome, da falta de educação e de saúde. É sobretudo para estes pobres que os JSF voltam o seu olhar e a sua acção, apoiando projectos de desenvolvimento e ajudando os missionários que, no terreno, lá longe, sentem mais de perto as necessidades. Continuar a olhar ao longe é sinal de ter boa visão... um JSF não vai precisar de lentes.

5. JSF20@jovens.com chama

JSF não quer dizer Jovens sem fogo. Pelo contrário, e fora de polémicas incendiárias, sabemos que os JSF são jovens com chama interior e entusiasmo para testemunhar Jesus Cristo no serviço aos outros e anunciá-lo entre os jovens. Continuar a alimentar esta chama do Evangelho e passá-la a outros, sobretudo jovens, é fazer crescer o fogo do Amor que queima barreiras e até o nosso egoísmo. Jovens "incendiários" deste fogo é o que o mundo precisa...!

6. JSF20@jovens.com paróquia

Membro da Igreja e de uma comunidade paroquial, é aí que os JSF desenvolvem a sua acção e se enquadram na vida da paróquia onde para além de recordar e activar a vocação

missionária de cada paróquia também se empenham na sua vida litúrgica, catequética e até de caridade. "Thínk global, act local". OS JSF think global universal e sobretudo act localmente, na sua paróquia. (JSF é um WBY: Without BoundariesYouth)!

7. JSF20@jovens.com pais

Cláudio Poullart des Places e Francisco Libermann reconhecem os JSF como seus filhos espirituais. E como quem tem pai não é órfão - tanto melhor. Como os JSF têm dois pais: Cláudio e Francisco, então a herança é ainda maior. Grande herança... futuro garantido.

8 JSF20@jovens.com família

Perguntai-me antes da Família. JSF tem família. São membros de direito... e de dever... da família Espiritana onde juntamente com padres e religiosas, com leigos mais velhos, homens e mulheres, procuram unir esforços para o bem da Missão e o crescimento do Reino de Deus. Quem não gostaria de fazer parte de uma família assim...

9. JSF20@jovens.com pés

Os JSF são jovens com pés para andar porque, em nome da Congregação dos Missionários do Espírito Santo, quero exprimir aqui a nossa alegria por trazerdes a vossa juventude, irreverência e ousadia, ao seio da nossa família, e manifestar o nosso apoio à vossa existência e missão. Se, ao longo destes 20 anos, alguns de nós vos escandalizamos com algumas atitudes ou palavras menos correctas desculpai lá. Não mereceis isso, mas também temos pés de barro e tenho esperança que nos próximos 20 anos tais coisas não existam...

10. JSF20@jovens.com vocação

Pela juventude de idade todos passam, por uma juventude

sem fronteiras só passam os que aceitam o chamamento e acolhem a vocação a ser irmão, irmã, de todo o homem. Para alguns tal chamamento poderá pedir-lhe que entregue toda a sua vida a construir a fraternidade universal como missionário ou missionária. JSF não deixes de rezar e pedir a Deus que te mostre qual a tua verdadeira vocação e se ele te chamar a ir mais longe, tem coragem... não temas.

11. JSF20@jovens.com cabeça

A cabeça é una mas tem muitas partes. Desde o animador de cada grupo JSF até à coordenação nacional, todos são importantes na dinâmica e organização JSF. A cabeça não é só para deixar crescer o cabelo... também pode ajudar a crescer mais e melhor os JSF.

12. JSF20@jovens.com "canudo"

JSF já tem idade de entrar na universidade e como são inteligentes até conseguiram já o "canudo". Já tem estatutos que a Conferência Episcopal aprovou. Já não poderá haver desculpas para trabalhar... nas paróquias, junto dos párocos e até noutras dioceses, juntamente com os bispos...

13. JSF20@jovens.com orelhas...

Os Jovens Sem Fronteiras são jovens com orelhas... para segurar os phones que lhes dão música ou escutar as belas canções que eles próprios criam, inventam, ensaiam, cantam... e às vezes até gritam! Jovem com orelhas, com música, com vida... não deixará de ser jovem.

14. JSF20@jovens.com braços abertos

JSF com braços abertos para acolher qualquer irmão, independentemente da sua religião, cor ou condição... mesmo que seja islão. JSF é um jovem ecuménico que abre os braços a

qualquer cristão para construir a reconciliação e o FEJovem – Fórum Ecuménico Jovem.

15. JSF20@jovens.com coração

Pode-se lá abrir os braços e não ter coração. Por isso os JSF são jovens com um coração muito grande... onde o acolhimento, a escuta, a partilha e a justiça "armam barraca" e quando tudo isto se mistura dá um são convívio que gostariam de estender a todos os que vivem debaixo desta tenda quase redonda que é a terra.

16. JSF20@jovens.com pinta

Vê-se logo e é bom de ver. Os JSF são jovens com pinta, mesmo sem tinta porque o que eles gostam é de não repetir esquemas, fazer coisas aborrecidas e "bué de chatas! São criativos, inovadores e quem pinta assim não é trolha... é JSF.

17. JSF20@jovens.com mãos...

Mas pode-se lá pintar sem mãos. Não pode. Por isso os JSF vão continuar a privilegiar as mãos para ajudar os outros e usá-las para realizar trabalhos, actividades, campanhas. E nunca se vão esquecer que uma mão ajuda a outra e que, quanto mais não for, elas são necessárias para bater palmas.

18. JSF20@jovens.com paixão por partir

Já viram algum jovem que não se apaixone? Os JSF já se deixaram apaixonar pela Missão a ponto de deixarem tudo, por um mês ou uns anos, e irem ao seu Encontro. A paixão é tão grande que se dá a conhecer e prolonga-se o namoro por mais uns anos de relações novas e apoio em projectos de desenvolvimento, visitas, etc. Os JSF têm um grande amigo(a) que continuará certamente a ser o intermediário desta paixão: SOLSEF.

19. JSF20@jovens.com ligação on line

JSF também são jovens sem fios mas com grande ligação uns aos outros... de telemóvel na mão a mandar SMS aos amigos e amigas, marcando encontros, decidindo trabalhos, avisando momentos de oração. E como se sentem bem ligados entre si... também se ligam, de vez em quando, a outros sites e nets... afinal Jesus não disse lançai de novo as netes?

20. JSF20@jovens.com vela na mão

Haverá algum JSF que nunca tenha tido uma vela na sua mão, acesa, e olhando para ela fosse convidado a louvar, dar graças, pedir? Por isso JSF não quer dizer Jovem sem fogo, mas sim Jovem sempre forte porque animado e fortalecido pela luz de Cristo.

Por mil e uma razões que eu não disse, mas pelas 20 que vos transmiti creio poder dizer que JSF não é nem nunca será 'Jovens sem Futuro', mas 'jovens sempre com futuro' para o bem da humanidade onde a Missão da Igreja é convidada a testemunhar e nós a responder ao apelo das origens:

Vamos pelo mundo fora
Levar a fraternidade
Pelas estradas do campo
Pelas ruas da cidade

Vamos levar a esperança
Que o mundo pode mudar
Que os homens podem sorrir
E os jovens podem cantar!

Encontro Nacional 2004
Singeverga - Sto. Tirso

Mensagem Final

Entre os dias 1 e 3 de Outubro de 2004, os JSF reuniram-se no XVI Encontro Nacional, no Mosteiro Beneditino de Singeverga, com o lema: "Reza e Trabalha na Missão sem Fronteiras". Cerca de 350 jovens, do norte ao sul do país, um valor recorde em termos de número de elementos e de grupos participantes, rezaram, partilharam, reflectiram, conviveram e trabalharam.

S. Bento e a identidade europeia

A oportunidade de viver este grande encontro num Mosteiro Beneditino revelou-se um grande privilégio, para compreendermos a formação da identidade europeia, através da sua herança espiritual e cultural. Não é por acaso que S. Bento, fundador dos beneditinos, é um dos padroeiros da Europa. O acolhimento, a profundidade das orações, os gestos simples do ritmo diário de trabalho e oração inseridos numa paisagem bucólica, onde o silêncio tem um papel fundamental, reflectem a sua missão na Igreja que se resume a: "Ora et Labora". Uma missão que, apesar de se concretizar no espaço do Mosteiro, é cheia de horizontes.

Rezar e Trabalhar

Rezar e Trabalhar fazem parte integrante da vida que se quer em festa contínua. Mas a festa não será completa enquanto houver irmãs, ou irmãos nossos que, ao perto e ao longe, clamam por uma vida mais digna. Aí está um largo campo de

trabalho que não tem fronteiras: defesa e promoção dos povos mais marginalizados, acolhimento de refugiados e emigrantes, assistência a todos aqueles que sofrem de solidão, diálogo aberto e franco com outras igrejas e culturas. No entanto, e à semelhança de santos e profetas ao longo da história da Igreja, essa travessia dos mares, não poderá ser feita antes de uma relação profunda de oração com Deus e através da escuta da Sua Palavra Divina, que só será efectivamente Divina, quando penetrar no coração de cada um de nós, nos nossos grupos, nas nossas paróquias e comunidades. Só assim, estaremos aptos a escutar e a ser dóceis ao Espírito Santo que nos envia a trabalhar, transformar, anunciar e a ser sal e luz.

A Missão sem fronteiras

A nossa missão não será em nossa casa, mas sim na casa de Deus. A casa de Deus é o local para onde Ele nos envia. E o local para onde Ele nos envia, é, seguramente, o melhor lugar do mundo. Se assim se fizer, estaremos a multiplicar os rostos da e na missão de Jesus Cristo. Que, no nosso caso particular, tem o rosto da missão Espiritana.

Ao regressar para os nossos grupos e paróquias de origem, com a protecção maternal de Maria, com a bênção de S. Bento e continuamente inspirados em Cláudio Poullart de Places e Francisco Libermann, saibamos procurar espaços de oração, de silêncio, de contemplação e de reflexão e que, a partir daí, nos sintamos impelidos a Partir para trabalhar numa messe que é grande e onde os trabalhadores são poucos.

Encontro Nacional de Animadores
20 anos com Missão

Por Susana Silva*

O Seminário da Torre D'Aguilha acolheu, de 22 a 24 de Novembro, mais um produtivo Encontro Nacional de Animadores "Jovens Sem Fronteiras".

Desta feita, cerca de 70 jovens, vindos de norte a sul do país, debateram e "encontraram-se" com base na temática principal "JSF: 20 anos ao serviço dos pobres", onde todos foram convidados a retornar às origens do Movimento e dos seus próprios grupos, bem como a reflectir sobre orientações e projecções para o futuro.

Num ano realmente especial, onde os Espiritanos comemoram os seus 300 anos, os JSF comemoram o seu 20.º aniversário e a ONGD 'Sol Sem Fronteiras' comemora os seus 10 anos de existência, muitas foram as vertentes abordadas, não deixando de se lançar ideias a ter em conta, para uma comemoração em grande.

Identidade JSF

Com a apresentação do P. Raul Viana, fundamentada nos estatutos, caras mais novas e outras mais conhecidas, (re)descobriram quem são os JSF e quais os desafios que nos vão sendo colocados ao longo da nossa caminhada.

E porque a palavra "Movimento" pressupõe uma forte dinamização, ao Movimento dos Jovens Sem Fronteiras (e a todos os jovens!) se pede um novo vigor e um compromisso verdadeiramente opcional pelos mais desfavorecidos. Só tendo como alicerce o Evangelho e sendo testemunhas empenhadas desse projecto de Amor, será possível a construção de um mundo bem melhor, onde reine a Fraternidade Universal, a

Solidariedade, a Justiça e a Paz, tudo conceitos enraizados na vivência da grande família "Sem Fronteiras".

Comungando de uma mesma Espiritualidade e de uma mesma meta, os Jovens Sem Fronteiras e os Missionários do Espírito Santo, tentam responder criativamente aos novos apelos da Missão, alargando cada vez mais o espaço da sua acção e das suas tendas...afinal de contas, juntos levamos a mesma luz e partilhamos o mesmo ideal.

Numa perspectiva mais particular, não foi esquecido, nesta abordagem ao tema "JSF: Quem somos?", o papel dos grupos como actores na Inserção e Dinamização Paroquial. Os grupos de origem, cada qual segundo a sua realidade, devem assumir-se como locais privilegiados de partilha, de crescimento, de aprofundamento da fé, de testemunho e de formação e informação. Cultivando esta vivência em comunidade e dando a conhecer a verdadeira face do Movimento, será também possível dar à Igreja um "Colorido Missionário" e tornar cada paróquia menos cinzenta, mais activa e mais jovem.

É necessário estar atento e responder com eficácia ao grito dos mais pobres. É urgente encarnar a sua situação e acreditar que o empenhamento missionário é solução para resolver os problemas na sua raiz. Como dizia o próprio P. Raul: "Não basta dar o peixe... é preciso ensinar a pescar!". Por isso, é importante o Caderno de Estudos, apresentado pela Fátima Monteiro.

Encontro com a história

Numa outra perspectiva, e já pela voz da Sandra Simões (Ex-presidente JSF e actual presidente de "Sol Sem Fronteiras"), os responsáveis dos vários grupos ouviram falar do passado com nostalgia e sentiram que os Jovens Sem Fronteiras, apesar de terem só 20 anos, são já uma história de juventude, de testemunho vivo e, sobretudo, de esperança. Ao longo de duas décadas, o Movimento deu voz à necessidade de uma visão mais alargada, à necessidade de chegar aos pobres mais esquecidos do nosso mundo, à necessidade de uma nova Evangelização. Respondendo

ao apelo do Papa João Paulo II, os JSF acreditam que é possível olhar mais longe, para além do nosso próprio umbigo.

Com o nascimento, em 1993, da ONGD "Sol Sem Fronteiras", que também esteve presente neste encontro, a Missão começou a ganhar rostos conhecidos e, hoje, muitos voluntários JSF arriscam a partir para onde a ajuda é urgente, para países de guerra, de fome e de miséria, para onde se sentem chamados e enviados pelo Pai.

Todos os animadores foram desafiados a debater, entre si, o sentido da sua própria caminhada e da caminhada do seu grupo, não esquecendo quais as responsabilidades que cada um de nós tem no seio do Movimento. De uma partilha bastante uniforme, chegou-se à conclusão de que todos nos deparamos com os mesmos problemas e com os mesmos obstáculos, e que é necessário apostar na formação dos elementos mais jovens, incentivá-los e integrá-los na dinâmica "sem fronteiras", apelando cada vez mais a um espírito de compromisso e de sacrifício.

Cinco pilares

Reflectindo sobre os 5 pilares em que assenta o carisma JSF, encontrámos o fundamental para uma caminhada em grupo: a **ORAÇÃO** como o pilar da acção, a **PARTILHA** como a expressão da espiritualidade e da vivência, o **IR AO ENCONTRO** como forma de comunhão com o Pai e com os Homens, a **FÉ COM OBRAS** como símbolo do testemunho e do compromisso e a **MISSÃO** como espelho de doação, entrega e serviço genuínos.

Deste fim de semana, os animadores levam uma certeza, a de que temos agora que olhar para o que falta construir e continuar a trabalhar empenhados na realização do projecto de Deus para os homens.

Tal como Libermann, também nós Jovens, somos convidados a aceitar o Seu chamamento, a colocar as nossas vidas nas Suas mãos e a dizer: *"Quero ser para Vós como leve pena, a fim de que o Vosso sopro me conduza para onde quiser..."*.

---

* Susana Silva, JSF de Tires. Licenciada em Publicidade e Marketing.

Semana Missionária

Missão em Vinhais - Bragança

Por Carolina Silva*

O Concelho de Vinhais recebeu, pela primeira vez, uma semana missionária que contou com a participação de 17 Jovens Sem Fronteiras de todo o país. A deslocação do grupo a este concelho transmontano, entre os dias 6 e 16 de Agosto de 2004, coincidiu com a festa de N.ª Sr.ª da Assunção, o que permitiu um maior contacto com a comunidade.

D. António Montes Moreira, Bispo de Bragança-Miranda, brindou o grupo com uma visita logo no primeiro dia: apresentou a Diocese e jantou com os JSF.

Os jovens animaram as Eucaristias e a Novena da festa da Padroeira e realizaram um pequeno espectáculo para a população. Ao longo dos dez dias, os JSF percorreram também as aldeias do concelho para animar as Eucaristias e dar a conhecer o seu trabalho à população.

Outra das vertentes desta missão foi o trabalho com crianças e idosos. Alguns dias foram divididos entre a Santa Casa da Misericórdia e o programa de Ocupação de Tempos Livres da Câmara Municipal. Na Santa Casa, deu-se primazia à animação musical e à conversa com os idosos, e no OTL realizaram-se diversas actividades com as crianças e adolescentes.

Realizaram-se também dois encontros de formação com jovens da paróquia, a fim de explicar quais os objectivos do Movimento e que tipo de trabalho estes jovens fazem. Também as crianças tiveram um encontro missionário.

Momento significativo foi a ida ao acampamento dos escuteiros. Apesar da chuva, celebrámos a Eucaristia, jogámos futebol e partilhámos um picnic.

O grupo também contou com alguns momentos de formação interna e teve oportunidade de conhecer o Santuário

do Imaculado Coração de Maria em Cerejais, a Catedral de Miranda do Douro e o Santuário Mariano de Balsamão.

A orientação das actividades da semana esteve a cargo do pároco Fernando Fontoura e do Padre Tony Neves, que contaram ainda com a colaboração do diácono Fernando Ferros.

---

* Carolina Silva, JSF de Sta. Catarina da Fonte do Bispo, Algarve. Licenciada em Comunicação Social.

Fátima Jovem 2000

Propostas para a Pastoral Juvenil Hoje

Por Tony Neves*

"A Igreja só será jovem quando os jovens forem Igreja"
É um apelo forte de João Paulo II. Para dar corpo a esta provocação do Papa é urgente tomar a sério as palavras que se seguem:

Fé

É o dom de Deus, mas também tem um outro lado: o da resposta humana. As brechas na muralha aparecem sempre do nosso lado. Não basta dizer que se acredita, é preciso descobrir as razões mais profundas da nossa Fé. Não de pode dormir à sombra do baptismo que recebemos, temos que construir a nossa vida cristã dia após dia. Além disso, a Fé não é uma teoria, é uma vida. Por isso Cristo disse que é pelos frutos que se avalia a qualidade da árvore. É preciso ousar dizer que acreditamos em todos os contextos e ambientes. Custe o que custar.

Bíblia

Gosto de dizer que o futuro está nas raízes, como a segurança de um grande edifício começa pelos alicerces e pilares. Os cristãos, regra geral, têm uma formação bíblica muito deficiente. Conhecemos uns tantos textos e achamos que já temos categoria para interpretar tudo e mais alguma coisa. É urgente beber na fonte. Nenhum cristão, nenhum jovem devia descansar enquanto não fizesse um bom curso bíblico. E, a Palavra de Deus tem de ser o nosso companheiro de todos os dias.

Espiritualidade

A nossa relação com Deus exige tempos de dedicação exclusiva a Ele. Não podemos passar a vida a encontrar bons argumentos que justificam a falta de tempo para rezar, para Retiros, para leitura de livros de Espiritualidade. Não cultivar esta dimensão é dar espaço a que tudo o resto abafe a nossa vida, as nossas convicções e os nossos compromissos. Aprender a rezar é um trabalho de todos os dias. Temos de descobrir como rezar pode ser uma experiência que enche a vida de verdade e de beleza. A Oração é uma expressão de amor e não se pode amar à pressa.

Liturgia

Temos de celebrar a nossa Fé em comunidade. E com alegria. Com qualidade nos textos, nas músicas, nos gestos, nas decorações, nas encenações. A alegria de sermos cristãos tem de ser palpável, visível, comunicável. Falta, muitas vezes, uma séria formação litúrgica que, por um lado, nos leve a criar, a fazer festa e, por outro, a evitar dois extremos: as liturgias que parecem velórios (tão formais, tão vítimas das rubricas fossilizadas, tão mortinhas!) e as liturgias pimbas que nem ajudam a interiorizar nem têm qualquer sentido estético, artístico ou cultural.

Não queria deixar de referir a vida de morcegos de fim de semana que "vitíma" boa parte dos nosso jovens. Ou seja, dormem de dia e andam (dançam!) de noite. As reuniões de grupos e as Eucaristias sofrem muito com este ritmo de morcegos. E as comunidades queixam-se.

Grupo

A Igreja é família e como tal tem que crescer e viver. O grupo é o nosso espaço por excelência do crescimento e amadurecimento dos jovens. Ali eles se encontram, partilham, rezam, formam e assumem compromissos. Exigem lideranças

bem escolhidas, bem formadas, muito motivadas, muito comprometidas. E não se pode esquecer que, para um bom funcionamento de um grupo, são precisas dinâmicas e estratégias bem ajustadas. A Fé não pode substituir a técnica. Aqui se joga muito do futuro da Pastoral Juvenil e do futuro das comunidades cristãs.

Entre outros objectivos, a caminhada em grupo ajudará a um discernimento da vocação a que Deus nos chama e da Missão que Ele nos confia. Só que pode acontecer que Deus nos chame nos momentos em que passeamos a vida em regiões sem rede... a comunicação torna-se impossível. Outras vezes, se calhar, perdemos o código de acesso às mensagens que Deus nos vai enviando. Esta caminhada de fé em grupo ajuda a pôr o nosso coração a bater ao ritmo do coração de Deus e dos anseios dos outros.

Formação humana e Cristã

Tem de obedecer a um plano que respeita a caminhada dos jovens que compõem o grupo. É preciso elaborar um itinerário que ajude ao crescimento do jovem em todas as dimensões da vida. Este é um desafio decisivo. É urgente investir na formação, começando por criar nos jovens a vontade de encontrar respostas para as questões da vida. O grande problema é que a Igreja, muitas vezes, passa o tempo a dar respostas a perguntas que ninguém faz! Assim não vamos a lado nenhum!

Nestas como noutras coisas, a linguagem e os meios a utilizar são fundamentais. Não podemos continuar a emitir uma onda curta quando os jovens captam via Internet. Não podemos mandar mensagens por pombos correios enquanto o jovem está a ler e-mails no seu computador. Assim, as mensagens não vão chegar ao destinatário!

E que tal a ideia de Animadores Juvenis fazerem um curso de Teologia, Ciências Religiosas ou Teológico-Pastoral?

Diálogo Ecuménico, Inter-Religioso e Cultural

É um dos sinais dos tempos. Num mundo marcado por rupturas e divisões, o Concílio Vaticano II veio propor caminhos de concertação e diálogo. João Paulo II foi incansável no palmilhar deste caminho ecuménico. Mas, ao contrário do que se pensa (e, às vezes, se diz!), o diálogo não é uma arma dos fracos. Para se dialogar bem é necessário estar-se muito seguro das suas ideias e convicções. Não dialogamos para forçar ninguém a pensar como nós. Fazemo-lo para aproximar, para construir pontes. Depois do primeiro milénio ter sido o da unidade, o 2º da divisão, este 3º deverá ser o do regresso à unidade? Será o tempo de nos voltarmos uns para os outros? Não! É a hora de nos voltarmos todos para Cristo! O I Fórum Ecuménico Jovem teve lugar no Seminário de Leiria a 22 de Maio de 99. Foi um êxito, uma experiência única para os participantes. O II terá lugar em Lisboa a 14 de Outubro, com uma participação mais alargada.

A este título. Não queira deixar de referir duas obras muito recentes. "O Rei, o Sábio e o Bobo", de Shafique Keshavjee, é uma brilhante fábula sobre a tolerância religiosa. A outra é "A Viagem de Théo", de Cathérine Clément. O jovem Théo e a sua Tia Marta vão dar a volta ao mundo das Religiões para encontrar no terreno a resposta a duas perguntas: "Deus existe?" e "O que fazem milhões de pessoas na terra para crer em Deus?". É uma odisseia espiritual. Um romance a não perder.

O encontro de culturas, tão falado e tão pouco vivido, será um dos espaços privilegiados de missão neste novo milénio. É, a este título, fabuloso o texto que D. Manuel Clemente leu nos Jerónimos no dia da sua Ordenação Episcopal. Falava de ajudar a atar pontas soltas, ou seja, ser gerador de comunhão entre as diferentes sensibilidades na sociedade.

Cidadania

Somos membros da Igreja pelo Baptismo, mas também cidadãos do mundo pelo nascimento. Uma Pastoral Juvenil que

se resuma a reuniões e celebrações não vai longe. A componente do compromisso é vital. O Evangelho é vida e transforma a história. Ser cristão exige compromissos sérios na linha da justiça, paz e direitos humanos. Urge combater todas as formas de corrupção, os atentados à dignidade humana, os "branqueamentos" (até agora só havia lavagens a seco, agora há também lavagens a branco!). Se celebrámos, a 4 de Maio, os mártires do nosso tempo é porque acreditamos que o testemunho vale mais que todas as palavras. É uma passagem de modelos, não de roupa, mas de vida. Jovens que cruzam os braços porque não ousam arriscar, porque são comodistas, não merecem o nome de cristãos. É preciso sujar a mãos nos problemas do dia a dia para ajudar a resolver. É preciso ser solidário com os mais pobres e excluídos, entrar corajosamente em cena para combater os flagelos do nosso tempo. É preciso ter a ousadia de circular nas periferias, questionar a maneira de ser e de estar dentro e fora da Igreja. Dá gosto olhar para a vida de uma Maria de Lourdes Pintassilgo, como fez D. José Policarpo: "A Maria de Lourdes ficou sempre do lado eclesial da fronteira, sofrendo as inevitáveis críticas e incompreensões dessa situação. A Igreja está-lhe grata por essa fidelidade corajosa, pois tocar essa fronteira acontece a muitos, não a ultrapassar é opção de Fé e graça do Espírito". Por vezes, é preciso ter a coragem de pisar o risco. Mas sempre com amor e ficando do lado de cá, mesmo ultrapassando o "politicamente correcto" e o "religiosamente correcto".

Missão

A minha experiência aqui, como em Angola ou na Guiné, o que vi estes dias em Moçambique, vai-me provando que todos têm que evangelizar todos. Todos somos "terra de missão" e o verbo "partir" devia fazer parte dos dicionários dos jovens. Até porque "o melhor lugar do mundo é aquele onde Deus nos quer!" Há tanta gente que nunca ouviu falar do Evangelho ou está bloqueada por preconceitos. Há tantas vítimas do ódio, da violência, da guerra, da exclusão, da fome. Há tanta gente sem

esperança, sem sentido para a vida. O mundo é um espaço de missão onde todos cabem. A missão não é opção: ai de mim se não evangelizar! (S. Paulo) e todos podem dar o seu contributo, segundo os seus carismas de formação.

Solidariedade

É uma dimensão muito importante nas sociedades actuais. A pastoral juvenil não pode descurar este aspecto na caminhada dos jovens. Hoje, na era das ONGs, há muitos projectos de desenvolvimento que podem e devem ser levados a cabo por jovens. Recordo a Escola Sem Fronteiras de Caió, no coração do povo manjaco na Guiné-Bissau, o Centro de Apoio à Infância em Ribeira Afonso, S. Tomé ou o projecto das Escolinhas de Moçambique que fui ultimar ao norte perdido e esquecido de Moçambique. São apenas pequenas provas de que os jovens podem dar corpo a esperanças dos pobres num futuro melhor.

Grandes causas

Parece ir longe o Maio de 68 e o fogo no coração dos jovens que sonhavam um mundo mais justo e fraterno. Será que morreram todas as utopias e andamos desiludidos, de braços cruzados, à espera que a história aconteça por conta própria? Não quero acreditar nisso e proponho que os grupos de jovens dêem a cara por grandes causas: o perdão da dívida externa dos países pobres, contra a pena de morte (a comunidade de Santo Egídio lançou uma campanha de assinaturas), contra as minas, contra as crianças soldado, contra a droga, etc. Os jovens podem e devem empenhar-se nestas e noutras grandes causas da humanidade. "Se outros calam... cantemos nós!". E, quem for a Lisboa até 2 de Julho, não perca a exposição do fotógrafo Sebastião Salgado que está no pavilhão de Portugal, no Parque das Nações, tem o título de "Exodos" e tem 350 fotografias feitas em algumas dezenas de países onde os dramas humanos são indescritíveis por palavras. As fotos – garanto – neste caso

falam mais alto e calam mais fundo. Não percam a ocasião de vos provocardes a vós próprios.

Valores

D. Luís de Castro, Bispo colombiano, falava nas Jornadas Missionárias Nacionais, sobre a droga. E dizia que o combate à produção e ao tráfico era uma batalha quase perdida enquanto o mundo não mudasse de mentalidade. Assim, o mundo rege-se por duas palavras mágicas: lucro e sucesso. Depois, querem propor aos colombianos que mudem a planta da coca pela da banana ou da batata. A coca é a planta que com menos trabalho dá mais lucro no mais curto espaço de tempo. É uma planta de sucesso. Por isso, enquanto este não for substituído pelos valores e pela dignidade humana não há nada a fazer. A crise de valores de que tanto se fala é real. De facto, basta olhar para as relações internacionais: que interessa a Portugal, à Europa, aos EUA a paz em Angola? Nada. O povo angolano não conta para nada. Contam sim, os interesses em causa, os lucros que todos vão buscar nas negociatas de petróleos, diamantes, madeiras, armas e pescarias! É cruel, mas é assim. Temos de remar contra estes ventos e marés. A proposta que o Evangelho faz é a da ousadia de mudar... e de se comprometer porque a vida é bela. E quero mesmo fazer uma referência ao filme de Benigni, citando Adélio Torres Neiva: "A Vida é Bela é um hino de amor que se torna um poema sobre a vida. Este filme é quase uma oração. Um pedido de socorro nascido de um povo exilado. A história do filme é a de um amor sem fronteiras, onde a ternura e o coração não se confinam à raça e à origem. O coração abre sempre novos horizontes às culturas e aos valores".

*Excerto da Conferência proferida no Fórum do Fátima Jovem 2000.

Taizé em Lisboa

Jovens pela Paz

Por Tony Neves*

Lisboa, Santarém e Setúbal abriram os corações e, depois, as portas aos 40 mil jovens que inundaram Portugal com o espírito ecuménico de Taizé, de 28 de Dezembro a 1 de Janeiro.

Sobre Taizé, o Papa João XXIII deixou escapar: 'Ah Taizé, essa pequena primavera!' e João Paulo II, na visita que ali fez em 1986, disse: 'Passa-se por Taizé como se passa por uma fonte. O viajante pára, mata a sua sede e continua o seu caminho'.

A 'Peregrinação de Confiança sobre a Terra' tem 27 edições e, em Lisboa, apostou no tema 'Um Futuro de Paz', título da Carta 2005, traduzida em 55 línguas, escrita pelo Irmão Roger, Fundador e Prior desta Comunidade Ecuménica.

Foi um encontro que acompanhou a tragédia do tsunami que vitimou o Sudeste da Ásia.

Um Programa plural

O programa destes encontros tem um formato muito simples. Como todos os jovens foram acolhidos por famílias, as celebrações e reflexões das manhãs aconteciam nas Paróquias mais próximas do local onde os jovens dormiam. Ali havia uma oração da manhã e um espaço de reflexão em grupos, a partir de um tema que era proposto pela organização. Dali partiam para o Parque das Nações onde era distribuída a refeição e onde, pelas 13h15, tinha lugar o primeiro momento de oração para todos, sentados no chão dos grandes pavilhões 1 e 2 da Feira Internacional de Lisboa (FIL).

As tardes eram de workshops, uns ali mesmo no Parque das Nações e outros espalhados pela cidade de Lisboa.

Ao fim da tarde, os jovens regressavam à FIL para o jantar e

tudo terminava com a oração das 19h30 onde o Irmão Roger fazia sempre uma curta meditação. Pelas 20h30, os jovens eram convidados a regressar às suas famílias de acolhimento, para que não chegassem muito depois das 22h.

O tempo excelente que se fez sentir em Lisboa (a máxima rondou os 15°) também ajudou a esta festa sem fronteiras.

A passagem de ano foi um tempo de oração e de festa. Nas 171 Paróquias que acolheram, houve a Festa das Nações com que se celebrou a chegada de 2005.

Oração, Cânticos e Silêncio

O que mais impressiona nas orações de Taizé é a simplicidade, o silêncio, a melodia das músicas e a sintonia com o mundo. Quando os jovens entravam para os pavilhões da FIL, havia muitos jovens voluntários com placas onde os símbolos explicavam que ali era um espaço de silêncio onde não havia lugar para conversas, para telemóveis, para máquinas fotográficas ou circulação anárquica de pessoas. Depois, o grupo coral e instrumental enchia o ambiente de músicas muito simples, a apoiar uma pequena frase bíblica ou de inspiração bíblica. Os jovens aprendem facilmente estas letras e melodias que ajudam a criar um ambiente de interioridade. E se, de quando em vez, se ouvia uma criança a chorar ou alguém a tossir, o silêncio é mesmo uma imagem de marca de Taizé.

Para além da escuta da Palavra de Deus, há sempre um espaço significativo para a oração universal. Por ali passam as alegrias e os dramas dos tempos que correm no nosso mundo.

Trinta e três Workshops

As tardes dos dias 29 e 30 permitiram aos 40 mil jovens uma reflexão sobre trinta e três temáticas que variavam entre questões bíblicas, problemas sociais, temas internacionais e culturais. No dia 29, participei no workshop: "solidariedade com os continentes do Sul: jovens atravessam fronteiras para partilharem os seus dons e o seu tempo". Ali deram o

testemunho, em primeira pessoa, um casal dos Jovens Sem Fronteiras, dois jovens dos Leigos para o Desenvolvimento, uma estudante de Medicina inglesa que trabalhou no Malawi e o Bispo da Diocese do Alto (Bolívia). Os Leigos para o Desenvolvimento partilharam a sua experiência, ainda em curso, em Benguela, Angola. A estudante de Medicina partilhou a sua curta experiência de trabalho no Malawi. O Bispo do Alto, a Diocese do mundo mais perto do céu (a mais de 4000m de altitude!), falou da sua experiência de acolhimento de Leigos Missionários e convidou mais jovens a ir trabalhar para lá. A Sandra Simões e o João Cláudio contaram como a Missão faz parte das suas vidas. Partilharam todo o percurso feito com os Espiritanos e os Jovens Sem Fronteiras. Depois, foram mostrando, em powerpoint, as missões que realizaram. O João Cláudio esteve na Guiné-Bissau (2 anos) e em S. Tomé (2 meses), e a Sandra fez experiências de um mês em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe.

No âmbito da descoberta da cidade de Lisboa e da cultura portuguesa, houve workshops sobre a história, sobre o fado, sobre monumentos, sobre azulejos, sobre música popular portuguesa. Na área social, houve espaços de reflexão e de partilha sobre a violência, os direitos humanos, a paz, os sem abrigo, a imigração, a opção pelos mais pobres. Um grupo pôde mesmo visitar um bairro pobre de imigrantes e outro foi até à prisão para se encontrar com os reclusos.

Decoração inculturada

O Irmão Stephen foi o encarregado de decorar os Pavilhões 1 e 2 onde decorreriam as orações. Inspirou-se nas linhas manuelinas do Mosteiro dos Jerónimos, do Convento de Cristo (Tomar), no Mosteiro de Alcobaça, mas também na simplicidade austera do Convento dos Capuchos (Sintra) e do Mosteiro da Serra da Arrábida (Setúbal). Também foram integrados elementos da natureza: fontes, árvores (oliveiras), arbustos e figuras de animais. No centro, destacava-se a

reprodução de um painel de azulejos de 1650 (o pavilhão 1 apresenta a réplica do frontal de Altar Tripartido do Convento Carmelita, em Coimbra, datado de 1650, exposto no Museu Machado de Castro; o Pavilhão 2 tem a réplica de pano frontal do altar-mor do Convento da Madre de Deus, também de 1650, com motivos de inspiração indiana).

Ali também estavam dois ícones conhecidos da Capela da Reconciliação, em Taizé (Virgem Maria e Cristo protegendo o Abade Egípcio Ména). Só que a reprodução aparece como um painel de azulejos, ao estilo português.

A iluminação também foi cuidada. A luz laranja das velas e projectores procura recriar a atmosfera de intimidade e tranquilidade onde, no silêncio, no canto ou na palavra, seja na penumbra ou na luz, é possível intuir a presença de um Mistério e revelar-se.

Reflexões do Irmão Roger

O Irmão Roger é o Fundador e Prior da Comunidade Ecuménica de Taizé. Do alto dos seus quase 90 anos, pode ver o mundo com outras perspectivas e horizontes. Guarda sempre um grande sorriso e partilha coisas muito simples. O P. António, pároco de Arroios, apresentou Taizé como 'a paixão da simplicidade' e definiu o Irmão Roger como aquele que, pela idade, mostrava um ar quebrado e um corpo curvado, mas estava sempre a sorrir.

Ao fim da tarde, a FIL encheu-se, de 28 a 31 de Dezembro, para escutar as suas palavras. No dia 28, falou sobre a Paz que Deus dá ao mundo. Disse que a paz mundial é essencial para aliviar os sofrimentos, em particular para que as crianças que nascem não conheçam a angústia e a insegurança. E apontou dois caminhos aos jovens: 'Quando tomam a decisão interior de viver para a paz e confiança, conseguem fazer das suas vidas uma luz que irradia ao redor (...). Para preparar caminhos humildes de paz, são conduzidos a simplificar as suas vidas com vista a uma partilha com os mais pobres'; 'A paz constrói-se também através da Oração'.

No dia 29, apresentou a vida como uma mistério: há uma vocação, há dúvidas, há a certeza de que Deus está do lado das pessoas.

No dia 30, o Irmão Roger começou com uma oração em comunhão com as vítimas do maremoto no Sudeste Asiático e reflectiu sobre o Deus que é Amor, mesmo quando há duras provações. É urgente abrir espaços de perdão.

A última reflexão na FIL foi um novo apelo à simplicidade de vida e à reconciliação: 'Compreendermo-nos, perdoarmo-nos, reconciliarmo-nos: eis um dos apelos mais essenciais do Evangelho'.

As palavras finais são de esperança no futuro de paz: 'Ao longo da nossa vida, o Espírito Santo há-de ajudar-nos a retomar a caminhada e a ir, de começo em começo, para um futuro de Paz'.

As intervenções do Patriarca de Lisboa

D. José Policarpo foi quem lançou aos Irmãos de Taizé o convite para que o 27º Encontro fosse em Lisboa. Desde a primeira hora mobilizou as Paróquias para o acolhimento.

A tarde do dia 31 foi dedicada a encontros por países: Portugal, França, Alemanha, Polónia, Rússia, Roménia, Itália, Espanha e Ucrânia. Portugal reuniu no Pavilhão 1 da FIL e, depois de testemunhos vindos de Lisboa, Santarém e Setúbal, D. José Policarpo encerrou com a Eucaristia. Na homilia, quis responder de forma criativa a duas perguntas: 'Quem somos nós?' e 'Porque estamos aqui?'. Começou por dizer que somos diferentes pelo baptismo e esta semente marca a diferença que é fundamento da esperança. 'Estamos aqui – disse o Patriarca – porque esta semente de Deus é um dinamismo que nos leva a acompanhar o ritmo da História porque Deus se fez humano. Um cristão não é para estar parado, contente com o que já é. O Senhor quer-nos onde se joga a vida do mundo. Não tenhais medo! Ele vos envia para horizontes sempre novos'.

* O autor presta homenagem ao Irmão Roger, assassinado a 16 de Agosto de 2005

Jornadas Mundiais da Juventude
Colónia 2005 - *"Viemos adorá-Lo"* (Mt 2,2)

Por Raul Viana*

As *Jornadas Mundiais da Juventude* (11 a 21 de Agosto de 2005) tiveram como tema o relato dos Magos que, guiados por uma estrela, foram ao encontro de Jesus recém-nascido para O adorar. De facto, ao convocar este 20º Encontro Mundial de Jovens para Colónia (Alemanha), João Paulo II intuiu a necessidade de os mesmos jovens se voltarem para Aquele que é o Autor da vida e O adorarem. Bento XVI reforçou a ideia de que a visita e proximidade às relíquias dos Magos na Catedral de Colónia fosse para cada jovem um confronto pessoal para sair de si e se pôr a caminho do verdadeiro Deus em perspectiva de adoração.

Foi neste espírito que cerca de meia centena de JSF (de norte a sul de Portugal) peregrinaram a Colónia e participaram nestas Jornadas.

A viagem de autocarro demorada, mas sempre animada, ficou marcada pela partilha do ideal JSF que a todos unia, e pelo desabrochar do sentido de grupo que foi referência ao longo de todas as Jornadas. Afinal, não somos um grupo qualquer, mas jovens cristãos com ideal missionário.

Este mesmo ideal *sem fronteiras* foi partilhado com outros jovens (franceses, irlandeses, alemães, ingleses, brasileiros e polacos) na preparação e encenação da peça de teatro: "*A lenda de Tumai*". Uma história com dez milhões de anos, que nos fez ver a dimensão solidária e fraternal contraposta com cenas de violência e interesses particulares, e onde a força e o poder do mal não conseguiram vencer o bem.

Para além da mensagem literária que esta história nos transmitiu, foi muito enriquecedor o intercâmbio de actividades que se gerou em torno da mesma. Desde a preparação improvisada dos trajes, a feitura das máscaras e colares, o arranjo dos objectos de combate e acção, o ensaio do canto e da dança... até à própria encenação com "actores" a dialogarem nos seus diferentes idiomas, tudo ficou marcado pela união e criatividade entre os próprios jovens. Acima de tudo, foi um tempo onde constatámos que quando temos um ideal comum e lutamos por ele, as dificuldades não desaparecem, mas superam-se pela força de construir um projecto comum.

A par destas actividades que englobaram todos os jovens presentes no Campo em Knechtsteden, houve, ainda, oportunidade para viver e participar em ricas celebrações de fé, onde a dimensão universal e fraternal foram uma marca de referência. Isto, porém, não dispensou outros momentos de oração e reflexão do próprio grupo, onde sentimos que a união se torna mais forte quando é a oração que nos congrega.

Com o aproximar da semana principal das Jornadas, juntamente com os cinco mil jovens portugueses, integrámos o programa comum a todos os jovens oriundos de 190 países. Das inúmeras actividades propostas, marcámos presença na Missa de Abertura, na Peregrinação à Catedral, na Celebração no local da catequese, na Recepção do Papa Bento XVI, na Via-Sacra com a comunidade indiana, na Vigília de Sábado e Missa Final em Marienfild (Campo de Maria) com o Santo Padre. No meio de tudo isto, não faltaram "banhos de multidão", apertões para apanhar os transportes, gritos e canções de animação pelas ruas, sorrisos e gestos juvenis comuns a todos os peregrinos. Nesta diversidade de movimentos e na pluralidade de encontros, sempre transpareceu o fundo cristão e missionário que nos marcou e está vivo em todos nós.

Na verdade, houve tempo para tudo. Agora resta-nos reflectir e viver a mensagem que Bento XVI nos deixou na homilia da Missa final quando falou para esse milhão de jovens peregrinos em Marienfild, e para muitos mais espalhados pelo mundo fora. Foi um apelo final claro e desafiante a partir do mistério da Eucaristia, do qual destacamos quatro interpelações:

1º- A participação na Eucaristia dominical: *"Às vezes pode resultar incómodo ter que programar, também, no domingo a Missa. Mas se vos empenhais, constatareis mais tarde que é exactamente isto o que dá sentido ao tempo livre. Não vos deixeis dissuadir de participar na Eucaristia dominical e ajudai também os outros a descobri-la"*.

2º- O conhecimento da fé cristã: Em cada jovem, a base da sua fé deve partir da Sagrada Escritura e prosseguir com base no *Catecismo da Igreja Católica* e no *Compêndio* desse mesmo Catecismo. Disse o Papa: *"são dois livros fundamentais que vos queria recomendar a todos"*.

3º- A vida de comunhão eclesial: *"Obviamente, os livros por si só não bastam. Construí comunidades baseadas na fé"*. Ou seja, é importante dar espaço à acção do Espírito Santo para suscitar novas formas de compromisso cristão, mas sempre com sentido de comunhão com toda a Igreja.

4º- O serviço de voluntariado: o nosso compromisso com o próximo, ao longe e ao perto é um desafio actual. *"Hoje, existem formas de voluntariado, modelos de serviço mútuo, dos quais justamente a nossa sociedade tem necessidade urgente. Não devemos abandonar os anciãos na sua solidão, não devemos passar ao lado dos que sofrem..."*.

Enfim, para terminar deixo aqui uma palavra de agradecimento a quem teve a coragem de participar neste evento cheio de cor e alegria. E, a todos os que se sentem

jovens, um apelo final de Bento XVI cheio de esperança: *"Eu sei que vós como jovens aspirais a coisas grandes, que quereis comprometer-vos por um mundo melhor. Demonstrai aos homens, demonstrai ao mundo, que espera exactamente este testemunho dos discípulos de Jesus e que, sobretudo mediante o vosso amor, poderá descobrir a estrela que como crentes seguimos. Caminhemos com Cristo e vivamos a nossa vida como verdadeiros adoradores de Deus!"*.

Até Sydney - Austrália 2008.

---

* Raul Viana, espiritano, coordenador dos JSF da região Braga.
Director do Centro Vocacional Espiritano (CVE).

Missão Solidária

Sol Sem Fronteiras
10 Anos de Solidariedade

Por Sandra Simões*

Como diz a canção, tudo começou há um tempo atrás, da capacidade de olhar mais longe, por cima das fronteiras. Em vez de passar ao lado, houve vontade de as atravessar. A solidariedade sem fronteiras esteve sempre presente no Movimento jovem chamado Jovens Sem Fronteiras (JSF), que procurou estar ao serviço dos mais pobres como reflexo da Igreja missionária no meio dos homens, e respondendo também nas fronteiras da missão.

Reinventar a caridade

Sol Sem Fronteiras nasceu para dar cobertura aos trabalhos do Movimento e responder mais eficazmente aos apelos vindos do terreno missionário. A solidariedade é, assim, a caridade reinventada, através do contributo para o desenvolvimento dos povos mais desfavorecidos. O aparecimento duma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento foi assim natural, resultou da evolução da experiência dos próprios JSF. A existência de uma estrutura própria com cobertura jurídica adequada facilitou o alargamento da solidariedade e cooperação juvenil. A Associação Sol Sem Fronteiras nasceu, então, em 1 de Novembro de 1993, por altura do 10° aniversário dos JSF. Os seus órgãos sociais e executivos estão ou estiveram ligados aos JSF. E esta Associação existe para dar protagonismo aos jovens: os projectos e campanhas visam o apoio maioritariamente infantil e juvenil e as comunidades juvenis do nosso país são protagonistas da sensibilização e das campanhas. Poderíamos até dizer que crianças ajudam crianças, jovens ajudam jovens, e

são também jovens que aceitam o desafio de viver a experiência da entrega e da partilha. Os objectivos desta Associação são resumidamente: a sensibilização da juventude portuguesa para a solidariedade sem fronteiras e o exercício dessa mesma solidariedade, a elaboração de projectos de desenvolvimento em países em vias de desenvolvimento, e a promoção da cooperação juvenil apoiada nos projectos da própria Associação.

Antes de ser, já era...

Antes da fundação de Sol Sem Fronteiras, a solidariedade esteve presente nas actividades dos Jovens Sem Fronteiras. Apenas recordando alguns pontos marcantes, em 1985 foi formado o Fundo de Apoio às Igrejas do Terceiro Mundo (FAITM) e em 1989 foi inaugurada a Escola-Ciclo "Jovens Sem Fronteiras" em Caió, na Guiné-Bissau. Recordamos ainda o envio dos "contentores da solidariedade" para Angola em 1990. Em 1991-92, realizou-se a campanha "D´Junta Món" para a construção de Centros Comunitários em Cabo Verde. O financiamento destes projectos deveu-se maioritariamente aos Jovens Sem Fronteiras, ao esforço e empenho das suas campanhas.

Desenvolvimento gera desenvolvimento

Desde a sua fundação, Sol Sem Fronteiras tem experimentado esta realidade. A presença de uma escola ou de um centro de saúde numa região pouco desenvolvida, gera serviços e necessidades que implicam o envolvimento das próprias comunidades na co-responsabilização por esse mesmo desenvolvimento. Por exemplo, a Escola-Ciclo "Jovens Sem Fronteiras" em Caió, foi entretanto ampliada. A importância da educação foi crescendo na percepção de que a humanização e qualidade de vida passa pelos bancos da escola, e pela certeza que não há desenvolvimento sem formação e educação.

'Pontes' de Solidariedade

É nas tão desejadas e merecidas férias de Verão, durante o mês de Agosto, que um grupo de jovens realiza este aproximar de margens, construindo "Pontes de Solidariedade". A primeira Ponte realizou-se em 1992, em Cabo Verde e, desde então, São Tomé, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique foram palco destas experiências. Um grupo de jovens faz o contacto com a realidade da Missão e concretiza projectos de apoio ao desenvolvimento como seja a formação humana e cristã: através da formação de formandos e formadores nas áreas da educação, saúde e pastoral.

O rosto dos projectos

No ano de 1994 começou a ser levantado o Centro Social de Apoio à Infância de Ribeira Afonso, em São Tomé e Príncipe. Foi o primeiro grande projecto de Sol Sem Fronteiras e, desde a sua inauguração, este centro presta um serviço ímpar e reconhecido pelas próprias instituições governamentais sãotomenses, no apoio a crianças e jovens de uma comunidade com muitas carências, além do trabalho social prestado nas roças circundantes. Em 2000, em Moçambique, foi lançada a primeira pedra de uma de duas "Escolinhas" comunitárias, já construídas entretanto, numa região pobre desprovida de apoios educativos.

O voluntariado

Os projectos de voluntariado de cooperação juvenil são as respostas de um dinamismo missionário que vai despertando nos jovens. São os protagonistas da construção do reino que não tem raças, nem cores, nem fronteiras.

Solsef nas Escolas

Desde o início, as escolas portuguesas têm prestado uma colaboração muito grande aos nossos projectos. Não

contabilizamos já as toneladas de material angariado por centenas de escolas, de norte a sul do país, ao longo destes 10 anos, que de uma forma muito especial quiseram prolongar esta solidariedade e fazer parte desta "família". Quando escolas se unem e levam a cabo uma campanha que culmina na construção de uma outra escola a 5000 km de distância, podemos afirmar com toda a certeza que a partilha se transforma e dá fruto! Que o digam os meninos de Bajob, na Guiné Bissau.

O que aqui está escrito é apenas uma pálida amostra do colorido das actividades realizadas pela Associação. A colaboração de muitos, no anonimato da sua solidariedade, tem sido uma ajuda preciosa para a realização de muitos projectos. O empenho e compromisso dos missionários com quem temos trabalhado, são o garante das nossas acções e o estímulo para a continuação destas. Dez anos são apenas um pequeno aquecimento para esta grande corrida onde há espaço e tempo para todos os que se sentem movidos pelos ideais de fraternidade entre os povos.

---

* Sandra Simões, ex-Presidente dos JSF e de Sol Sem Fronteiras. Doutora em Farmácia. Investigadora no Instituto Nacional da Engenharia, Tecnologia e Inovação (INETI).

O Futuro está na Educação

Por Juan Ambrosio*

No âmbito do trabalho que realizo e das responsabilidades que tenho, surgiu a hipótese de realizar, em colaboração com a Associação Sol Sem Fronteiras, um projecto de cooperação que envolvesse os professores e os alunos de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) do Patriarcado de Lisboa. Após várias reuniões com o P. Tony Neves e com o Manuel Bento, o projecto foi ganhando um rosto e um perfil concreto: "Por uma Escola mais Solidária ao Serviço da Pessoa".

Projectos em África

Com este tema a servir de pano de fundo, o SDER (Secretariado Diocesano do Ensino Religioso) elaborou um Projecto de Trabalho no qual integrou como um dos objectivos principais a colaboração com três escolas concretas: a Escola de Santa Teresinha do Centro do Bairro da Kamussamba (Huambo – Angola), Escola Ciclo Jovens Sem Fronteiras (Tubebe – Guiné Bissau) e Centro de Apoio à Infância em Ribeira Afonso (S. Tomé e Príncipe). Queríamos que os alunos de EMRC do Patriarcado de Lisboa reflectissem e percebessem um pouco melhor como a responsabilidade e a solidariedade são duas dimensões fundamentais, não só na construção do mundo, como também na construção da sua própria personalidade. Como tradução concreta deste percurso foi proposta, entre outras actividades, uma campanha de recolha de material escolar. A adesão não se fez esperar e ainda a campanha não acabou e já muito material foi enviado para o seu destino.

Como fazer a entrega simbólica deste material? Que gestos concretos, capazes de serem significativos, poderiam ser

realizados no momento da entrega, de tal modo que ficasse claro que no acto da partilha não se trata apenas de dar, mas sobretudo de partilhar a nossa condição humana e, também, a nossa fé no Deus que quer a felicidade e a realização para todos?

A Escola Sem Fronteiras de Tubebe

Porque não pensar numa acção conjunta em que um grupo de professores do Patriarcado pudesse partilhar alguma da sua experiência com os professores de uma determinada escola? A escola de Tubebe surgiu, num primeiro momento, como horizonte possível dessa concretização, mas rapidamente surgiu a possibilidade de alargar essa experiência a outras escolas da Guiné-Bissau.

Com a intenção de preparar a entrega simbólica do material escolar e a realização de uma Acção de Formação para Professores, juntamente com o Manuel Bento e com o P. Valentim (um Verbita que, em Portugal, trabalha com a comunidade guineense e que queria conhecer as terras concretas onde são originários muitos daqueles com quem vive diariamente), iniciei a minha viagem à Guiné-Bissau.

Digo "iniciei" porque, apesar de só ter estado uma semana no local, a viagem ainda só começou. Muito do que vi e experimentei está, neste momento, a ser rezado no meu coração.

Verdadeiramente acolhido

De facto não foi uma viagem de turismo, nem os ritmos do dia-a-dia diminuíram significativamente, ainda que tenham sido diferentes. Mas ainda bem que assim foi. Do que vivi, deixo aqui três impressões à maneira de um breve apontamento.

A primeira tem a ver com o acolhimento. A maneira como fomos recebidos por todas as comunidades onde passámos e por aqueles com quem pudemos estar mais tempo, foi uma experiência significativa. Senti-me verdadeiramente acolhido. Não fui uma visita nem um hóspede. Não queria sê-lo, mas

também não me teriam deixado sê-lo. Uma vez mais, ainda bem que assim foi.

A segunda impressão vem na linha da confirmação daquilo que é para mim uma certeza: a educação é um dos meios fundamentais de humanização dos povos, das culturas e das sociedades. Com isto não estou a dizer que o povo da Guiné-Bissau não seja verdadeiramente humano. Não tenho dúvidas a esse nível. O respeito e a dignidade que é devido a cada um dos habitantes desta terra é o mesmo que é devido a todo e qualquer ser humano.

Mas, muitos dos contornos com que a sociedade se organiza têm que ser humanizados para que a dignidade de cada pessoa possa verdadeiramente ser uma realidade vivida por todos. Muita pobreza e muitas situações de verdadeira injustiça podem ser ultrapassadas com a ajuda de uma educação que rasgue novos horizontes de humanização.

Escola alarga horizontes

Aquilo que vi e experimentei lança-me um alerta: se muitas daquelas crianças continuarem sem estudar, os seus horizontes não serão alargados e dificilmente poderão perceber que podem e devem aspirar a muito mais.

Foi para mim uma experiência verdadeiramente "chocante" perceber que aquilo que gasto na educação dos meus dois filhos durante um mês dá para pôr uma escola do 1º ciclo, com cerca de 200 crianças, a funcionar durante um ano, na Guiné, e eu tenho a certeza que não gasto demais, nem mal, com a educação dos meus filhos.

Cristologia em Bajob

Finalmente, uma terceira impressão. Quando na Terça-feira, dia 13 de Fevereiro, chegámos à missão de Bajob estava a decorrer uma sessão de formação para catequistas. Também participei nela. Inicialmente tinha como intenção escutar mas, quase sem saber porquê, vi-me à frente de um grupo de

catequistas com a finalidade de partilhar com eles um pouco da minha experiência na docência da teologia.

Não deixou de ser irónico, pois as aulas na Faculdade de Teologia, em Lisboa, tinham começado precisamente nessa semana, e os meus alunos não iam ter Cristologia durante esses dias. Estava muito longe de imaginar que poderia "dar uma aula de Cristologia" no meio do mato a um grupo de pessoas cuja língua eu não sei falar. O que estava previsto ser uma pequena conversa, prolongou-se por cerca de duas horas, e entre o Português, o Crioulo e o Manjaco foi possível comunicar, pois Aquele de quem estávamos a falar não é reduzível a nenhuma língua ou cultura, podendo ser "dito" e, sobretudo, "vivido" em todas as línguas e culturas. Foi verdadeiramente apaixonante partilhar com eles aquele momento de fé no mesmo Senhor Jesus Cristo. Apesar de experiências de vida muito diferentes, estávamos verdadeiramente unidos.

Estes catequistas não sabem, mas aquela foi uma das aulas que me deu mais "gozo".

A alegria da partilha

A mesma sensação de unidade e comunhão repetiu-se, quer em momentos celebrativos como a Eucaristia, quer em momentos de convívio e diálogo à volta da mesa, sentado num muro, ou "aos saltos" dentro de um jipe durante as nossas deslocações. Acabei por não ver nem tomar banho em nenhuma praia. Devo, no entanto, assumir que tinha alguma esperança em fazê-lo, pois na minha mochila levava uns calções de banho. Mas não faz mal, pois tive a oportunidade de iniciar uma viagem.

Uma viagem que ainda só agora começou...

* Juan Ambrosio, Doutor em Teologia. Professor na Universidade Católica Portuguesa.

SDER e Sol Sem Fronteiras

Escolas de Lisboa solidárias

Por Sandra Simões

O Secretariado Diocesano do Ensino Religioso do Patriarcado de Lisboa (SDER), em colaboração com a Associação Sol Sem Fronteiras (SOLSEF), levou a cabo um projecto que tomou o nome 'Por uma Escola Solidária ao serviço da Pessoa', durante o ano lectivo 2000-2001. O objectivo principal deste projecto correspondia ao trabalho numa acção de cooperação entre professores e alunos de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) do Patriarcado de Lisboa e três pólos educativos em África, que têm vindo a ser apoiados por SOLSEF.

Abraço a Angola, Guiné e S. Tomé

Os alunos de EMRC apostaram na construção de uma Ponte de solidariedade com a Escola de Santa Teresinha (Centro do Bairro Kamussamba – Huambo), a Escola Ciclo Jovens Sem Fronteiras (Tubebe – Guiné) e o Centro Social de Apoio à Infância (Ribeira Afonso, em S. Tomé). Trata-se de três projectos na área da Educação e da Saúde que SOLSEF apoia, num contexto de grandes carências sociais e económicas. A Escola de Santa Teresinha tem mais de mil alunos e nasceu num contexto de guerra. Com o aumento dos mutilados de guerra, as Irmãs Espiritanas foram construindo e dando corpo a um Centro de Mutilados. Para os filhos e outros familiares, foi nascendo a ideia de fundar uma Escola. Das cinzas de uma guerra cruel e num ambiente de miséria absoluta, a Escola ali está e o material escolar recolhido nas Escolas de Lisboa é um símbolo concreto de solidariedade.

A Escola Sem Fronteiras de Tubebe foi construída no

coração do país manjaco, numa região muito pobre, onde as crianças e adolescentes não podiam passar além da 4ª classe. Esta Escola foi também escolhida para receber material escolar enviado de Lisboa.

Finalmente, o Centro de Apoio à Infância de Ribeira Afonso (CSAI), inaugurado pelo Presidente da República de S. Tomé, em Janeiro de 2001. Construído numa povoação muito pobre do sul da Ilha, aposta no apoio às crianças e adolescentes bastante abandonados, nas áreas da saúde e da educação. O apoio das Escolas de Lisboa é um símbolo da fraternidade sem fronteiras.

Experimentar a solidariedade

Este projecto assumiu uma série de vertentes, mas o desafio maior e mais ambicioso foi, e é, o de experimentar a solidariedade. De facto, não é nos livros que se aprendem estas coisas da solidariedade. Mais do que uma atitude, é viver as utopias de que 'todos os homens são irmãos', 'o sol nasce para todos', 'todos somos responsáveis pela construção de um mundo melhor', 'da solidariedade nasce a paz', etc, etc. Os chavões estão gastos, mas só mesmo quem acredita neles pode experimentar a solidariedade. Porque acreditando é possível concretizá-la. E foi isso que aconteceu neste projecto. A proposta feita a professores e alunos envolveu uma campanha de recolha de material escolar. A adesão superou a mais optimista das expectativas. Que o diga a equipa executiva de SOLSEF que se responsabilizou pelo seu acondicionamento e envio para o local de destino. Mas, a história não acaba aqui. Durante este ano, foram muitas as escolas que viveram intensamente este objectivo. Promoveram acções de Educação para a Solidariedade e o Desenvolvimento. Angariaram material. O director-adjunto do SDER, Dr. Juan Ambrosio, foi à Guiné-Bissau ver, no terreno, uma Escola que irá receber apoio de material escolar. Os alunos de EMRC participaram num concurso literário, subordinado aos temas da Co-responsabilização na construção da Paz, da Justiça, da Solidariedade e da Liberdade.

InterEscolas 2001

O SDER, SOLSEF, alunos e professores prepararam uma excelente festa InterEscolas 2001. Foi a 18 de Maio, em Fátima. Teve início com a celebração da Eucaristia na Capelinha das Aparições, presidida por D. Tomaz Nunès, e estendeu-se pela tarde fora numa verdadeira festa de cor, alegria e juventude. O grande auditório do Centro Paulo VI foi pequeno para os três mil alunos e professores que participaram. Além das prestações das Escolas, na forma de música, dança e representação, houve oportunidade de escutar os sons da Guiné-Bissau, trazidos pelo artista Manecas Costa e a sua banda. Foram entregues os Prémios do Concurso Literário e houve tempo, ainda, para premiar as claques das escolas que deixaram extravasar a sua animação e alegria. A festa terminou com uma largada de balões. Mas ainda há mais: por forma a fazer a entrega simbólica do material recolhido durante o ano, através de um gesto que representa a partilha e a solidariedade, um grupo de Professores do Patriarcado irá até à Guiné-Bissau realizar uma Acção de Formação para Professores, durante uma semana no mês de Julho. Trata-se de um curso intensivo, alargado a professores de várias escolas da Guiné-Bissau.

E assim se dá rosto aos projectos com rosto. Em nome de todos os que vão sentir este abraço de solidariedade, muito obrigada.

Voluntárias Missionárias em Angola

Paz e Tragédia Humanitária

Por Margarida Querido* e Sandra Colaço**

Voltámos para Malanje cheias de força, depois de um pequeno tempo de férias. As saudades de todas as pessoas que deixámos durante esse mês eram já muitas. Foi, portanto, um regresso ansioso e mal sabíamos nós que íamos viver momentos tão especiais como estes últimos seis meses nos reservariam.

O Sinal da Paz

Expressar por palavras o que vivemos neste últimos 6 meses é muito difícil. A única palavra que constantemente nos vem à cabeça é *PAZ*. Chegámos a Angola quando a guerra ainda se fazia sentir, numa altura em que, para muitas pessoas, a palavra "*paz*" era um conceito estranho, mas como a esperança é sempre a última a morrer, depois de tantos anos de esperança, de oração e desespero, o sonho tornou-se realidade e a paz finalmente chegou. Nós tivemos a graça de viver esse momento em primeira mão com o povo Angolano. Mas é claro, que não chega apenas apertar as mãos e assinar acordos. É necessário trabalhar e, tal como se diz em Angola, "*podemos destruir num dia, mas a reconstrução leva anos*". Esta reconstrução não é necessária apenas ao nível das infra-estruturas, da educação ou da sociedade. Mais do que tudo isto, é necessária uma grande reconstrução humana. A reconciliação de todos os angolanos é algo necessário. À palavra paz é necessário juntar a palavra perdão: os angolanos têm de fazer um esforço para se perdoarem.

O rosto da fome e do sofrimento

Com a paz, houve a abertura dos caminhos, levando até à cidade milhares de crianças, velhos e mulheres com fome, que se encontravam durante todos estes anos no meio do mato. Por obra e graça do Espírito Santo, conseguiram sobreviver e arranjar forças para fazer caminhadas de quilómetros com o estômago completamente vazio.

Mas, como sempre, as crianças e os idosos são os que mais sofrem. Só na província de Malanje foi necessário abrir 4 centros de nutrição para receber as crianças que vinham em muito mau estado. Nalguns casos graves de desnutrição, as crianças não conseguiam sequer aguentar o transporte de acantonamento até ao centro, acabando por falecer no caminho. As estatísticas eram pavorosas, cerca de 3 a 4 crianças morriam por dia e nós sentíamo-nos de mãos atadas porque nada podíamos fazer para salvar estas vidas.

Também os adultos mostravam sofrimento, não só fisicamente mas também emocionalmente. Famílias separadas, pessoas que chegavam a uma terra diferente, sem nada e sem verem uma única cara familiar, uma cara amiga.

Foram e ainda são momentos difíceis para toda a gente. Para nós, foi um momento muito forte e marcante na nossa vida, ver tantas vidas humanas, tantas crianças a morrerem à nossa frente.

Animar os Centros de Acolhimento

Com essas crianças doentes vinham, muitas vezes, irmãos que estavam num estado mais saudável, mas que, como não tinham mais ninguém com quem ficar, vinham a acompanhá-los e ficavam todo o dia naqueles centros a verem os outros doentes, sem terem nada para fazer. Esta situação impressionou-nos muito e, por isso, depois das aulas decidimos começar a passar algum do nosso tempo livre nos centros, onde brincávamos e animávamos as crianças. No início, apresentaram-se um pouco apáticas, mas aos poucos, foram-se aproximando de nós e

acabámos por conseguir ver naqueles corpinhos magros os sorrisos mais lindos e profundos que pode haver.

Malanje Solidária

As dificuldades por que estavam a passar estas pessoas recém chegadas não afectou só a nossa vida, mas também a de toda a sociedade de Malanje. Por isso, a diocese pediu a todos os grupos juvenis, inclusivé os Jovens Sem Fronteiras, para fazerem uma campanha de angariação de roupas e bens alimentares a entregar às pessoas que se encontravam nos acantonamentos. Inicialmente, pensávamos que talvez não tivéssemos grande sucesso nesta campanha, pois as pessoas que se encontram na cidade já vivem com grande simplicidade e dificuldades, mas, mais uma vez, pudemos ver que o povo Angolano é um povo solidário e que, no pouco que tem, consegue partilhar com os outros que ainda menos têm do que eles. De porta em porta, fomos recolhendo aquilo que generosamente as pessoas foram entregando.

Ousar construir a Paz

Foi neste espírito que vivemos estes últimos 6 meses, partilhando a alegria da chegada da paz, vivendo esta catástrofe humanitária que fomos descobrir dentro de Angola, mas também vivendo o esforço de reconstrução desta nova Angola.

Ao partirmos, deixámos uma grande parte do nosso coração com todas aquelas pessoas, com os missionários que continuam a dar a sua vida por aquele povo e principalmente com todas as pessoas que partilharam a sua vida connosco, com quem vivemos este último ano e meio de alegrias e sofrimentos de uma vida por vezes dura e injusta demais.

---

* Margarida Querido, JSF da Portela, ex-voluntária em Malanje. Licenciada em Turismo.

* * Sandra Colaço, ex-voluntária em Malanje. Licenciada em Turismo.

Voluntariado Missionário em Angola

Por terras de Malanje

Por Miguel Ribeiro*

Cheguei a Angola 4 dias após a morte do líder da Unita, Jonas Savimbi. As pressões para que o governo pusesse fim à guerra eram já muitas e vindas de vários lados, e apesar de alguma renitência, havia a ideia firme de que o cessar das hostilidades era inevitável. A Unita fazia ainda uns últimos ataques, não para ocupar posições estratégicas, mas para arranjar o que comer. Era um claro sinal da próxima "guerra" que Angola iria travar, a da fome como há muito não se via neste país... já lá iremos.

Missão centenária

Parti para Malanje, decidido a dar o meu melhor no trabalho, lado a lado com a igreja local. Os espiritanos chegaram mais de 100 anos antes de mim a Malanje, e desde o primeiro momento, a sua grande preocupação foi a de formar a Igreja local. Isto percebe-se facilmente quando olhamos para o imponente seminário diocesano, o Seminário Maior de S. José, construído pelo P. Henrique Verdyjk, espiritano holandês. Outro aspecto que ilustra bem esta preocupação dos espiritanos pela igreja local é o facto de não haver até ao momento nenhum padre espiritano de Malanje! É certo que é uma terra de poucas vocações, mas em 100 anos... Este é o grande carisma espiritano, executar os trabalhos para os quais a Igreja não encontra obreiros. Quando os obreiros aparecem, os espiritanos seguem para outro lado onde falte gente para trabalhar na messe do Senhor.

O testemunho dos Espiritanos de Malanje

Foi com dois espiritanos que fiz comunidade durante um ano. O superior da missão, o P. Manuel Viana, oriundo de Ponte de Lima, a trabalhar em Malanje há mais de 30 anos! Uns tratam-no por "Sr. Padre", outros por P. Viana, mas a maioria chama-lhe Pai, o Pai de Malanje! De manhã à noite, na sua mente só estão os pobres, as crianças, os catequistas... Não sei há quanto tempo é que não pensa nele, mas seguramente que há muito. É o pároco da Sé Catedral de Malanje e vigário geral da diocese, mas arranja ainda tempo para construir capelas, escolas, distribuir sementes e animais para criação, etc, etc, etc. Acompanhá-lo nestes trabalhos foi uma graça para mim, mas fiquei sem saber onde arranja ele tanta energia do alto dos seus 64 anos, pois no vigor das minhas 26 primaveras via-me "grego" para aguentar a sua "pedalada"! Ainda na missão, vive também o P. Benedicto Sanchez, espiritano espanhol, que está novamente em Angola depois de ter vivido na diocese vizinha de Ndalatando durante 6 anos. É o padre dos militares e dos polícias! É excepcional o trabalho que realiza junto daqueles que são provavelmente uns dos mais marginalizados da sociedade angolana. O povo olha para eles como os criminosos que entram nas aldeias, violam as mulheres, roubam... mas o P. Bene conseguiu perceber neles uma sede enorme do amor de Deus. Este facto só surpreende se nos esquecermos que muitos deles passaram pelos bancos de catequese e foram para a guerra apanhados numa qualquer rusga militar. Poderíamos ficar escandalizados com a amizade de um padre com homens que mataram, violaram ou cometeram outros crimes, mas como ensina o Senhor, são os doentes que precisam de médico. As prisões e os hospitais são outros dos campos onde este missionário espanhol vai semeando o Evangelho.

Kalandula, mártir

E claro, não se pode falar de espiritanos na diocese de Malanje sem referir o P. Arnaldo da Rocha Ferreira, o "kota" Rocha. Kalandula é um nome que, para a maioria dos leitores, não diz

muito, mas se lembrar o antigo nome de Duque de Bragança, muitos acharão na memória a beleza das famosas Quedas do Duque de Bragança. Mas, durante muito tempo, esta beleza foi ofuscada pelos perigos da guerra. O P. Rocha e as Irmãs Dominicanas do Rosário decidiram nunca abandonar a missão, o que por pouco não lhes custou a vida. Quem vir a carrinha da missão, facilmente percebe que o P. Rocha está vivo porque Deus assim o quis, pois são visíveis as marcas das balas que lhe passaram a poucos milímetros da cabeça! Explicar donde vem esta coragem ninguém conseguirá. Podemos compreendê-la só à luz da fé. Hoje, já em paz, as coisas andam mais tranquilas, mas o trabalho não pára. A maternidade da missão está praticamente montada, e os projectos viram-se agora para a criação do curso médio (9º ao 12º ano) em Kalandula e para a reparação da igreja. Até cansa ver este homem a trabalhar!

A Missão no feminino

Não se pode falar de missão em Angola sem falar nas Irmãs. Em Malanje, trabalham actualmente cerca de 130-140 irmãs, distribuídas por 17 institutos religiosos. Destas, cerca de 40 são contemplativas da ordem de Sta. Clara. Das Irmãs de vida activa, a grande maioria trabalha na cidade por causa da guerra. Com a chegada da paz, mais algumas se preparam para reabrir as missões do "mato". Actualmente, só em Cacuso, Kalandula, Lombe e Kakulama existem Irmãs a morar nas respectivas missões. Como em tudo, falta o dinheiro necessário para reconstruir as infra-estruturas das missões e para as manter a funcionar! São mulheres de grande coragem estas que dão a sua vida pelo Evangelho. Numa cultura onde a mulher é altamente inferiorizada, as Irmãs afirmam-se pelo seu grande testemunho. Sem elas, não sei o que seria do trabalho missionário.

Do lado dos mais pobres

A nível social, a Igreja em Malanje não tem mãos a medir. Neste campo, queria destacar duas obras excepcionais, ambas

dedicadas a crianças orfãs. O orfanato de meninas das Irmãs de S. José de Cluny e a Casa do Gaiato. O primeiro acolhe cerca de 70 meninas, que ali vivem em regime de internato. Vão à escola, fazem diversos trabalhos e ganham uma formação humana e cristã que as prepara para enfrentar a vida "no mundo". O mesmo acontece com a Casa do Gaiato com os cerca de 200 rapazes que ali vivem, estudam e trabalham. Uma obra mais antiga que o internato das Irmãs e cujos frutos se vão colhendo com muita alegria. Além destas duas obras, não se pode esquecer o trabalho que todas as congregações vão fazendo um pouco por toda a cidade, na promoção feminina, na segurança alimentar, no apoio aos idosos, etc, etc. Só vendo se pode ter uma ideia correcta do trabalho da Igreja em Angola. E não falei do trabalho da Caritas Diocesana, cujo passado, presente e futuro dava para escrever outro dossier!

Aprendi muito

Praticamente não falei do meu trabalho neste ano, pois já o fui fazendo em artigos publicados. Em jeito de balanço final, apesar de ter ido para ensinar, foi muito mais o que aprendi durante o ano que passou. Aprendi o que é a universalidade da Igreja, o que é a santidade, o que é viver a pobreza, o que é estar de manhã à noite inteiramente disponível para Deus... e gostei muito de aprender todas estas coisas! Aprendi também o quão importante é o nosso trabalho na animação missionária. Sem o nosso apoio, os missionários no terreno trabalhariam com muito mais dificuldades, por isso, apelo a todos que se empenhem cada vez mais no apoio aos missionários no terreno. Somos responsáveis por todos os que ainda não conhecem a Jesus Cristo, e como baptizados, não temos o direito de guardar o Evangelho só para nós. O "Ide e anunciai a Boa Nova" não podia estar mais actual, então... de que estamos à espera?

* Miguel Ribeiro, JSF do Monte Abraão, ex-voluntário em Malanje. Estudos em Engenharia e Teologia.

Voluntariado Missionário em Cabo Verde

Na Calheta de S. Miguel

Por António Silva*

Parti para Cabo Verde a 25 de Setembro de 2003, após 13 anos de caminhada como Jovem Sem Fronteiras.

O Trabalho na Escola Padre Moniz

Como trabalho diário, leccionava as Disciplinas de Utilização de Computadores (11.º e 12.º ano) e Formação Pessoal e Social (7.º, 8.º e 9.º ano) na Escola Padre Moniz (escola da paróquia), que é uma escola que serve alunos que, na sua maioria, já perderam o direito ao ensino escolar ou deixaram de estudar há muito tempo e agora voltam para a escola. Aqui começaram a surgir as minhas primeiras dificuldades. Primeiro, porque tinha cerca de 10 computadores para uma turma com 20 alunos e outra com 40. Lá tive de fazer algumas manobras e redobrar a carga horária de forma a colocar um aluno por computador, para que pudessem aprender melhor.

Outra das grandes dificuldades eram as aulas de FPS (Formação Pessoal e Social), não pela matéria em si, mas por ter de adaptar tudo à realidade local, realidade essa onde tinha acabado de entrar e dar os primeiros passos, e por haver alunos com idades diferentes. O que custou foi começar, depois foi sempre em frente e muito trabalho.

Compromissos na Paróquia

Com o Pe. Nuno, fazia parte da Direcção do Secretariado da Juventude da Paróquia. Tentávamos acompanhar os grupos de jovens existentes nas várias capelas (zonas), com acções de formação ministradas por elementos da Direcção e

participando nas suas actividades (vigílias, orações, convívios, formações, etc.).

Foram vários os trabalhos e actividades organizados pelo Secretariado da Juventude: mês de Maria, Mês Missionário, Mês das Vocações, Vigílias de Oração, marcha Jovem (dia Mundial da Juventude), Acções de Formação (sobre as mensagens do Santo Padre), visitas aos mais pobres (Natal), etc.

Quase sempre acompanhava o P. Nuno às Eucaristias dominicais, normalmente uma ao Sábado e duas ao Domingo. Eucaristias essas que demoravam, em média, uma hora e meia, mas mesmo com o calor e o sol a bater forte nas cabeças, ninguém arredava pé.

Por vezes, acabada a Eucaristia, fazíamos um pequeno convívio com as crianças da catequese: alguns jogos e brincadeiras estavam na ordem do dia.

Aprendi um pouco de crioulo para melhor poder comunicar com as pessoas e isso ajudou-me bastante.

Experiência pessoal

Para mim, esta experiência missionária foi muito boa, ajudou-me imenso a crescer como pessoa e valorizar mais certas coisas que, por vezes, temos e nem sequer lhes damos o devido valor.

É uma experiência que aconselho a quem gosta de fazer o bem aos outros, mas principalmente a quem quiser crescer.

Devo confessar que aprendi mais do que ensinei.

---

* António Silva, JSF Tires, ex-voluntário em Cabo Verde.

Olhar para a frente...

Por Raul Viana

Falar dos JSF numa perspectiva de futuro implica que se reveja o passado e se olhe o presente na certeza de que «o futuro da árvore está nas suas raízes». Nesta perspectiva, olhar o horizonte dos JSF requer uma atenção aos seus objectivos específicos de uma construção social mais justa e solidária, mais fraterna e pacífica. Assim, o esforço por uma fraternidade universal, a par da inserção na Igreja local, apresentam-se como duas acções integrantes e simultâneas a manter vivas e actuantes nos JSF.

Com base nestes aspectos concretos, propomo-nos olhar o horizonte e pensar aquilo que consideramos essencial para os JSF, enquanto Movimento Juvenil de espírito e acção missionárias, ao começar este *III Milénio*:

Formação humana (pessoal-social) e cristã

No tempo em que vivemos, urge uma formação de base suficientemente sólida e capaz de aguentar as dificuldades e incertezas dos jovens. A indiferença religiosa de muitos contemporâneos obriga-nos a apresentar as razões da nossa adesão de fé, para que, uma vez confrontados, saibamos afirmar tudo aquilo que nos move como jovens cristãos. Não se trata somente de conseguir raciocínios bem elaborados mas, acima de tudo, possuir vivências bem integradas.

Uma espiritualidade JSF

A *Fonte* de onde dimana a razão motivadora dos JSF é Jesus

Cristo e o seu Reino. O importante é saber onde ela está, conhecer o caminho, dispor-se a ir beber de forma continuada. A força dinamizadora dos JSF merece ter continuidade e, por isso, manter-se aberta para atrair mais jovens ao ideal missionário. Uma leitura das actividades realizadas dizem-nos que existe um espírito JSF que merece ser perpetuado e celebrado.

Compromisso sócio-político

Somos jovens e o futuro toca-nos por dentro. A nossa adesão à construção de uma sociedade mais justa e solidária também depende de nós. Daí que todos nós jovens, nos tenhamos de comprometer social e politicamente, sem deixar por mãos alheias o governo político da nossa sociedade. Estamos chamados a manifestar a nossa opção e a efectuar a nossa escolha criteriosa, à luz da mensagem cristã.

Solidariedade e voluntariado

O compromisso voluntário com os mais pobres é o novo e nobre rosto dos jovens de hoje. A gratuidade do serviço missionário é um desafio dos jovens que se inquietam com a injustiça e a exploração. A presença laical no seio eclesial tem um caminho de esperança a percorrer, e os jovens estão na linha da frente. Importa dar-lhes cada vez mais novas oportunidades.

Criatividade evangélica

À luz das propostas de Jesus não podemos «ficar a ver a banda passar», mas sermos capazes de arriscar sempre em novas maneiras de contrastar o Evangelho com o quotidiano da vida. Ou seja, temos de andar no sentido em que andavam os pés de Jesus e olhar com os seus olhos de acolhimento e libertação.

Actuar personalizado e acompanhado

Já não tem sentido a era da auto-suficiência solitária. Não vamos sozinhos no mesmo barco, connosco outros vão remando e integram a 'tripulação'. Alguns deles bem marcados pela experiência, de tal modo que juntos podemos ir mais longe, abrir novos rumos e arriscar novos caminhos. Cada um está chamado a descobrir o seu lugar próprio no seio do grupo e da comunidade cristã.

Seguimento em comunidade

Como grupo temos que progredir para comunidade mais alargada. Somos família, novos e velhos, grandes e pequenos, todos integramos a comunidade como riqueza comum. Enquanto família espiritana, plural nos seus Movimentos, também nós somos peças importantes desse puzzle missionário, e temos um espaço próprio.

Fidelidade à vocação fraternal

De «janelas abertas» ao mundo onde nos encontramos e susceptíveis aos apelos que nos chegam dos vários quadrantes da actualidade, temos de responder à voz de Deus presente no grito dos mais pobres e abandonados, como o fizeram muitos dos que nos antecederam.

Enfim, outros desafios poderiam ser apresentados depois de 20 anos de caminhada. No entanto, como apelo de futuro, continuemos com o derrubar de fronteiras em busca da fraternidade universal ao jeito de Jesus, e avancemos pelo construir concreto e solidário que acolhe e integra, ama e dignifica.

São Trezentos Anos

Por João David*

1. Pelas estradas da vida
Vem ecoando uma canção
Da família reunida
celebrando a sua Missão.

SÃO TREZENTOS ANOS QUE JUNTOS ANDAMOS
AO LONGE, TÃO LONGE / E TÃO PERTO DE MIM.
AO LONGE, TÃO LONGE / E TÃO PERTO DE TI.

2. Se o passado se faz vida
o futuro se faz chão
que de novo nos convida:
faz-te ao largo, é a Missão.

3. A gente da outra margem
e a outra margem da gente
nos convocam pr'a viagem:
todos á linha da frente.

4. Faz-te ao largo é o convite
missionário é o que tu és.
A tua linha da frente
Passa-te á frente dos pés.

5. Aqueles que estão longe
nem estão ausentes nem sós.
Do silêncio de quem parte
Se levanta a nossa voz.

* João David, espiritano, coordenador dos JSF da região Porto.

Hino dos Jovens Sem Fronteiras

Por Firmino Cachada

SOMOS JOVENS SEM FRONTEIRAS
PARA NÓS NÃO HÁ BARREIRAS
TODOS OS JOVENS SÃO IRMÃOS
VAMOS ENTÃO DAR NOSSAS MÃOS.

Vamos pelo mundo fora
Levar a fraternidade
Pelas estradas do campo
Pelas ruas da cidade

Vamos levar a esperança
Que o mundo pode mudar
Que os homens podem sorrir
E os jovens podem cantar!

Vamos dizer não à guerra
À injustiça e à opressão
Acabar com a miséria
E ao racismo dizer não!

E pôr nossa juventude
Ao serviço do amor
Pela paz e pela justiça
Lutaremos com ardor!

Índice

Prefácio 3
Apresentação 5

Raízes

Encontro com a História JSF 20 anos solidários na Missão 10
Era uma vez... os Jovens Sem Fronteiras 22
Nascimento dos JSF em Braga 27
Inícios dos JSF no Porto 32
Um novo olhar 35
Beber na Fonte 38

Espiritualidade

Crónica do Jovem marcado pelo seu próprio nome 44
O Retiro como Deserto 50
A Herança de Libermann Com a força do Espírito 57
A Paz de Deus e o Deus da Paz 59
O comboio da descoberta 61
Maria, Mãe Sem Fronteiras 64

Pontes

Ponte 2000 em Moçambique Apostar forte nas escolinhas 70
Ponte 2001 em S. Tomé e Príncipe Um Amanhã Saudável 74
Ponte 2001 em S. Tomé e Príncipe Um Amanhã Saudável II 77
Ponte 2002 em Cabo Verde Crescer Responsável 80
Ponte 2003 em Angola Reconstruir na Esperança 85
Ponte 2004 em S. Tomé e Príncipe Vida Saudável 88
Ponte 2004 em Angola Dar um Rosto à Esperança 90
Ponte 2005 no Brasil Educação e Saúde ao Serviço da Justiça 93

Missão Aqui

Encontro Nacional 2001 Fiães - Sta. Maria da Feira 98
Encontro Nacional 2002 Carvalhal - Barcelos 101
Encontro Nacional 2003 Torre d'Aguilha - Cascais 103
Encontro Nacional 2004 Singeverga - Sto. Tirso 109
Encontro Nacional de Animadores 20 anos com Missão 111
Semana Missionária Missão em Vinhais - Bragança 114
Fátima Jovem 2000 Propostas para a Pastoral Juvenil Hoje 116
Taizé em Lisboa Jovens pela Paz 123
Jornadas Mundiais da Juventude Colónia 2005 128

Missão Solidária

Sol Sem Fronteiras **10 Anos de Solidariedade** 134
O Futuro está na Educação 138
SDER e Sol Sem Fronteiras **Escolas de Lisboa solidárias** 142
Voluntárias Missionárias em Angola **Paz e Tragédia Humanitária** 145
Voluntariado Missionário em Angola **Por terras de Malanje** 148
Voluntariado Missionário em Cabo Verde **Na Calheta de S. Miguel** 152
Olhar para a frente... 154
São Trezentos Anos 157
Hino dos Jovens Sem Fronteiras 158

3 5282 00648 1827

Duquesne University
3 5282 00648 1827

Este livro recolhe muitas sementes que têm sido lançadas ao campo da juventude, sobretudo através dos semeadores que, ao longo dos anos, têm trabalhado e animado os Jovens Sem Fronteiras. Partindo da espiritualidade dos fundadores da Congregação do Espírito Santo ou da experiência missionária concreta, os colaboradores desta publicação põem em destaque aspectos relevantes para a Missão sem fronteiras no Planeta Jovem.

Tal como o semeador presta mais atenção ao terreno e às raízes do que às folhagens e às flores, também aqui é importante realçar que os jovens precisam de enraizar a sua vida em fundamentos sólidos e em terra boa. É particularmente nessa terra bem tratada que Deus pode fazer germinar a semente da vocação para a Missão.

José Manuel Sabença
no Prefácio